



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA**

**ROBERTO FERNANDES DOS SANTOS JUNIOR**

**POR UMA “MUSEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO”:  
IMPACTOS DO PENSAMENTO DE HUGUES DE VARINE NO CAMPO  
MUSEAL BRASILEIRO**

Salvador,  
2019.

**ROBERTO FERNANDES DOS SANTOS JUNIOR**

**POR UMA “MUSEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO”:  
IMPACTOS DO PENSAMENTO DE HUGUES DE VARINE NO CAMPO  
MUSEAL BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Museologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Museologia.

Orientador: Prof. Dr. Clovis Carvalho Britto

Salvador,  
2019

**ROBERTO FERNANDES DOS SANTOS JUNIOR**

**POR UMA “MUSEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO”: IMPACTOS DO  
PENSAMENTO DE HUGUES DE VARINE NO CAMPO MUSEAL  
BRASILEIRO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Museologia, Programa de Pós-Graduação em Museologia, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia.

Aprovado em 25 de abril de 2019.

---

**Clovis Carvalho Britto – Orientador**

**Doutor em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias,  
ULHT, Portugal.**

**Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília, UnB, Brasil.  
Universidade Federal da Bahia/ Universidade de Brasília**

---

**Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha**

**Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP,  
Brasil.**

**Universidade Federal da Bahia**

---

**Judite Santos Primo**

**Doutora em Educação pela Universidade Portucalense Infante D. Henrique, UPIDH,  
Lisboa.**

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**

---

**Sabrina Damasceno Silva**

**Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ,  
Brasil.**

**Universidade Federal do Recôncavo da Bahia**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Santos Junior, Roberto Fernandes dos  
Por uma "Museologia da Libertação":  
Impactos do pensamento de Hugues de Varine no campo  
museal brasileiro / Roberto Fernandes dos Santos  
Junior. -- Salvador, 2019.  
156 f.

Orientador: Clovis Carvalho Britto.  
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em  
Museologia) -- Universidade Federal da Bahia,  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2019.

1. Museologia. 2. Hugues de Varine. 3. Trajetória.  
4. Nova Museologia. 5. Museologia da Libertação. I.  
Britto, Clovis Carvalho. II. Título.

Dedico esse trabalho a mulher mais arretada, a qual eu tenho a dádiva de chamar de mãe. Edineide Maria dos Santos, guerreira e lutadora que, em meio as dificuldades que encontrou pelo caminho, nunca desistiu da minha formação acadêmica.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer, é um sopro singelo de entrelaçamento de uma qualidade humana e do reconhecimento do que foi produzido ao longo do caminho diante de frutuosas ligações pessoais e interpessoais. Com isso, não quero nesse momento, buscar uma definição para o sentimento de gratidão, pois esse deve ser vivido e partilhado em sua plenitude. Peço licença a minha ancestralidade, aos negros fugidos das senzalas dos engenhos de Sergipe del Rey, e dos índios que povoaram as terras de meu quilombo-aldeia. Aos meus irmãos e familiares que hoje habitam o Orun e os que caminham junto comigo no Aiye, início os meus agradecimentos.

Aos meus referenciais de vida, a quem eu prometi continuar o caminho do conhecimento, Seu Walter Batista (*In Memoriam*) e a Dona Marina dos Santos (*In Memoriam*), meus avós maternos. Aprendi com vocês a bela arte de viver na simplicidade, de ser um legítimo descendente de uma comunidade marcada por uma história em que o sangue de meus irmãos nutriram a terra de onde colhemos a resistência diária para continuar seguindo em frente.

A minha avó paterna, Dona Olímpia Fernandes, negra alagoana da cidade de Piaçabuçu. Que se aventurou, saindo de uma senzala, para buscar o sustento de sua família em Sergipe, sou grato pela coragem que herdei de ti mulher. Essa que tanto contribui para o crescimento econômico da cidade em que moramos, sendo operária em uma fábrica de beneficiamento de coco, para sustentar os seus filhos.

As colunas que sustentam a minha vida, minha mãe Edineide Maria e meu pai Roberto Fernandes. Pensar no sacrifício que vocês passaram, hoje me orgulha de dizer que sou filho de duas pessoas que largaram os brinquedos e a inocência da infância para poder ajudar com o sustento da família. Mesmo com pouca escolaridade, nunca deixaram de me incentivar aos estudos, como continuam se dedicando a meu irmão mais novo, Rafael Fernandes, como me apoiaram na decisão da partida para galgar novos horizontes. O filho do pedreiro e da porteira, que ousaram até em retirar material escolar do lixo para que eu tivesse uma boa formação, hoje se torna um Mestre.

A minha segunda mãe, Vera Luzia, e a minha tia, Maria Lúcia Fernandes (*In Memoriam*), pilares da minha formação inicial e que hoje acompanham minha trajetória.

Por todo esse trajeto, minha vida foi marcada pela presença de professores-amigos que sempre ousaram em querer me dar asas para ir além. Da Museologia ao Teatro, conheci

peessoas que foram imprescindíveis para que eu alcançasse mas um degrau de minha vida acadêmica. Aos professores Samuel Albuquerque, Neila Maciel, Ana Karina, Michel Platini, Roberto Laplange e Alexandra Dumas. Profissionais de extrema humildade e generosidade que acompanharam minhas angústias e sofrimentos durante a graduação e que me conduziram a pós-graduação.

Não poderia deixar de agradecer ao grande apoio recebido do meu amigo, o professor Fernando Aguiar.

Agradeço de forma especial a Ana Dumas, irmã da professora Alexandra, que me recepcionou em sua casa, vibrando junto comigo em cada etapa vencida no processo de seleção.

A Associação de Canoeiros e Usuários das Tototós do Estado de Sergipe-ASTOTOTÓS, a qual sou diretor social, que me possibilitou o recurso para que eu pudesse me inscrever no processo seletivo para o mestrado.

A partir daqui, agradeço a minha estada no Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia. Que em especial, devo agradecer a paciência do professor Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha, durante o meu processo de matrícula no PPGMUSEU, mediante os impedimentos “gerados” para que impossibilitasse meu ingresso.

Aos professores e professoras: Rita de Cassia Maia da Silva (Teoria Museológica e ACCS do Museu dos Vivos), José Cláudio Alves de Oliveira (Pesquisa Museológica), Mariela Brazón Hernández (Análise Crítica da Imagem e Contextos Socioculturais), Cecilia Conceição Moreira Soares (Tirocínio Docente), Suely Moraes Cerávolo (Tirocínio Docente), Solyane Silveira Lima (PPGE – História e Educação), Sidélia Santos Teixeira, Joseania Miranda Freitas, Maria das Graças de Souza Teixeira e Mário de Souza Chagas. A esses que se fizeram presentes de forma direta ao que pude colher do Mestrado em Museologia, muito obrigado por tudo que me foi transmitido e ensinado.

Agradeço as contribuições da minha banca de qualificação, composta pelas professoras: Suely Moraes Cerávolo (UFBA) e Camila Azevedo de Moraes Wichers (UFG).

Para agradecer a você Clovis Carvalho Britto, meu (des)orientador, começo com uma frase de Cora Coralina: “Há muros que só a paciência derruba e há pontes que só o carinho constrói”. Trilhar o caminho que até agora ousei, não seria possível sem a sua grande e inestimável colaboração. Quando na graduação fui agredido pelos rigores da violência simbólica e excludente de algumas pessoas da academia, você pacientemente me mostrou que

eu podia alçar voo e seguir em frente, mesmo que essas pessoas insistissem em perpetrar armadilhas pelos nossos caminhos. A você, meu orientador na academia e na vida, só me resta agradecer infinitamente por não me abandonar, quando mais precisei, sempre paciente e inspirador, obrigado por me possibilitar construir mais uma ponte na minha vida. Que você continue sendo “o caçador (que) traz alegria”, Okê Aró!!!

A Patrick Nascimento e Patrícia Rojas, secretários do Departamento de Museologia e do PPGMUSEU, que sempre se prontificaram em acompanhar os discentes da pós-graduação no tocante a dúvidas sobre diversas questões voltadas ao nosso planejamento acadêmico. A todos os demais funcionários da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, imprescindíveis para a minha formação.

As professoras Yara Mattos (UFOP) e Maria Célia Santos, pela disponibilização de materiais e entrevistas que integram esse trabalho.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES, pela concessão da bolsa que garantiu a minha permanência no Mestrado durante os dois anos de sua vigência.

Aos presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Vana Rousseff que, por meio da ampliação e valorização das políticas públicas para cultura e educação, possibilitaram que os filhos desse grande país tivessem acesso a uma formação digna. Não como política de compensação histórica, mas como política de inclusão social de um país que volta a ser ameaçado pela censura e pela falta de incentivo à educação.

Aos meus colegas de turma: Camila Paes, Cátia Braga, Gabriela Santos, Izabel Cristina, Jarryer Pinheiro, Jislaine Santana, Luciana Moniz, Maris Stella, Milena de Jesus, Moari Castro, Rafael Jesus e Tatiana Aragão. Pelo companheirismo nessa trajetória, marcada por nossos momentos de alegria e descontração em sala de aula, ou mesmo nos encontros no Rio Vermelho.

A minha gratidão a Hugues de Varine por me acompanhar durante este itinerário museológico, me auxiliando na elaboração do trabalho com o propósito de apresentar questões e questionamentos sobre o seu pensamento no âmbito da Museologia Brasileira.

A meu amigo, irmão e companheiro de jornada, Menderson Correia Bulcão. Sou grato pelo encontro poético de nossas almas aos pés do caboclo do Campo Grande. Com você, pude desfrutar da mais fiel das companhias nos diversos momentos dessa travessia. O encontro marcado pelo solo de massapê que foi fertilizado e fecundado por nossos ancestrais. A tia

Perilia, que assim chamo carinhosamente por ser referencial materno nas terras baianas, mulher guerreira a quem sou grato por ter a graça de o conhecer.

A meus amigos e colegas soteropolitanos: Thiago Saulo, Fábio Santos, Alberto Carvalho, Vanderlei Oliveira, Rodrigo Santos, Tom Forte, Joelson Cerdin, Dona Marcia e a comunidade do Ilê Iyá Omin Axé Iyá Massê (Terreiro do Gantois), pelo acolhimento e cuidado. Aos meus amigos e colegas sergipanos: Antegines Gomes, Mary Almeida, Lucas Dias, Bruno Oliveira, Laira Paloma, Elaine Cristina, Angélica Pereira, Luany Santos, Wallysson Bispo, Lúcio Santos e Darly Anderson.

Muito mais do existirem para os objetos,  
os museus devem existir para as pessoas.  
Hugues de Varine (1976)

JUNIOR. Roberto Fernandes dos Santos. Por uma “Museologia da Libertação”: impactos do pensamento de Hugues de Varine no campo museal brasileiro, 154 f. il. 2019. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

## RESUMO

A pesquisa analisa pelo viés teórico-prático, a trajetória do pesquisador e consultor internacional de desenvolvimento Hugues de Varine. Objetiva compreender os impactos do seu pensamento na concepção de desdobramentos para a corrente teórica da Nova Museologia, a partir da proposta da “Museologia da Libertação” no Brasil. Utiliza como subsídio os conceitos de “trajetória”, “campo” e “teoria da prática” do sociólogo Pierre Bourdieu, para problematizar os mecanismos e ações que o consolidaram como pioneiro de práticas neomuseológicas no âmbito brasileiro e internacional. A partir da produção de um legado, construído com base na realização de atividades, principalmente a Mesa Redonda de Santiago do Chile em 1972, referente ao período de sua estada na diretoria do Conselho Internacional de Museus-ICOM, e na produção de agências e agenciamentos derivados das consultorias que ele realizou em diversos países, com enfoque na sua relação com o pedagogo Paulo Reglus Neves Freire, investiga a consolidação e disseminação de novos padrões museais no Brasil. A partir daí, fazendo uso de um apanhado de fontes, como: entrevistas, depoimentos, fotografias e produção bibliográficas, desvela pontos e especificidades da sua trajetória que impactaram na forma e no pensamento museológico brasileiro. O trabalho demonstra como as ações de Varine resultaram na disseminação de eventos e na criação de novas instituições que tem como pano de fundo o seu trabalho como consultor. Ressalta, nesse aspecto, a realização do I Encontro Internacional de Ecomuseus (1992) e, como recorte, a criação do Ecomuseu de Itaipu (PR), do Ecomuseu da Amazônia (PA), do Ecomuseu da Serra de Ouro (MG) e do Ecomuseu Comunitário de Santa Cruz (RJ), bem como uma breve análise dos impactos do seu pensamento nas políticas públicas museais, como mecanismos de produção de uma “griffe” museológica reconhecida por alguns pesquisadores como “Museologia da Libertação”, conceito cunhado pela museóloga Odalice Miranda Priosti.

**Palavras-chave:** Museologia; Hugues de Varine; Trajetória; Nova Museologia; Museologia da Libertação.

JUNIOR. Roberto Fernandes dos Santos. Pour une "muséologie de la libération": impacts de la pensée de Hugues de Varine dans le domaine des musées brésiliens, 154 p. yl. 2019. Mémoire de maîtrise - Faculté de philosophie et de sciences humaines, Université fédérale de Bahia, Salvador, 2019

## RÉSUMÉ

La recherche analyse par le biais théorique-pratique, la trajectoire du chercheur et consultant en développement international Hugues de Varine. Il vise à comprendre les impacts de sa pensée dans la conception du déploiement pour le courant théorique de la nouvelle muséologie, à partir de la proposition de "muséologie de la libération" au Brésil. Il utilise comme subvention les concepts de "trajectoire", "terrain" et "théorie de la pratique" du sociologue Pierre Bourdieu pour problématiser les mécanismes et les actions qui l'ont consolidé en tant que pionnier des pratiques néo-toxicologiques dans le contexte brésilien et internationale. De la production d'un héritage, construit sur la base d'activités, en particulier la Table ronde de Santiago du Chili en 1972, faisant référence à la période de son séjour au conseil d'administration du Conseil international des musées (ICOM) et à la production d'agences et d'agences dérivé des services de conseil qu'il a rendus dans plusieurs pays et centré sur ses relations avec le pédagogue Paulo Reglus Neves Freire, étudie la consolidation et la diffusion de nouvelles normes muséales au Brésil. À partir de ce moment, l'utilisation d'une collection de sources, telles que des interviews, des témoignages, des photographies et une production bibliographique, révèle les points et les spécificités de sa trajectoire qui ont affecté la forme et la pensée muséales brésiliennes. Le travail montre comment les actions de Varine ont abouti à la diffusion d'événements et à la création de nouvelles institutions ayant pour toile de fond le travail de consultant. À cet égard, la première réunion internationale sur les écomusées (1992) et, à titre de coupe, la création de l'écomusée d'Itaipu (PR), de l'écomusée de l'Amazone (PA), de l'écomusée de la Serra de Ouro (MG) et du Écomusée communautaire de Santa Cruz (RJ), ainsi qu'une brève analyse des impacts de sa pensée sur les politiques publiques des musées, en tant que mécanisme de production d'un musée "griffe" reconnu par certains chercheurs comme "muséologie de la libération", un concept inventé par le muséologue Odalice Miranda Priosti

**Mots-clés:** muséologie; Hugues de Varine; Trajectoire; Nouvelle muséologie; Muséologie de la libération.

JUNIOR. Roberto Fernandes dos Santos. For a "Museology of Liberation": impacts of the thought of Hugues de Varine in the Brazilian museum field, 154 f. yl. 2019. Dissertation (Master degree) - Faculty of Philosophy and Human Sciences, Federal University of Bahia, Salvador, 2019.

## ABSTRACT

The research analyzes by the theoretical-practical bias, the trajectory of the researcher and international development consultant Hugues de Varine. It aims to understand the impacts of his thought in the conception of unfolding for the theoretical current of New Museology, from the proposal of "Museology of Liberation" in Brazil. It uses as a subsidy the concepts of "trajectory", "field" and "theory of practice" by sociologist Pierre Bourdieu, to problematize the mechanisms and actions that consolidated it as a pioneer of neomuseological practices in the Brazilian context and international. From the production of a legacy, built on the basis of activities, especially the Round Table of Santiago de Chile in 1972, referring to the period of his stay on the board of the International Council of Museums (ICOM), and the production of agencies and agencies derived from the consulting services he has carried out in several countries, focusing on his relationship with the pedagogue Paulo Reglus Neves Freire, investigates the consolidation and dissemination of new museum standards in Brazil. From then on, using a collection of sources, such as: interviews, testimonies, photographs and bibliographic production, reveals points and specificities of his trajectory that impacted Brazilian museological form and thought. The work demonstrates how Varine's actions have resulted in the dissemination of events and the creation of new institutions that have as background the work as a consultant. In this regard, the I International Meeting on Ecomuseums (1992) and, as a cut, the creation of the Ecomuseum of Itaipu (PR), the Ecomuseum of the Amazon (PA), the Ecomuseum of Serra de Ouro (MG) and the Community Ecomuseum of Santa Cruz (RJ), as well as a brief analysis of the impacts of his thought on the public policies of museums, as mechanisms of production of a museum "griffe" recognized by some researchers as "Museology of Liberation", a concept coined by the museologist Odalice Miranda Priosti.

**Keywords:** Museology; Hugues de Varine; Trajectory; New Museology; Museology of Liberation.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABREMC – Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários

CNC – Conferência Nacional de Cultura

CEOM – Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina

CPNEM – Caderno da Política Nacional de Educação Museal

DFPNEM – Documento Final da Política Nacional de Educação Museal

EIEMC – Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários

FNM – Fórum Nacional de Museus

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

ICOFOM – Comitê Internacional de Museologia

ICOM – Conselho Internacional de Museus

ICOMOS – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios

INODEP – Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos

MG – Minas Gerais

MINON – Movimento Internacional para uma Nova Museologia

MNES – Movimento para Nova Museologia e Experimentação Social

NOPH – Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica

PA – Pará

PR – Paraná

PNC – Plano Nacional de Cultura

PNM – Política Nacional de Museus

PNEM – Política Nacional de Educação Museal

PNSM – Plano Nacional Setorial de Museus

RJ – Rio de Janeiro

SE – Sergipe

TL – Teologia da Libertação

TBC – Turismo de Base Comunitária

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>1. NAS ENTRELINHAS DA MUSEOLOGIA: CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA TRAJETÓRIA</b> .....	33
1.1 Hugues de Varine e o campo da Museologia: objetivar o sujeito objetivado .....	40
1.2 Impactos museais: os rastros deixados por um novo paradigma.....	48
1.3 Um militante da Nova Museologia: as reverberações de um pensamento-ação .....	57
<b>2. ESTRUTURA E MUDANÇA: A EMERGÊNCIA DE POSIÇÕES E DISPOSIÇÕES MUSEOLÓGICAS</b> .....	65
2.1 Entre um “Tempo Social” e as “Raízes do Futuro” da Museologia: análise de uma bibliografia .....	70
2.2 Perspectivas acerca de um encontro: diálogos entre Paulo Freire e Hugues de Varine.....	78
2.3 Por uma “Museologia da Libertação”: articulações entre Museologia, Pedagogia e Teologia.....	84
<b>3. DA TEORIA A MILITÂNCIA: SUBSÍDIOS PARA O DELINEAMENTO DE UMA “TEORIA DA PRÁTICA”</b> .....	91
3.1 Interfaces teóricas: cultivando raízes para o futuro da “Nova Museologia” .....	96
3.2 A configuração de ecomuseus: execução de uma nova prática museal no Brasil? 103	
<b>(IN) CONCLUSÕES</b> .....	132
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	136
<b>APÊNDICES</b> .....	143

## INTRODUÇÃO

Em meados de 2014 conheci a obra de Hugues de Varine<sup>1</sup>. Meu contato se deu a partir de inquietações no campo das teorias da Museologia e dos debates na disciplina Museologia e Desenvolvimento Social, que integra a grade curricular do curso de bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Sergipe. Nesse período fui selecionado para participar como bolsista do projeto de iniciação científica intitulado: “Sob o véu de Mnemosyne: a museóloga Maria Thetis Nunes e os ‘silêncios da história’ no Museu Galdino Bicho”, que realizou uma abordagem sobre a trajetória e os silenciamentos das mulheres no campo museal, em especial no Estado de Sergipe, concluído em fins de 2015. A busca por um objeto de pesquisa que agregasse algo no campo teórico me reportou a experiência vivida em sala de aula com a análise e aplicação das fichas práticas do livro *Raízes do Futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local* (2012) de autoria de Hugues de Varine.

Essa experiência foi endossada pelo meu orientador, o professor Dr. Clovis Carvalho Britto, ao estimular uma pesquisa sobre os impactos da trajetória de Hugues de Varine para o campo museal brasileiro. Enfim produzi o trabalho intitulado “Por uma ‘Museologia da Libertação’: Patrimônio e Desenvolvimento Local em Hugues de Varine”, que foi apresentado no dia 06 de abril de 2017 como trabalho de conclusão de curso do meu bacharelado em Museologia. O mesmo se desdobrou para compor o projeto de pesquisa “Patrimônio e Desenvolvimento Local em Hugues de Varine: Itinerários de uma ‘Museologia da Libertação’ no Brasil”, que foi aprovado pela Linha 1 - Museologia e Desenvolvimento Social do Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia.

Reconheço que a Museologia é uma das disciplinas que perseguem uma trajetória de consolidação e legitimação no campo científico contemporâneo. No entanto, a expansão de uma ciência em construção traria consigo muitos entraves e conflitos para a sua configuração. A falta de uma objetividade em relação ao seu objeto de estudo endossa os discursos das pessoas/instituições que põem em dúvida a sua legitimidade enquanto ciência. Em grande parte, os trabalhos e produções englobam ideias e práticas de outras áreas do conhecimento a

---

<sup>1</sup> Durante uma conversa via correio eletrônico, Varine me informou sobre o uso do seu nome e, por essa razão, assim o utilizaremos ao longo da dissertação. Diante do título provisório da minha dissertação, assim escreveu: “[...] meu nome “normal”, que utilizei nos últimos 45 anos e que utilizarei pelo resto da minha vida, é ‘Hugues de Varine’. Quando estive no ICOM (até 1974), utilizei um apelido mais completo ‘Hugues de Varine-Bohan’ e assinei assim os documentos oficiais. No meu cartão de identidade francês e no meu passaporte, o apelido é ‘Hugues Michet de Varine-Bohan’, uma construção genealógica de tipo quase português! Mas agora, creio que seja mais compreensível utilizar o nome atual, porque todos meus livros e artigos dos últimos 45 anos são assinados por um autor chamado Hugues de Varine.” (VARINE, 2018)

partir da proposta da interdisciplinaridade. Com isso, se faz necessário um estudo da configuração do pensamento museológico na contemporaneidade, para podermos visualizar as escolas de pensamento, teorias e métodos que constituem esse cenário.

Essas transformações têm como mote uma aproximação e consolidação de uma política de pertencimento dos bens culturais pela sociedade que os produz, voltada a aspectos que perseguiriam a sustentabilidade e o desenvolvimento comunitário. De acordo com Hugues de Varine consiste em um “[...] movimento de contestação da Museologia tradicional e de experimentação de novas formas de museus que valorizam o lugar dos museus na sociedade e novos modos de gestão de coleções.” (In: SANTOS JUNIOR, 2017, p. 57)

Nas entrelinhas desse novo paradigma<sup>2</sup> museal observo os entraves e as dificuldades percorridas desde a metade do século XX, em que foi iniciado um processo de consolidação de um novo modo de se pensar museu enquanto instituição que atende não só os seus interesses internos, como também a possibilidade de seu funcionamento como ferramenta de desenvolvimento local e territorial, como forma de cumprimento/ampliação da sua função social.

Neste texto, utilizarei os conceitos da Museologia Social<sup>3</sup> e Sociomuseologia<sup>4</sup> como sinônimos para traduzir esse novo olhar sobre o campo dos museus e da Museologia contemporânea. A prefiguração desse modo de se pensar o museu enquanto equipamento de participação das comunidades e de valorização das diferenças culturais, aponta para uma trajetória ainda em busca de consolidação. Todavia, essas problematizações só foram

---

<sup>2</sup> De acordo com Thomas Kuhn (1998), “[...] o termo “paradigma” é usado em dois sentidos diferentes. De um lado, indica toda a constelação de crenças, valores, técnicas, etc..., partilhadas pelos membros de uma comunidade determinada. De outro, denota um tipo de elemento dessa constelação: as soluções concretas de quebra-cabeças que, empregadas como modelos ou exemplos, podem substituir regras explícitas como base para a solução dos restantes quebra-cabeças da ciência normal.” (p. 219) Pode-se portanto que na distribuição da dualidade paradigmática, o primeiro sentido refere-se a produção teórica diante de um campo ou disciplina. Já o segundo segmento está pautado na comprovação prática das formulações elaboradas no sentido anterior. Ou seja, para a sustentação de um determinado paradigma no campo científico, há de se teorizar e colocar a prova metodologicamente a nova proposta de aplicação de uma determinada experiência, ou o rompimento com um paradigma clássico.

<sup>3</sup> Atila Tolentino (2016), apresenta que “a museologia social, [...] é uma prática museológica que tem como pressupostos uma museologia que desloca seu foco do objeto para o homem, considerando-o como sujeito produtor de suas referências culturais, e engajada nos problemas sociais, de uma forma integral, das comunidades a que serve o museu. Para a museologia social, nas funções básicas de um museu, como preservar, pesquisar e comunicar, que devem ser executadas de forma participativa, os sujeitos sociais são a preocupação primeira, bem como os problemas sociais, econômicos, políticos e ambientais enfrentados pelas comunidades, com vistas à luta e à busca por seu desenvolvimento sociocultural.” (p. 31-32)

<sup>4</sup> A Sociomuseologia, configurada como uma área disciplinar, como sugere Moutinho (2014), dá conta das questões que envolvem o campo da museologia social, como também reflete sobre a atuação dos museus de uma forma geral, isto é, podem ser objeto de estudo e reflexão da Sociomuseologia tanto as “museologias indisciplinadas”, como as “museologias colonizadoras e colonizadas” (CHAGAS & GOUVEIA, 2014) e suas respectivas práticas. (TOLENTINO, 2016, p. 31)

possíveis graças às configurações oriundas daquilo que se convencionou chamar de Nova Museologia, e que me deterei detidamente ao longo desta dissertação. Muitos esforços foram e ainda são empreendidos por uma parcela significativa de teóricos do campo museal para que haja uma conscientização dos benefícios que podem ser adquiridos com esse modelo de construção coletiva e participativa, em que há agentes de desenvolvimento local trabalhando em parceria com a instituição.

Se até então parte dos agentes dos museus apresentava uma perspectiva de endeusamento do objeto como fonte principal de estudo e experiência, com as novas orientações da Museologia esse protagonismo passa a ser questionado por alguns agentes, mas de forma com que a comunidade intervenha no que ela quer que seja apresentado e experimentado. Em seu relato, Pierre Bourdieu (1983) apresenta o conceito de campo como “um espaço de jogo, um campo de relações objetivas entre indivíduos ou instituições que competem por um mesmo objeto” (p. 2). Essas transformações no campo da Museologia contribuíram para que uma parcela de agentes problematizassem a construção de um espaço de diálogo permanente entre a instituição/museu e seu entorno/comunidade para que houvesse a interação entre essas duas instâncias sociais, assegurando a consolidação no plano museológico e comunitário.

De acordo com André Desvallès e François Mairesse (2013), o campo museal tem se esforçado, desde a metade o século XX, em “refletir sobre seus fundamentos”, com o intuito de expor “respostas claras e compreensíveis àqueles que questionam a relevância do museu para a sociedade e seus cidadãos” (p. 12) Para tanto, reconhecem que a responsável por construir o “[...] questionamento crítico e teórico do campo museal é a museologia, enquanto que o seu aspecto prático é designado como museografia” (p. 22) Nesse aspecto, uma das demandas do campo museal é se apresentar como estrutura responsável pela luta em prol da concepção e atualização de seu status científico.

Na estruturação de um campo de atuação marcado pelo pioneirismo nas práticas de inclusão de diferentes grupos sociais nos museus e na Museologia, o trabalho apresentará tais embates a partir da trajetória de Hugues de Varine e as marcas que ele tem deixado na disciplina. O intuito será percorrer aspectos de sua trajetória na configuração de um novo olhar sobre os museus e a Museologia apresentando, assim, indícios de embates existentes no campo museal com a proposta de ressignificação da função museal. Partindo desses pressupostos, o trabalho tem como base uma análise da trajetória e os impactos do

pensamento de Hugues de Varine no Brasil, um dos responsáveis pela sistematização de referenciais teórico-metodológicos ligados a chamada Nova Museologia.

Do momento em que esteve à frente do Conselho Internacional de Museus-ICOM até hoje, Hugues e suas publicações movimentam o campo da produção museológica internacional com projetos e consultorias de implantação de unidades museais comunitárias. Com base nessa afirmação o trabalho fará um levantamento bibliográfico sobre a trajetória de Hugues de Varine, pesquisando indícios de sua atuação nas entrevistas concedidas por ele, como também textos e artigos publicados pelo pesquisador a respeito de seu pensamento no campo da Museologia, principalmente no que tange a possível constituição do que pode ser considerada uma “Museologia da Libertação”, conceito adaptado do pensamento de Paulo Freire (2014) e sistematizado por Odalice Miranda Priosti (2010), especialmente em suas ressonâncias no Brasil.

Segundo Varine, “[...] muito se fala sobre o diálogo de Paulo Freire e os museus brasileiros, à exceção de Odalice, creio que não houveram pesquisas ou publicações que enfocaram claramente uma ‘Museologia da Libertação’” (*In*: SANTOS JUNIOR, 2017, p. 50). Para tanto, torna-se importante compreender as estratégias teóricas e práticas que configuram a proposta de Hugues de Varine visando iluminar suas especificidades e tensões, especialmente a partir da visualização de suas consultorias para a implementação/consolidação de práticas da Museologia Comunitária no Brasil, tendo como foco as atividades que foram desenvolvidas em diversas instituições.

No âmbito da produção teórica do campo museológico, alguns pesquisadores destacam a contribuição de Hugues de Varine enquanto importante agente. (PRIOSTI 2010; CHAGAS 2000; CHAGAS e GOUVEIA 2014; SANTOS, 2008). Em grande parte, apresentam estudos de caso de projetos ou iniciativas em torno das práticas metodológicas de Varine ou enfatizam o museu como agente de “desenvolvimento local”. Termo bastante citado por Varine devido a sua profissão como Consultor Internacional de Desenvolvimento na qual ele explica que “o desenvolvimento local, mesmo considerado em sua dimensão econômica, é antes de tudo um assunto de atores, e, sobretudo, de atores locais [...] membros de uma comunidade de vida e de cultura da qual compartilham.” (VARINE, 2012, p. 18)

Hugues de Varine nasceu em 1935, na França. É formado em História e possui pós-graduação na mesma área. Pouco depois de concluir sua graduação, ele fez o curso da Escola do Louvre, o qual se recusou em concluir. Alguns anos após essa desistência, ele se tornou membro do Conselho Internacional de Museus – ICOM, assumindo sua vice-diretoria e,

posteriormente, a direção geral. É um dos pioneiros da Nova Museologia e das reflexões sobre os ecomuseus e museus comunitários, assim como André Desvallées, Mário Moutinho e Pierre Mayrand e Waldisa Rússio. Integrou o Ecomuseu Creusot-Montceau, na França, projeto ecomuseológico pioneiro que teve a participação de nomes como Georges Henri Rivière, Marcel Évrard e Mathilde Bellaigue. É membro do Movimento Internacional para uma Nova Museologia – MINOM e, atualmente, realiza atividades como consultor internacional em patrimônio e desenvolvimento comunitário.

Na verdade, a trajetória de Hugues de Varine está imbricada com a história da Museologia, por isso o tom testemunhal que atravessa seus escritos, tornando-se indício significativo para a compreensão das transformações do pensamento museológico, conforme registrou na apresentação de sua obra *Raízes do Futuro*: “apresentar uma experiência pessoal, única e subjetiva, que é também um testemunho.” (VARINE, 2012, p. 7)

Durante dez anos (1964-1974), Varine fez parte do ICOM, onde iniciou um trabalho de aproximação com a realidade vivida pelas instituições museais e museológicas de diferentes continentes, a fim de propor mudanças significativas no modo de pensá-las e geri-las. Sobretudo participando e formulando o debate em torno da Nova Museologia em diversos espaços de diálogo, como nas reuniões de Santiago do Chile (1972), Quebec (1984), Caracas (1992) e no Rio de Janeiro (1992), por exemplo. Atualmente atua como consultor internacional, trabalhando na consolidação e abertura de Museus Comunitários ou Ecomuseus, termo que ele criou em meio a “um debate sobre a função dos museus na sociedade, de que forma que um território sobre o qual vive uma população se mobiliza a partir das suas memórias. O ecomuseu representa um debate que cruza a questão da interdisciplinaridade, do ambiente e a comunidade” (LEITE, 2015, p. 1).

Nesse caso, considero Hugues de Varine como um “guardião da memória”, nos moldes propostos por Ângela de Castro Gomes (1996), especificamente da memória do campo dos Museus Comunitários. Esse papel fica mais evidente quando a pesquisadora apresenta o “guardião” ou “mediador” como um “‘narrador privilegiado’ da história do grupo a que pertence e sobre o qual está autorizado a falar”, visto que ele possui as marcas “tanto porque se torna um ponto de convergência de histórias vividas por muitos outros do grupo (vivos e mortos), quanto porque é o ‘coleccionador’ dos objetos materiais que encerram aquela memória” (p. 7), concluindo que os ‘objetos de memória’ “são eminentemente bens simbólicos que contêm a trajetória e a afetividade do grupo.

Sejam documentos, fotos, filmes, móveis, pertences pessoais etc., tudo tem em comum o fato de dar sentido pleno, de “fazer viver” em termos profundos o próprio grupo” (GOMES, 1996, p. 7). Diante desses aspectos, Hugues de Varine assume a guarda dessa memória e se torna um personagem importante por ser um dos pioneiros da Museologia Comunitária, obtendo reconhecimento em âmbito internacional. Sua trajetória na longa duração atravessou o século XX e ainda continua impactando o pensamento em torno dos museus e da Museologia no que, metodologicamente, propicia recuperar aspectos significativos da história da disciplina e visualizar os impactos de seu pensamento a partir de discussões teóricas, projetos de intervenção e tensões em torno de seu pensamento.

O seu pensamento e atividades endossam a legitimidade desse seu papel por ele ter participado de momentos cruciais na formulação de uma outra forma de atuação no campo museal. Além disso, “a guarda de uma memória comum é fator essencial na formação em manutenção de grupos (de tamanhos e tipos variados), bem como é elemento base de sua transformação” (GOMES, 1996, p. 6-7). Dessa forma, meu argumento é que ao reconstruir determinados aspectos de sua trajetória de vida é possível recuperar momentos centrais da história da Museologia. A pesquisa, assim, teve como foco um levantamento dos indícios que constituem a trajetória de Varine no campo da Museologia, com base nas entrevistas concedidas por ele e divulgadas no cenário museológico, sua produção intelectual e experiências concretas, visando compreender os impactos de sua atuação no campo museal brasileiro, exercício ainda pouco explorado. Sobre os impactos da trajetória de Hugues de Varine no Brasil existem trabalhos que investigam ações pontuais resultantes de suas consultorias, a exemplo dos textos de Odalice Priosti (2010), Izabela Moreira e Tatiara Ribeiro (2014) e Maria Terezinha Martins (2014). Sobre as reverberações de seu pensamento no âmbito da teoria museológica no Brasil ainda são necessários maiores aprofundamentos, projeto a que pretendo me dedicar nos próximos anos.

No intuito de identificar as atividades ligadas à criação de teorias para atender esse novo olhar no campo museal, o trabalho reconhece as inquietações em torno da constituição de uma teoria ou de teorias da Museologia. De acordo com Suely Cerávolo (2004), “a Museologia como área do conhecimento conta com uma história de formação a ser lembrada. Os delineamentos para a formação de sua teoria foram gerados no plano internacional [...] no decorrer das décadas de 70 e 80 do século XX” (p. 237-238). Todavia, observa-se certa fragilidade na consolidação dessa disciplina que endossa a “necessidade de uma Museologia teórica” (p. 239). A Museologia é considerada “[...] como disciplina científica provedora do

desenvolvimento dos museus e seus profissionais, estudando o papel dos museus na sociedade, suas atividades e funções, de forma a incentivar a análise crítica das principais tendências apresentadas naquele momento” (p. 239). O museu surge, assim, como “um objeto de estudo”, passando a ser visualizado como um “fenômeno”, no que “[...] lhe possibilita incluir as mais diversas manifestações e as mais variadas formas” (p. 240).

Na delimitação do que pode ser reconhecido como “pensamento museológico”, ocorreu “[...] a modelagem de certo núcleo de ideias, que embora tomassem até rumos contrários, formou um conjunto de referências relativamente mais estáveis e conhecidas” (CERÁVOLO, 2004, p. 242). Surge, dessa maneira, uma tensão que prevalece até hoje, no que diz respeito à teoria e a metodologia a ser aplicada. Com “essa bipolarização criada entre prática e teoria [...], mesmo que houvesse composições entre uma e outra, pelo fato de sublinhar que refletir sobre museologia representou um investimento maior sobre sua natureza” (p. 246). Além disso, ainda há uma preocupação em conceber a Museologia de acordo com “requisitos acadêmicos” (p. 250)

Nesses termos, as propostas teóricas e práticas de Varine contribuirão para orientar os debates visualizando de que modo tais problematizações têm sido enfrentadas no caso brasileiro. Dessa maneira, argumento que o campo de atuação da proposta de Varine é definido em consonância com as práticas de desenvolvimento comunitário que têm por objetivo uma relação de familiaridade de um determinado núcleo de agentes com a potencialidade expressa pelo seu patrimônio em meio a uma possibilidade de realização de um estudo que opera em modo prático.

Ressalto a importância de alguns pontos específicos da sua contribuição ao campo museal brasileiro, pois o seu pensamento tem impactos significativos na formação e no pensamento de alguns teóricos como: Maria Célia Teixeira Moura Santos, Waldisa Rússio Camargo Guarnieri e Mário de Souza Chagas. A maioria de suas obras foi traduzida para o português devido a relevância dos seus escritos na aplicação e consolidação de suas práticas em território brasileiro. Varine esteve diretamente incorporado na equipe que criou o primeiro ecomuseu do Brasil (Ecomuseu de Itaipu), como em diversas outras experiências espalhadas pelo país. Por essas razões, justifico a necessidade de entender a sua trajetória no campo museal brasileiro, no viés teórico com a inserção e disseminação de sua teoria e na realização de processos museológicos.

Nesse aspecto, o objetivo geral da pesquisa é analisar a contribuição do pesquisador a partir de um estudo do seu pensamento na construção de teorias e práticas da “Nova

Museologia”, tendo como recurso os impactos da sua proposta de “Museologia da Libertação” no Brasil. Para tanto, investigo aspectos da trajetória de Varine no campo museal brasileiro a partir da implantação de uma quantidade significativa de ecomuseus no país, dos impactos da sua teoria no pensamento de pesquisadores brasileiros e o seu papel de militância na consolidação de instituições e eventos relacionados ao paradigma da “Nova Museologia”.

A trajetória de Varine consiste em exemplo profícuo para compreender as estratégias dos agentes que fabricaram algumas das propostas que traduziram um dos eixos centrais do pensamento da “Nova Museologia”, marcada pelas noções de “museu integral” e de “função social dos museus”:

Com função social declarada e assumida a partir da Mesa Redonda de Santiago do Chile, em 1972, o museu passa de sua versão verticalizada, desenhada segundo os modelos clássicos herdados do século XIX, a uma situação que didática ou pedagogicamente vem se fortalecendo por seu caráter transformador, obrigando antigas estruturas a rever seus nexos, objetivos e formas de comunicar e guardar o patrimônio nelas entesourado. (PRIOSTI, 2010, p. 34)

Isso contribuiu para a formação de um subcampo na Museologia, entendido por Pierre Bourdieu (1983) como “[...] um espaço de jogo, um campo de relações objetivas entre indivíduos ou instituições que competem por um mesmo objeto” (p. 2). Nesse caso, a modificação das estruturas e práticas para aquilo que alguns agentes reconhecem como um novo modo de conceber os museus e a Museologia.

Nesse aspecto, a pesquisa investigará a trajetória da Nova Museologia ou dos museus comunitários (expressão que Varine tem utilizado) tendo como recorte aspectos da trajetória de Hugues de Varine, compreendendo as tensões que contribuíram para a constituição de novas leituras na constituição desse campo. Assim, através de sua atuação, o intuito é compreender que “[...] uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história” (BOURDIEU, 2000, p. 183).

Portanto, sigo o conceito de trajetória construído por Pierre Bourdieu, onde os eventos que dispõem de um caráter biográfico estão dispersos em “colocações e deslocamentos”, inseridos dentro de um “espaço social”. Há, nesse entendimento, uma distribuição de ações que norteiam a estruturação do que ele delimita como “espécies de capital”, seja ele simbólico ou monetário, em um campo especificado. Para tanto, os movimentos de sacração de uma trajetória ocupam diversas posições nas disparidades/igualdades relativas entre o “sentido e o valor”, em uma temporalidade estipulada, dentro de um espaço delineado e orientado.

O objetivo, conforme sublinhei, é realizar uma análise de uma parte significativa da vida e da obra de Hugues de Varine, especialmente visando seus impactos no campo museal brasileiro. Examinar aspectos centrais de suas teorias e o modo como impactaram o pensamento museológico no Brasil, assim como a configuração em museus comunitários na dinâmica brasileira. Algo que se reverbera em momentos distintos construindo uma narrativa polifônica como é explicitado por Mário Chagas e Inês Gouveia:

A denominada nova museologia, desde a sua origem abrigava diferentes denominações: museologia popular, museologia ativa, ecomuseologia, museologia comunitária, museologia crítica, museologia dialógica e outras. A perda de potência da expressão nova museologia contribuiu para o fortalecimento e a ascensão, especialmente após os anos de 1990, da denominada museologia social ou sociomuseologia. As múltiplas designações indicam, de algum modo, a potência criativa, a capacidade de invenção e reinvenção dessas experiências e iniciativas, e evidenciam a disposição para driblar e resistir às tentativas de normatização, estandardização e controle perpetradas por determinados setores culturais e acadêmicos. (CHAGAS; GOUVEIA, 2014, p. 15-16)

Varine é agente exemplar por possuir a “capacidade de invenção e reinvenção” em suas práticas, disseminando termos que, por vezes, geraram uma verdadeira confusão terminológica, problemática que não é específica do pensamento do autor, mas é uma das dificuldades enfrentadas pela própria Museologia (CERÁVOLO, 2004). O fato é que suas propostas sintetizam caminhos que configuram um conjunto de possibilidades que gerou reflexões significativas na Museologia, ao abordar o patrimônio de modo integral e o protagonismo dos agentes comunitários para construção de um “desenvolvimento local” por meio da utilização de espaços, paisagens e memórias como recursos de “desenvolvimento comunitário”.

Dessa forma, de acordo com as especificações de Varine (2012), o patrimônio ainda deve ser visto como ferramenta para o “desenvolvimento” comunitário, onde ele o aponta como o “único recurso” para tal atividade. Isso, porque, diante de um processo de identificação comunitária, sempre haverá algo a ser declarando enquanto elemento de representação identitária de um determinado agrupamento social. Dessa forma, reflete sobre a importância da elaboração de políticas e estratégias de gestão patrimonial que abrangem uma territorialidade, com o objetivo de alcançar a “totalidade do patrimônio”, construído por procedimentos a serem tomados pelos atores sociais no “processo de desenvolvimento”.

Trata-se, assim, de problematizar as possibilidades teóricas e práticas para a consolidação de um novo modo de pensar a Museologia que contestava as prisões conceituais

edificadas ao longo do tempo. Afinado com essas orientações, gradualmente, o pensamento de Hugues de Varine foi adquirindo ressonância na Museologia Brasileira, marcada pelos ideais de transformação social a partir da mobilização das práticas museais comunitárias e, resultando, assim, naquilo que se convencionou designar de “Museologia da Libertação”:

É neste sentido que pretendemos pensar uma Museologia da Libertação revelada à luz da memória social, cujos fundamentos poderiam estar na base de um museu educador-libertador que, ao adotar a libertação das forças culturais simultaneamente pela oposição e pela afirmação, mesclando a imitação e a diferença, produz memória. A museologia da libertação seria, a nosso ver, o processo pelo qual as comunidades [...] pode construir uma memória enquanto resistência, uma memória que não se assujeita a um modelo que lhe foi imposto, mas que com ele negocia, imitando-o e diferenciando-se dele de múltiplas maneiras. Ao propormos a museologia da libertação, nossa ideia é trabalhar a memória como um processo pedagógico de subjetivação e de libertação das forças vivas das comunidades. Sem o propósito de um aprofundamento na questão teológica e muito mais interessados na aproximação à atmosfera de ruptura do fator principal do subdesenvolvimento: a dependência, trataremos aqui da passagem de uma dependência cultural para uma libertação (PRIOSTI, PRIOSTI, 2017, p. 7)

O conceito de “Museologia da Libertação” foi divulgado por Odalice Priosti e por Hugues de Varine em seus trabalhos e amplamente debatido no III Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários, em 2004, no Rio de Janeiro. O próprio Varine internalizou esse conceito, articulando-o em suas propostas, certamente por resumir seu pensamento e as transformações ocorridas no campo museal. Isso pode ser exemplificado na discussão que realizou no texto “The Community Museum as a continuing process” (VARINE, 1995), cujo último item se intitula “Toward a museology of liberation”. Afirma, esse aspecto, em muitos casos e em sua experiência de Museologia Comunitária: “Preocupados em libertar o povo da alienação cultural, ou libertar sua capacidade de imaginação ou iniciativa, ou libertar sua consciência de seus direitos de propriedade sobre sua herança, seja ela material ou imaterial”<sup>5</sup>. (p. 5) (Tradução minha).

Hugues de Varine continua fazendo referência a esse papel fundamental do diálogo aberto entre os agentes responsáveis pelo processo que está sendo instalado, a partir do pressuposto da Pedagogia e da Teologia da Libertação. Orientações que estruturam a prerrogativa de “libertação” da Museologia com base em relações estabelecidas anteriormente entre Varine e Paulo Freire no Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos –

---

<sup>5</sup> “in concerned with liberating the people themselves from cultural alienation, or liberating their capacity of imagination or initiative, or liberating their consciousness of their rights of ownership over their heritage, whether material or immaterial.” (p. 5)

INODEP. Em diversos pontos da teoria de Varine é possível visualizar os frutos dessa aproximação entre os intelectuais<sup>6</sup>.

Sustenta, assim, um ideal que está expresso no que é delimitado por Varine (2012) como o “papel pedagógico da utilização do patrimônio” (p. 79). Nesse aspecto seria implementado um diagnóstico participado, para a elaboração de uma estratégia para a tomada de decisão, frente às disposições apresentadas pela coletividade. Sugere, desse modo, um caminho de formação e capacitação que intervém de forma significativa no que porventura será evidenciado pela comunidade, num exercício de reconhecimento<sup>7</sup>/pertencimento individual e coletivo. Movimento que se inicia com a tomada de decisões do processo com um diagnóstico do que elegem como portadores de um “valor” patrimonial e o seu posterior desenvolvimento.

Nesse processo, defende que a comunidade é o elemento a ser pensado antes de qualquer outra coisa, que até mesmo o patrimônio não deve ser reconhecido como protagonista. Quando se pensa nessa proposta museológica, o patrimônio só tem sentido com a comunidade que o compõe. Varine (2012) afirma que “[...] o patrimônio em segundo lugar, imediatamente após a análise dos recursos humanos. Juntamente com estes, é o principal componente inicial de toda estratégia de desenvolvimento sustentável”. (p. 79) Em detrimento da perspectiva patrimonial, cabe ressaltar que Varine transmite um outro olhar acerca da ideia de patrimônio. Dessa forma, diferente do entendimento jurídico-político do processo de patrimonialização, a eleição de um determinado bem cultura se dá a partir da eleição de uma “natureza comunitária”<sup>8</sup> em eleger-lo enquanto patrimônio, longe de tramitações e passos processuais típicos dos processos convencionais de tombamento e registro. A casa da rezadeira torna-se patrimônio da subjetividade coletiva, enquanto a mesma estaria fadada a aprovações de padrões e estéticas delimitadas pelas cátedras científicas

O entendimento dos contornos da “Museologia da Libertação” perpassa pela compreensão de onde surgiu essa concepção baseada em um movimento chamado de “Pedagogia da Libertação”, também conhecido como “Pedagogia do Oprimido”. Ao abordar a aproximação entre o pensamento de Paulo Reglus Neves Freire e as propostas de Hugues de

---

<sup>6</sup> Além de Paulo Freire, Varine sublinha ter sido fortemente impactado pelos princípios e métodos de Mario Vasquez (México) e de Alberto Melo (Portugal). (VARINE, 2002)

<sup>7</sup> Bruno Brulon apresenta esse recorte, no que está relacionado ao ecomuseu, no âmbito da Nova Museologia, sendo “previsto como um meio pelo qual as populações podem se tornar, elas mesmas, objetos de sua investigação — ele é, portanto, um instrumento de autoconhecimento, no qual uma performance do grupo produz conhecimento sobre o próprio grupo. (BRULON, 2014, p. 33)

<sup>8</sup> “[...] isto é, emana de um grupo humano diverso e complexo, vivendo em um território e compartilhando uma história, um presente, um futuro, modos de vida, crises e esperanças” (VARINE, 2012, p. 44)

Varine na ótica de seus relatos, aqui a análise será aprofundada visando adentrar nos princípios desse movimento. No caso do pensamento de Freire (2014) em relação a esse novo ideal de Pedagogia, a proposta desafiava as correntes já estabelecidas, pois trazia consigo um estudo do ser humano como ferramenta de mudança social e cultural, “permeado de uma visão humanista e idealista” (p. 77).

Varine dialoga com uma proposta educativa que, de acordo com Freire (2014), deve ser um instrumento que aporte em proposituras que busquem uma “reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época de transição” (p. 78). Essa proposta traz, assim, o desenvolvimento da subjetividade do indivíduo, enquanto pessoa que faz parte de um todo, buscando o “seu próprio poder de refletir”, potencializando esse poder e as suas possíveis intensificações por decorrência da “capacidade de opção” (p. 90). Poder como elemento de subjetivação social individual em um processo de humanização comunitária.

Em vias metodológicas, a proposta é transformar o educando em um agente de transformação social em seu meio de convívio (assim como a ideia de Varine de ter a população como agente de desenvolvimento local e territorial): “valorizava, quase ao extremo, o papel do homem e da mulher na sociedade. Estes se tornavam o centro de toda a realidade e os principais agentes da história. Ser consciente e crítico era o que bastava para assumir um papel ativo nas transformações sociais.” (AGOSTINI, 2015, p. 8)

Nesse aspecto, o Brasil se tornou terreno fértil para se pensar conceitualmente sobre a “Museologia da Libertação” e para o estabelecimento de experiências concretas inspiradas nessas propostas. Para tanto, observo como o advento desse novo olhar em torno da Pedagogia e da Teologia contribuíram para influenciar essas práticas, gerando subsídios e plataformas de aperfeiçoamento para o seu crescimento em diversas áreas do conhecimento:

O conceito de museologia da libertação, trazido à discussão no III Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários, em setembro/2004, em Santa Cruz, Rio de Janeiro, por extensão dos princípios da teologia latinoamericana da libertação por um lado e por referência à educação como prática da liberdade (Paulo Freire) numa abordagem, claramente política no sentido mais nobre da palavra, utiliza o museu e a educação para fazer reconhecer, valorizar o seu patrimônio, potencializa nos membros da comunidade a autonomia e a iniciativa, prepara-os para uma participação dinâmica no desenvolvimento de seu espaço de vida e em geral na vida pública, contemplando toda a comunidade com a reivindicação de novas políticas públicas que promovam a inclusão dos esbulhados em seus direitos culturais ou os humilhados pelo esquecimento ou pelo menosprezo de sua cultura viva. (PRIOSTI; VARINE, 2007, p. 62)

Acerca do trabalho desenvolvido por Hugues de Varine no Brasil, observarei com o aporte de conceitos de Pierre Bourdieu o que vem a ser considerado como uma “Teoria da Prática”. Esse conceito auxiliará na compreensão do pensamento-ação proposto por ele a partir de um outro viés de investigação.

Acredito que o conceito favorecerá a visualização das estratégias produzidas por Hugues de Varine na sua ação prática, pois de acordo com o que é afirmado por Bourdieu (1983), o “mundo social” pode ser objetivado enquanto “conhecimento teórico”, aportado em conhecimentos que apontam, em sua grande parte para uma recusa na operação do que ele dispõe como “modo de conhecimento prático” (p. 01). Dessa forma, o autor trata desse conhecimento enquanto “fenomenológico”, diante da primeira experiência social, que está incutida nas relações familiares (família enquanto primeira comunidade do indivíduo), como elemento de captação da sociabilidade que está intrinsecamente voltada a “apreensão do mundo social como mundo natural e evidente” (p. 01), no que diz respeito ao que “não se pensa e que exclui a questão de suas próprias condições de possibilidade” (p. 01).

Dessa maneira, é possível delimitar que o campo de atuação da proposta de Varine é definido em consonância com as práticas de “desenvolvimento comunitário” que tem por objetivo uma relação de familiaridade de um determinado grupo de agentes com a potencialidade expressa pelo seu patrimônio em meio a uma teoria da prática. Isso contribuiria para empreender a aplicação da teoria em que “tratar da teoria como um *modus operandi* que orienta e organiza praticamente a prática científica é, evidentemente, romper com a complacência um pouco feiticista que os ‘teóricos’ costumam ter para com ela.” (BOURDIEU, 1989, p. 60)

Frente a isso, o pensamento de Varine consiste em uma abordagem construída a partir do que está sendo aplicado nos processos museológicos e vice-versa. Isso é exemplificado no livro *As raízes do futuro: o Patrimônio a serviço do desenvolvimento local* (2012) onde Varine traz uma série composta por seis “fichas práticas” que servem de base para um estudo *in loco*, visando a execução de projetos de implantação de museus comunitários ou ecomuseus que expressam essa teoria da prática: “compreender trabalhos científicos que, diferentemente dos textos teóricos, exigem não a contemplação mas a aplicação prática, é fazer funcionar praticamente, o respeito de um objeto diferente que nele se exprime, é reativá-lo num novo acto de produção”. (BOURDIEU, 1989, p. 63-64)

Outro ponto a ser pensado em relação a essas fichas é a relação que as perguntas têm em confluência com as questões inerentes a essa “teoria da prática”. Trago aqui uma dessas

perguntas que são tratadas no texto de Varine no processo de construção do inventário para uma instituição de desenvolvimento local “[...] “Classificar” segundo uma ordem de prioridade justificável (quer dizer, tomar uma decisão em função do interesse geral, familiar, comunitário, social)” (VARINE, 2012, p. 82). O processo de classificação visto dessa forma engloba os estudos de “teoria da prática” quando ele aponta para escolhas a serem tomadas em relação de que “classificadores” serão utilizados no processo, especialmente a partir do momento em que se discute com a comunidade o que a mesma quer que seja empreendido no seu plano de “desenvolvimento comunitário” e museológico. Em sua proposta, a comunidade assumiria papel decisivo na função de delimitar pontos e espaços de estudo, visita e diálogo na formulação e execução do que o autor apresenta como “inventário participativo”.

Diante disso, acredito ser possível visualizar na trajetória de Hugues de Varine uma possibilidade para se pensar tensões e propostas que reverberaram no campo museal brasileiro, especialmente por sua teoria potencializar a prática museológica e vice-versa. Portanto, meu argumento é que recuperar aspectos significativos de sua trajetória e da reverberação de seu projeto intelectual contribuirão para elencar alguns momentos significativos da Museologia brasileira, observando aspectos da recepção de seu pensamento- ação.

Na verdade, essas reflexões são importantes na medida em que o pensamento de Hugues de Varine e alguns projetos de Museologia Comunitária são objetos de crítica. Tais discordâncias são fundamentais para a mobilização do campo museal, especialmente no Brasil, e, de algum modo, por mobilizar o nome de Varine. Diante disso, Brulon (2014), nos leva a uma reflexão em torno de que um “[...] novo modelo de museu, então, foi fundado nos preceitos de uma “nova museologia”, cujos pilares ideológicos precisariam ser provados na prática museal que estava por vir.” (BRULON, 2014, p. 30).

De acordo com Lima (2014), esse novo padrão que entra em vigor de forma implícita, no tocante a práticas já estabelecidas, apresenta um “potencial transformador”, ao adquirir uma aceção no seio museológico brasileiro e nos países latino-americanos. Embasaram, dessa forma, em uma proposta de uma transformação social, com ênfase as comunidades que estariam buscando uma centralidade no contexto das ações museais, em especial pela busca de um desenvolvimento comunitário. Convencionou-se, assim, a ascensão de políticas públicas que estariam voltadas para esses experimentos sociais e museais. Assim, destaca que, em relação a Nova Museologia e aos modelos criados por ela, tendo em vista que brota em

meio ao cenário acadêmico uma diversidade de artigos e publicações elogiosas aos moldes que estariam sendo implantados e experimentados nessa nova fase de estudos da Museologia.

Assim, as novas ideias que sustentavam o modelo do ecomuseu provinham, por um lado, da insatisfação de alguns pensadores franceses em relação à museologia tradicional, que começaram a colocar em prática museus com uma finalidade descentralizadora, e, por outro, da influência de certas experiências de museus inórtodoxos ou de “vanguarda” nas ex-colônias. Em meio a este contexto de rupturas, um dos objetivos do projeto “ecomuseológico” era o de permitir que a memória recolhida pelos etnólogos fosse restituída ao conjunto do grupo através de diversos instrumentos, sendo a exposição de objetos materiais apenas uma das expressões possíveis. (BRULON, 2014, p. 31)

Dessa forma, deve ser feito um exercício de análise dessa nova corrente teórica da Museologia, mediante uma nova fase de implementação de técnicas museológicas para atuação comunitária mediante a ideia de função social do museu. De acordo com Lima (2014), deve ser feita uma abordagem com base na propositura da “gênese da própria Nova Museologia”, diante de uma linha de raciocínio que nos leva a entender as estratégias que “[...] evidenciará os contornos do discurso que nasceu sob a pretensão de refundar a identidade dos museus.” (LIMA, 2014, p. 87) Mas, frente a isso, não é somente um movimento de refundação, e sim, demasiados processos de modificação na ideia inicial de museu, o que acaba “[...] culminado com o projeto atual que se contradiz, em elementos importantes, com a perspectiva de Santiago. (LIMA, 2014, p. 87)

Como prerrogativa, trago como elemento o próprio ecomuseu, que assim como as demais propostas neomuseológicas, perseguiram um rompimento com os modelos museais estabelecidos pela corrente tida por tradicional. Assim, reconheço como jogo ilusório<sup>9</sup>, mas com fins opositivos que expressam um impasse entre o “[...] modelo tradicional do “museu-instituição” ao “novo museu” (BRULON, 2014, p. 36).

Temos então, a perspectiva de uma possível “hegemonia”<sup>10</sup> museológica em relação a instauração dos estudos que deveriam se voltar a uma dita função social do museu. Sendo estabelecida por “[...] meio de estratégias que não concedem centralidade à desconstrução das razões que estruturam as desigualdades. (LIMA, 2014, p. 90) Todavia é inegável reconhecer a importância da trajetória de Varine no campo da Museologia, especialmente a brasileira, frente a difusão das práticas ecomuseológicas. Por se tratar do que Brulon (2014) classifica

---

<sup>9</sup>“Tal oposição representa a ilusão de que o ecomuseu não apresentaria algumas das funções tradicionais dos outros museus.” (BRULON, 2014, p. 36)

<sup>10</sup>“Todavia, como apontaram os primeiros teóricos do novo museu, este nunca deixou de ser pensado como um modelo experimental.” (BRULON, 2014, p. 46)

como uma “invenção” do ecomuseu “[...] a criação de certos mitos fundadores que foram necessários para se produzir a crença em uma mudança de paradigmas na museologia mundial.” (BRULON, 2014, p. 46)

A presente pesquisa seguiu o “paradigma indiciário” como abordagem metodológica visando articular com as orientações de Pierre Bourdieu com o intuito de compreender algumas das transformações do campo museal brasileiro a partir de recortes da trajetória de Hugues de Varine. A intenção foi reunir indícios das reverberações e dos impactos da aplicação de seus conceitos e métodos na consolidação do que no Brasil se caracterizou como “Museologia da Libertação”. Aqui o entendimento de “paradigma indiciário” dialoga com o trabalho de Carlo Ginzburg (1999), especialmente porque há um exercício de busca dos rastros, sinais, indícios que são deixados pelo agente, como exercício fundamental de inspiração metodológica: “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la. [...] Pistas que permitem reconstruir trocas e transformações culturais” (p. 177). Para esse exercício, selecionei entrevistas que o autor concedeu, a sua própria produção intelectual, os textos que se debruçam no seu pensamento- ação, seu acervo pessoal<sup>11</sup>, a realização de entrevistas com o pesquisador, para que me fossem elucidadas algumas dúvidas durante o período da escrita, como também com intelectuais do campo museal brasileiro.

Cabe reconhecer que a pesquisa para a análise e composição de uma trajetória, apresenta dificuldades no certame que é o trabalho os discursos do próprio agente pesquisado. Em grande maioria, os agentes utilizam-se de suas narrativas como elaboradas estratégias de produção de crença e imortalidade nas diversas áreas do conhecimento. Dessa forma, tendo por agravante a questão da presença de Hugues de Varine ainda em campo de atuação, busquei realizar um esforço para separar o agente do personagem, o que muitas vezes é colado. Reconhecendo, por tanto, que o mesmo ainda produz ações de eternização do seu legado, como integrante dos jogos de poder que permeiam a batalha das memórias do campo da Museologia nacional e internacional.

Ao ponto em que o seu próprio nome se tornou uma griffe museológica nos moldes apresentados por Bourdieu (2003). Sendo assim, há uma operacionalização para a legitimação de suas ações no campo da Nova Museologia, e principalmente nos ecomuseus e museus comunitários por onde ele passou. Criando o que pode ser considerada como uma espécie de

---

<sup>11</sup> Nesse caso, o uso do acervo pessoal se dá a partir de algumas fotografias disponibilizadas por Hugues de Varine para esse trabalho, com o intuito não só ilustrativo, como também de análise dessas imagens, perante eventos específicos da Museologia.

chancela ou conotando o pressuposto de um padrão de qualidade por conta das suas consultorias. Disseminado na maioria das vezes por um conjunto de herdeiros e heranças teórico-práticas nessas instituições. Algo que devo esclarecer, é que, mediante os mecanismos de proteção da herança e do legado de Varine por parte desses herdeiros, encontrei dificuldades na pesquisa em meio a esse campo de poder, para obter entrevistas e informações básicas para compor esse trabalho.

Esta dissertação é composta por três capítulos. No primeiro capítulo realizei uma abordagem histórico-analítica, onde trago o exame de fatos/eventos que auxiliam na construção de aspectos da trajetória de Hugues de Varine e das tramas ocupadas no campo museal internacional. Nesse caso, faço um levantamento de fontes e dados ligados a eventos do ICOM e de entrevistas concedidas por Varine visando a montagem de um esboço da sua trajetória cujas posições e disposições contribuirão para a compreensão de seu pensamento- ação. Para tanto, elegi como eixo norteador os conceitos de trajetória e de campo de Pierre Bourdieu (1983) que utilizei para além da base teórica, mas como direcionamento metodológico.

No segundo capítulo me detive na compreensão dos diálogos estabelecidos e nas estratégias de produção da crença, especialmente a partir do exame da bibliografia de Hugues de Varine e suas influências no campo científico. O objetivo foi compreender os conceitos de ecomuseu, desenvolvimento comunitário, ação e iniciativa, como forma de entender alguns dos traços ou elementos constituintes de seu projeto criador. Isso é fundamental para compreender a constituição daquilo que Varine define como uma “Museologia da Libertação”, a partir de seu contato com Paulo Freire e, posteriormente, com Odalice Priosti, pesquisadora responsável pela disseminação dessa proposta que apresenta as interfaces entre a Pedagogia do Oprimido, a Teologia da Libertação e a Museologia Comunitária.

Essas reflexões contribuíram para a compreensão de algumas escolhas teórico-práticas de Hugues de Varine e de algumas de suas aproximações e reverberações no campo museal brasileiro, temática que foi examinada detidamente no terceiro capítulo. Neste capítulo final analisei fontes ligadas as ações de consultoria de Hugues de Varine na implantação de ecomuseus no Brasil, sua atuação na constituição da Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários - ABREMC e na organização de alguns eventos de abrangência internacional sediados no Brasil. Bem como o impacto do seu pensamento no que tange as políticas públicas museais, mediante os textos do site do IBRAM. Em outras palavras,

consistiu em um mapeamento que objetivou captar os impactos da sua “Museologia da Liberação” no campo museal brasileiro, nas últimas décadas.

# 1 – NAS ENTRELINHAS DA MUSEOLOGIA: CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA TRAJETÓRIA

“Eu sempre quis atuar como ‘agente de desenvolvimento local’, não como um museólogo ou um ecomuseólogo. Isso significa que não pretendo dar conselhos, mas sim fornecer uma perspectiva externa e o ponto de vista do ‘desenvolvedor’, que muitas vezes faltam em atores locais mais especializados em cultura, do que as dimensões econômicas, sociais e ambientais do desenvolvimento e sua abordagem geral.”.

Hugues de Varine (2017, p. 11-12). (Tradução Minha)<sup>12</sup>

Iniciar um exercício de reflexão sobre a trajetória de uma pessoa, nada mais é que uma análise da “explosão discursiva” que gira em torno da energia social impregnada em torno de seu nome. Mas antes disso, devo salientar que este trabalho não é um exercício de escrita de uma biografia, pois o mesmo destaca aspectos específicos para a reconstrução de espaços sucessivos de um campo de produção simbólico onde um agente produziu sua obra, entendida como legado. Entender a lógica da eleição de uma pessoa/personagem diante da sua produção intelectual em um campo científico, me leva a busca de elementos/discursos ou agentes/instituições que são responsáveis pela fabricação de um determinado sujeito. No entanto, essa busca aparece como pano de fundo quando me deparo com um objeto de estudo que ainda dispõe de uma produção de sentidos para a fabricação de sua imagem no campo a partir das suas ações e publicações enquanto “agente de desenvolvimento local”.

Diante disso, evidencio um processo de teorização de ações práticas no campo, frente a configuração de um novo paradigma para a Museologia, o que pode ser visualizado como a execução do que Pierre Bourdieu (1983) aponta como “teoria da prática”. Na verdade, trata-se da trajetória de Hugues de Varine e ações que renderam publicações que podem ser comparadas como diários de campo ou relatos para a construção de pequenos referenciais autobiográficos. Assim, “o relato de vida tende a aproximar-se do modelo oficial da apresentação oficial de si” (p. 188), em casos como o que será aqui analisado, a pessoa que foi

---

<sup>12</sup> J’ai toujours tenu à agir comme un ‘agent de développement local’, et non comme un muséologue ou un écomuséologue. Cela signifie que je ne prétendais pas donner des conseils, mais plutôt apporter un regard extérieur et le point de vue du ‘développeur’, qui manquent solvante chez des acteurs locaux plus spécialistes de la culture que des dimensions économiques, sociales, environnementales du développement et de son approche globale. (VARINE, 2017, p. 11-12)

escolhida para a análise da trajetória ainda se encontra no processo de formulação de discursos em prol da constituição de sua imagem.

Desse modo, sua produção passa por um processo intencional com uma ideia de objetivação de sua própria trajetória. Passa, assim, pela ideia de história de vida apresentada por Bourdieu (2000) quando fala dessa apresentação, como uma narrativa “[...] segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica” (p. 184) resultando na constituição de um rito de “existência social” no campo museológico. Ao efeito que “o nome próprio é o suporte” que delimita a sua imagem em detrimento da rememoração/imortalização de seus feitos que querem ser reconhecidos como científicos.

Não somente o indivíduo fabrica a sua “identidade social”, envolvendo aspectos de uma consonância entre o criador e as criaturas. Os agentes ligados à sua atuação enquanto consultor, também são responsáveis pela fabricação da crença no seu criador. De tal maneira que a formatação desses discursos leva a composição de uma imagem mistificadora, ou não, das contribuições que ainda são desempenhadas pelo criador na formação de um “conhecimento teórico interacionista” (p. 1).

Dessa maneira, também me insiro neste campo e me torno um dos seus agentes a partir do momento em que inicio um estudo a fim de delimitar aspectos da trajetória de Hugues de Varine. Iniciei com a análise do livro *Raízes do Futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local* (2012) como proposta apresentada pela disciplina “Museologia e Desenvolvimento Social” na graduação em Museologia da Universidade Federal de Sergipe, tendo por avaliação a aplicação dos questionários práticos do livro com foco em alguma comunidade. Para tanto, desenvolvi uma atividade com foco na comunidade que reside em uma área de preservação ambiental no povoado Jatobá, situado no município de Barra dos Coqueiros-SE, em decorrência de estudos para a implantação do Parque Estadual das Dunas. Apresentei como proposta a criação de um museu comunitário embasado no ecoturismo. Até aquele momento não havia tido nenhum contato com Hugues de Varine, sendo esse a minha primeira aproximação com uma de suas obras.

Depois desse momento, só retornaria as pesquisas sobre Hugues de Varine quando iniciei o processo de escolha da temática que iria abordar em meu trabalho de conclusão de curso, tendo em vista os embates que já havia presenciado em eventos e em sala de aula por conta da sua teoria. Por conta disso, iniciei a busca por livros, artigos e entrevistas de Hugues de Varine, onde verifiquei a importância de seu trabalho para a Museologia, especificamente para a Museologia Brasileira. Me aproximei do autor no início do ano de 2017 para a

realização de uma entrevista que integrou minha pesquisa sobre sua trajetória social e os impactos no Brasil. Em abril do mesmo ano defendi o trabalho intitulado *Por uma 'Museologia da Libertação': patrimônio e desenvolvimento local em Hugues de Varine* (SANTOS JUNIOR, 2017).

Hoje, aprofundo minhas pesquisas com a produção deste trabalho, perseguindo um novo foco e com diálogos frequentes com o autor para que assim possa preencher algumas lacunas que ainda não foram evidenciadas em sua trajetória. Ao mesmo tempo reconstruir a trajetória de um agente vivo e atuante consiste um desafio, especialmente na busca do equilíbrio entre respeitar os limites estabelecidos por ele, reconhecer os protocolos da ética em pesquisa e atender meus objetivos anteriormente propostos.

Meu intuito neste capítulo é construir uma narrativa tendo por recorte aspectos da trajetória social, compreendida como metonímia do campo da Museologia, captando referências para a visualização do paradigma da denominada Nova Museologia, a partir da atuação de Hugues de Varine. Frente a isso, realizei uma costura de diferentes fontes que indiciam os impactos de sua presença no campo dos museus e da Museologia, fabricando um itinerário que abarca mais de cinco décadas de sua atuação.

Minha escolha por construir esse itinerário a partir das entrevistas, depoimentos e textos autobiográficos e do acervo pessoal que Varine produziu e concedeu ao longo desses anos, repercute o entendimento daquilo que Antônio Candido (1985) definiu como um exercício da heterobiografia, onde “a experiência pessoal se confunde com a observação do mundo e a autobiografia se torna heterobiografia, história simultânea dos outros e da sociedade; sem sacrificar o cunho individual, filtro de tudo, o narrador poético dá existência ao mundo.” (p. 55). Desse modo, por toda a extensão desses relatos, meu argumento é que as experiências pessoais se confundem com a própria trajetória da Museologia enquanto campo simbólico.

Ao eleger o estudo de uma trajetória específica cujo agente está imbricado em uma nova reflexão que impactou o campo de atuação da Museologia, evidencio aquilo que Bourdieu (1983) compreendeu sobre o campo científico. Dessa forma é necessário analisar os embates e tensões presentes no campo museológico em torno de um “fato científico novo”. A partir do surgimento da terminologia Nova Museologia, “mediante protagonistas particulares”, visualizamos ações (in) conscientes por uma “hierarquização de práticas científicas”, privilegiando determinados agentes no campo da produção teórica em vista de uma “eficácia simbólica” (p. 128). De tal forma, é preciso destacar questões de funcionalidade, o que é designado pelo “interesse dos dominantes” em alçar as bases de um novo paradigma.

No caso de Hugues de Varine, ele atua como um agente da vanguarda museal que esteve diretamente relacionado aos enfrentamentos e embates em torno de uma mudança paradigmática, principalmente em virtude das estratégias enquanto diretor do Conselho Internacional de Museus - ICOM, onde ocupou uma posição privilegiada no campo, fabricando o seu renome.<sup>13</sup> Nesse aspecto, a própria produção da crença em Hugues de Varine, em virtude de sua atuação reconhecida e prolongada no cenário internacional da Museologia, protagonizando alguns dos marcos considerados fundadores nesse campo, deve ser considerada diante de aspectos que envolvem o que Luciana Heymman (2005) entende como “fazimentos”.

Meu intuito não é “dar conta de sua biografia nem mesmo de esboçar uma cronologia de suas atividades”, pois como foi lembrado, este trabalho é um exercício que se direciona para uma análise das movimentações “[...] que contribuíram para criar a imagem, [...] que ele prazerosamente alimentou nas interpretações de si que inúmeras vezes tornou públicas em artigos e entrevistas.” (HEYMMAN, 2005, p. 44) De tal forma, o evidencio como um personagem que assume diversos “papéis” no seu campo de atuação, a exemplo do modo como a autora apresenta as disposições sobre os arquivos de Darcy Ribeiro, onde as funções de “[...] político, acadêmico e escritor se alternam e se combinam.” (p. 45) Em relação a Hugues de Varine é necessário pensar em sua atuação como acadêmico da Escola do Louvre, como diretor do ICOM e, por fim, como consultor e “fazedor de instituições” diante da sua militância.

Isso me leva a uma reflexão em torno de que “o arquivo pessoal é, muitas vezes, um projeto coletivo, [...] afastando-se da sedutora imagem de expressão fiel e autêntica da subjetividade de seu titular.” (p. 48) Principalmente quando reconheço diversos agentes que propagam suas práticas e reverenciam seu trabalho enquanto consultor, influenciando uma seleção da relevância da documentação que será guardada e o que será propagado em discursos futuros pautados em “critérios pessoais” no “[...] que remete a temporalidades distintas que presidem ao processo de acumulação dos documentos, tanto do ponto de vista do titular quanto de seus colaboradores.” (p. 48)

---

<sup>13</sup> O ICOM é uma organização internacional com sede em Paris, criada em 1946 e associada à UNESCO: “sua finalidade, nos cem países onde está representado, é a de organizar a cooperação no âmbito das atividades relacionadas com os museus. Mais que um organismo executivo, constitui uma plataforma de recolha de dados e sugestões, deixando a seus membros ampla liberdade de ação. O ICOM atua no nível de numerosas disciplinas: a história, arte, ciências, técnicas etc., e ocupa-se especialmente das funções de educação cultural, de conservação e investigação. Por outro lado possui o único centro internacional de documentação, que recolhe materiais de todo gênero no que respeita aos museus e à Museologia”. (ROJAS *et al.*, 1979, p. 8)

Nessa linha de interpretação, nos diversos momentos em que o próprio Varine discorre sobre a sua atuação é possível identificar essas ações de “fazimentos” e “refazimentos” de sua vida e, porque não dizer, de uma determinada leitura/escrita da história da Museologia. Em suas ações de consultoria nos diversos continentes, nos cargos que ocupou com alcance internacional, na elaboração de linhas de atuação em documentos e em sua produção intelectual, ele se “arquiva” e constrói uma determinada imagem de si e da Museologia.

Isso é evidente na trajetória de Hugues de Varine ao ponto dele explicitar na apresentação da obra *Raízes do Futuro* o intuito de “apresentar uma experiência pessoal, única e subjetiva, que é também um testemunho.” (2012, p. 7) e no prólogo de *L'écomusée singulier et pluriel* (2017, p. 11) quando sublinhou que “Todo esse livro baseia-se na minha experiência pessoal, não é resultado de nenhuma pesquisa, nenhuma pesquisa biográfica, apenas cinquenta anos de práticas e observações ‘participativas’.” (Tradução minha)<sup>14</sup>.

Na verdade, a trajetória de Hugues de Varine é significativa no campo da Museologia por traduzir a tensão de uma mudança paradigmática que ganhou força nas décadas de 1960 e 70 do século XX, caracterizando assim o que se convencionou chamar de “Nova Museologia”. Lembrando que aqui me refiro a um processo de teorização, pois é nítido que anterior a esse período já haviam práticas voltadas para um diálogo de proximidade entre o museu e a sociedade que questionavam a trindade coleção-edifício-público, atentando-se para um novo olhar que valorizasse a relação patrimônio-território-comunidade.

É interessante averiguar uma série de interrogações<sup>15</sup> apresentada por Mário Chagas (1994), quando ele inicia trazendo uma provocação feita por Vinos Sofka em relação ao que teria surgido primeiro, o museu ou a Museologia. Isso fica mais evidente em relação a quebra do comodismo intelectual quando admitiu que “não há mais clareza sobre o paradigma museal. O momento é de crise.” (p. 17) Tais embates e conflitos<sup>16</sup> indiciam as mudanças esboçadas e definidas por novos ideais museais e museológicos que abalariam as estruturas de um campo conformado com um novo paradigma.

A atuação de Varine e de outros agentes em diversas partes do mundo como Georges Henri Rivière (1897-1985), Freeman Tilden (1883-1980), John R. Kinard (1936-1989), Pablo

---

<sup>14</sup>“tout ce livre repose sur mon expérience personnelle. Il n'est le résultat d'aucune enquête, d'aucune recherche bibliographique, seulement de cinquante ans de pratiques et d'observations ‘participantes’ (VARINE, 2017, p. 11)

<sup>15</sup>“Quem nasceu primeiro a museologia ou o museu? O que é museologia? O que é museu? Qual a relação da museologia com o museu? Qual é o objeto de estudo da museologia? Existe uma metodologia museológica? Existe uma museologia que independe da instituição museu? Qual é o papel social do museu e da museologia? A neutralidade científica e política da museologia não será uma balela?” (CHAGAS, 1994, p. 17)

<sup>16</sup>“Os praticantes da museologia se deram conta de que não estavam mais diante de um campo tranquilo, em relação ao qual o único trabalho que restava era podar as plantas, garantir a colheita e extirpar as ervas daninhas. Não. O próprio conceito de campo estava em questão.” (CHAGAS, 1994, p. 17)

Toucet, Stanislas Adotevi (1934), Amalendu Bose (1919-2008) e Jorge E. Hardoy (1926- 1993) serviu de fertilizante para ações que resultaram na criação de ecomuseus e museus comunitários e de um novo modo de realizar os processos museológicos.

Na verdade, se existiram esses e diversos outros agentes precursores de transformações no pensamento museológico internacional no Níger, Benin, Índia, Estados Unidos e França, porque Varine é tão reconhecido? Creio valer a pena suscitar a hipótese de que ele desenvolveu estratégias de ocupação de posições que propiciaram conquistar o prestígio no campo de produção simbólico, aliado à sua longa trajetória e eficiente processo de fabricação da escrita de si. É importante destacar que, mesmo com esse destaque, sua obra ainda é pouco estudada, sendo necessário um melhor esforço para conceber seu lugar na história do pensamento museológico contemporâneo. Nesse caso, vejo a preocupação de Cristina Bruno e Marcelo Araújo (1995) no contexto da “consolidação do pensamento museológico” como um “fenômeno mundial” expresso a partir da década de 1970.

Portanto, ao escolher as entrevistas, depoimentos e algumas produções como subsídios para delinear a trajetória de Hugues de Varine, o intuito principal é captar as ideias e os impactos de sua atuação visando compreender como suas escolhas traduzem as marcas de um novo modo de conceber os museus e a Museologia. Ciente disso, optei por iniciar as reflexões sobre a trajetória de Varine a partir de duas entrevistas, um depoimento escrito e as apresentações e prólogos de algumas de suas produções, momentos em que evidencio marcas das suas experiências/experimentações sociais que fornecem mecanismos de compreensão e análise dos seus feitos para a Nova Museologia e, posteriormente, para a Museologia Social.

As entrevistas escolhidas foram publicadas no livro *Os Museus no Mundo*, da Coleção Grandes Temas da Biblioteca Salvat, em 1979; e nos *Cadernos de Sociomuseologia* da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em 1996, essa segunda entrevista foi realizada pelo museólogo Mario Chagas. O depoimento integra o livro *A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos*, organizado pelos pesquisadores Marcelo Mattos Araújo e Maria Cristina Oliveira Bruno e publicado pelo Comitê Brasileiro do ICOM (1995). Além disso, me respaldo em alguns textos do próprio Hugues de Varine, em especial seu mais recente livro *O ecomuseu singular e plural: um testemunho sobre cinquenta anos de museologia comunitária no mundo*” (Tradução minha)<sup>17</sup>, publicado pela editora *L’Harmattan* em 2017.

---

<sup>17</sup> L’*écomusée singulier et pluriel: Un témoignage sur cinquante ans de muséologie commmunautaire dans le monde*“

Durante o processo de pesquisa para a escrita de aspectos de sua trajetória, o próprio Hugues elucidou dúvidas e contribuiu com informações e fontes. No mesmo aspecto, é importante sublinhar que ele informou que estava escrevendo este mais recente livro (VARINE, 2017) e que essa obra provavelmente me auxiliaria por caracterizar uma espécie de memorial. Fato que pode ser relacionado com o pressuposto apresentado por Wilton Silva (2015) como “memorial acadêmico”<sup>18</sup>. Nesse caso, a “estetização da existência encontraria na narrativa de vida um campo privilegiado, pois o relato é uma referência concreta para a mensuração de si por si mesmo ou por outros” (p. 106) sendo essas as disposições apresentadas pelo campo para a escrita de relatos em torno de contextos envoltos na ideia de produção individual ou coletiva de uma narrativa enquanto processo de personificação de um legado ou crença.

De tal maneira, volto à lógica dos campos como dispostos a produção de moedas de troca simbólica nos jogos de poder perpetrados como meio caracterização de uma imagem social. Portanto, “[...] o campo acadêmico (e o mercado editorial) oferece(m) entrevistas, testemunhos, memórias, manuscritos, cadernos de notas, de viagem, da infância, correspondências, cartões postais e papéis avulsos.” (SILVA, 2015, p. 107). É possível, assim, reconhecer essas fontes como elementos “[...] que apresenta partes da interioridade, do pensamento e da vivência de seus autores” (p. 107), possibilitando a disseminação de relatos em torno da vida acadêmica e profissional que, por vezes, são utilizados como instrumento de pesquisa e fabricação de crenças.

Nesse aspecto, no primeiro item apresentarei aspectos da trajetória de Hugues de Varine a partir de suas entrevistas e depoimentos a fim de designar aspectos da sua atuação no campo da Museologia, diante de recortes específicos da sua vida enquanto um dos ex-diretores do ICOM e atual consultor de desenvolvimento.

No segundo item deste capítulo, analisarei as repercussões e a criação de um novo paradigma museal, como também as estratégias de fabricação de sua imagem frente a formulação de uma “griffe” (BOURDIEU, 2003), pertinente a criação do termo ecomuseu. Sublinho também os embates que giraram em torno da criação do Movimento Internacional para uma Nova Museologia - MINON.

---

18 “O memorial acadêmico, exigido até nos estágios mais avançados do magistério superior, e como pré-requisito da evolução funcional, configura-se como momento privilegiado, embora não único, da delimitação de ‘experiências referências’ capazes de dotar de sentido a trajetória, podendo, inclusive, oferecer configurações narrativas que ensejam questões sobre a própria ação educativa e a prática discursiva.” (SILVA, 2015, p. 112- 113)

Por fim, no terceiro item abordarei aspectos do pensamento-ação e a militância de Varine na propagação da Nova Museologia. Partirei das contribuições em torno de uma teorização de suas práticas como estratégia de imortalização de seu legado no campo da Museologia, através de suas publicações e atuação política.

### **1.1 Hugues de Varine e o campo da Museologia: objetivar o sujeito da objetivação**

As narrativas apresentadas neste capítulo têm por objetivo analisar o campo científico tendo por recorte a trajetória de Hugues de Varine construindo aquilo que Pierre Bourdieu (1996) definiu como “objetivar o sujeito da objetivação.” (p. 235) Parto, assim, do “princípio de reflexividade” que busca fazer uma análise em forma de retrospectiva das possíveis relações para a constituição de parâmetros para análise de “obras culturais”, evidenciando aspectos da sua produção intelectual e profissional, de forma que as instituições criadas/integradas por Varine são passíveis de análise para a composição de sua trajetória.

Ao delimitar as especificidades em torno da “obra cultural”, nesse caso a trajetória, investigo sob o viés do “instrumento da ruptura com todas as visões parciais” (p. 235), sendo impregnado e disseminado pelo legado do campo a qual ele está inserido. Portanto, quando o “sujeito da objetivação” é membro do campo a ser explorado, isso permite que seja adotado um “ponto de vista científico” sobre um “ponto de vista empírico” expresso pelas publicações e pela própria observância da sua atuação na Museologia. Desse modo, o pesquisador se apoia em “outros pontos de vista”, a fim de que durante o seu trabalho sejam delimitadas as suas “determinações e seus limites”, estando como sujeito objetivado na concepção da “crítica metódica”. (p. 236)

O estudo da trajetória contribui para elucidar os jogos de poder em contextos ligados à sua presença, no caso em estudo, os embates travados no campo dos museus e da Museologia. Nesse aspecto, os diferentes agentes que integram esse campo simbólico lançam estratégias visando produzir determinadas crenças e “arquivar a própria vida”. Para isso, é forjado um arquivamento de si próprio e de uma determinada história do campo intelectual, visando “se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência” (ARTIÈRES, 1998, p. 11). Frente a isso, Philippe Artières contextualiza a relevância dos estudos em torno

dos arquivos, em especial os arquivos pessoais, e o papel das ciências sociais nessas ações de arquivamento:

Tudo isso mostra o valor cultural dos arquivos de vida nas nossas sociedades. Mas acontece também de o indivíduo ser solicitado, e às vezes submetido a pressões não mais apenas familiares, para arquivar a própria vida. Nesse caso, manter arquivos da própria vida seria considerado uma contribuição ao conhecimento do gênero humano. Edmond de Goncourt, em 1881, lança um apelo nesse sentido: ‘Dirijo-me às minhas leitoras de toda parte para solicitar-lhes que, naquelas horas vazias de ociosidade, em que o passado lhes volta à mente, na tristeza ou na felicidade, ponham no papel um pouco do seu pensamento enquanto recordam e, feito isto, o enviem anonimamente ao endereço do meu editor’. Da mesma forma, alguns pesquisadores das ciências sociais não hesitaram [...] a pedir a alguns indivíduos que arquivassem suas vidas. (p. 16)

Aqui se inicia um processo de análise de um arquivamento<sup>19</sup> específico. Em grande parte, os estudos existentes abordam trajetórias de agentes que já faleceram, o que geralmente abre possibilidades de análise de narrativas com uma maior estabilidade. No meu caso, o estudo em torno da vida de Hugues de Varine apresenta algumas armadilhas em virtude de ainda integrar o campo museológico, ocupando uma posição privilegiada e, por isso mesmo, impactando as narrativas em torno de sua atuação nesse espaço de possíveis. Portanto, entre idas e vindas o trabalho se inspira em pesquisas que não apresenta traçado biográfico sequencial. De acordo com Montagner (2007), pesquisas de cunho trajetorial “não seguem uma linearidade progressiva e de causalidade”, quebrando essa ideia que todos os fatos e ações que estão relacionados ao recorte de vida escolhido, sejam elementos que se conectem. Mas diante das inconstâncias temporais, todos os feitos devem fazer “sentido a todos os acontecimentos narrados por uma pessoa”, uma construção, que é captada e evidenciada a partir de um “relato oral, uma narrativa”. (p. 251-252)

Nesse aspecto, na tarefa de reconstruir alguns aspectos do itinerário de Hugues de Varine no campo dos museus e da Museologia a partir dos documentos consultados é perceptível uma escassez de informações sobre sua infância e adolescência. Mesmo nos textos com teor marcadamente autobiográfico esses períodos são silenciados. Frente a essas

---

<sup>19</sup> Pensar no arquivamento da trajetória de um agente como Hugues de Varine, deve ser especificado a forma com que esse tipo de ação acontece em sua singularidade. Pois “O processo de seleção e ordenamento dos documentos é muitas vezes um empreendimento coletivo, especialmente no caso de homens públicos, para quem secretárias e colaboradores podem ser agentes decisivos do processo.” (HEYMMAN, 2005, p. 47) Especificamente há uma colaboração/participação dos agentes secundários na promoção/construção de sua imagem. Dessa forma, fica evidente que nos arquivamentos de pessoas vivas ou mortas, “A documentação reflete, assim, múltiplas interferências, confirmando a tese de que o arquivo pessoal é, muitas vezes, um projeto coletivo, no qual se sobrepõem várias subjetividades, afastando-se da sedutora imagem de expressão fiel e autêntica da subjetividade de seu titular.” (HEYMMAN, 2005, p. 48)

implicações, não me aprofundarei acerca desse período, onde poderia ser encontrada alguma pista sobre a sua aproximação com os museus.

Além da informação sobre o seu nascimento em três de novembro de 1935 na cidade de Metz, localizada no nordeste da França, um dado relevante consiste em uma espécie de herança familiar que teria estimulado seu contato com o mundo dos museus. Na tarefa de consolidação de uma memória de sua aproximação com esse campo, sublinha a importância de um dos seus tios quando o apresentou para as práticas voltadas ao que estava sendo ensinado na França da década de 1950:

No começo dos anos 50, um tio (irmão do meu pai) me fez encontrar um arquivista conhecido que me persuadiu a me preparar para o concurso vestibular à Escola do Louvre, dizendo-me que era muito difícil e permitia uma carreira muito interessante. Nesse momento, eu terminava uma licenciatura em História na Universidade de Paris e não sabia qual orientação profissional tomar. Preparei-me, então, para a Escola do Louvre, fui aprovado (o concurso era, na realidade, muito fácil...) e cursei três anos de formação em vista de uma carreira nos museus. (*In*: CHAGAS, 1995, p. 240)

Algo a ser destacado é que Varine possuía uma formação em História pela Universidade de Paris, o que pode ter servido como chave para uma aproximação com os estudos ligados aos museus em um período de inserção profissional. Todavia, sobre a formação na Escola do Louvre<sup>20</sup>, observa que a mesma privilegiava a História da Arte:

Mas a Escola do Louvre formava essencialmente em História da Arte e, no meu caso, em arqueologia (oriental) e não em museologia ou museografia. Tive somente em três anos duas horas de aulas sobre a legislação francesa dos museus, duas horas sobre diferentes tipos de vitrinas e duas horas de trabalhos práticos sobre segurança contra incêndio. O resto do tempo era gasto em reconhecer obras de arte através de slides em preto e branco (à exceção da arte egípcia que eram a cores) e em visitar as salas dos museus nacionais (22 horas por semana 8 meses por ano durante 3 anos, uma overdose). (*In*: CHAGAS, 1995, p. 240)

Retomando as entrevistas de Hugues de Varine relacionadas a sua formação na Escola do Louvre, ele cita as dificuldades em torno da sua formação e a escassez de práticas, com diminutas visitas técnicas realizadas “sobretudo o Louvre; mas também o Museu dos Monumentos Franceses (Moldes), o Museu Guimet (Arte Oriental)” (1995, p. 240-24).

---

<sup>20</sup> De acordo com o site institucional, a Escola do Louvre “[...] é uma instituição de ensino superior que oferece cursos de história da arte, arqueologia, epigrafia, história das civilizações, antropologia e museologia. A escola está localizada em Paris, no Palais du Louvre. Fundada em 1882, tem o status de instituição administrativa pública vinculada ao Ministério da Cultura. Oferece aos seus alunos um currículo composto por três ciclos que culminam em diplomas e aulas preparatórias para curadores de patrimônio e concursos de conservadores de patrimônio”. Disponível em: <http://www.ecoledulouvre.fr/ecole-louvre> Acesso em 01 de maio. 2019

Informa, assim, que durante aquele período só se visitavam os “museus nacionais”, característica específica da França por conta da valorização do patrimônio nacional fundamentado no nacionalismo iniciado no século XVIII.

Mesmo diante de todas as dificuldades ao decorrer do curso, Varine se submete a um “estágio de verão” em um museu situado na cidade de Autun, desenvolvendo atividades voltadas ao âmbito da documentação museológica com o objetivo de “classificar uma coleção de vasos pré-históricos.” (*In*: CHAGAS, 1995, p. 240), onde o mesmo afirma ter feito “uma péssima classificação.” (p. 240). Diante dos percalços, não conclui o curso na Escola do Louvre e, em 1958, se recusa em “fazer a tese final, pois tinha a impressão de não ter aprendido nada e não queria, sobretudo, trabalhar nos museus!” (p. 240). O mesmo só volta a manter contato com a pauta museológica em 1962 quando inicia os seus trabalhos no ICOM.

Dessa maneira, o ICOM se posiciona conforme aquilo que é salientado no texto de Suely Cerávolo (2004) para que seja chamada a “[...] atenção de seus membros para responder e incorporar as inovações”. (p. 246) Por diversas vezes “falava-se em transformações graduais ou radicais novos métodos de ação, novas atividades decorrentes do uso das coleções, consideradas elos entre passado e presente.” (p.246). Portanto é importante reconhecer o comitê como um órgão regulador e de legitimação da Museologia, com um acúmulo do capital simbólico atribuída a ele enquanto representatividade internacional. Com uma intencionalidade, o ICOM passa a realizar discussões em torno de definições conceituais para o que seria posteriormente denominada como uma disciplina, devido a padrões e critérios estimulados a partir da atividade técnica de museus. Atividades essas iniciadas no Ofício Internacional de Museus e que se dinamizaram com a criação do ICOM.

Os temas das conferências e encontros passam a servir de ferramentas de reflexão para questões inerentes aos museus e críticas<sup>21</sup> começaram a ser apresentadas ao modo de atuação dos museus, delimitando aspectos de crise<sup>22</sup>. Na década de 1950 surgem a “Regulamentação

---

<sup>21</sup> “Na ocasião, o mundo dos museus já havia experimentado a crítica dos movimentos sociais dos anos 1960, incluindo aí o movimento estudantil, o movimento negro, o movimento feminista e o movimento hippie; já havia passado pela experiência da Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972), pela Revolução dos Cravos (1974) em Portugal, pelas guerras coloniais na África e pela guerra americana no Vietnã. Os jovens, por todo canto, manifestavam suas insatisfações com o sistema estabelecido e com as guerras, anunciavam uma era de paz e amor e produziam novos modos de vida e novas formas de comportamento.” (CHAGAS; GOUVEIA, 2014, p. 09)

<sup>22</sup> “[...] a) com os problemas enfrentados e discutidos no âmbito de disciplinas como a história, a arqueologia e a antropologia que passam ou passaram recentemente por processos de renovação; b) com a redefinição política e ideológica de diversos profissionais; c) com o desenvolvimento de atividades práticas até então não previstas nos manuais museológicos; d) com o surgimento de uma nova tipologia de museus - museus comunitários, ecomuseus, museus da vizinhança, etnomuseus etc. Num primeiro momento estes novos museus colocaram em cheque e sacudiram as estruturas dos museus tradicionais; e) com a constatação de que a museologia normal não mais responde satisfatoriamente às questões colocadas. Sendo necessário, portanto, recorrer a uma museologia

Internacional de medidas mais eficazes para tornar os museus acessíveis a todos - Paris”; o “Papel educativo dos Museus - Brasil”; e na década de 1960 os seguintes encontros: “Colóquio internacional sobre os problemas dos museus em países em vias de desenvolvimento - França”; “O Museu como Centro Cultural da Comunidade - México”; “Papel dos museus na comunidade - Índia”; “Novos públicos dos Museus - Polônia”; “Museu comunitário ao ar livre - França”. Fazendo uma breve análise, há um princípio de reformulação do que estava sendo pensado e discutido para a concepção de espaços museais e a manutenção dos que já existiam, frente a um contexto voltado a uma perspectiva humanitária nos tempos em que o mundo estava se recuperando de duas grandes guerras.

Nesse contexto de diálogos entre o ICOM, diversas instituições museológicas internacionais e as pessoas que pensavam e formulavam questões voltadas aos museus, Hugues de Varine é apresentado ao então diretor do Comitê Interacional de Museus, Georges Henri Rivière por Robert Gessain, “professor e diretor-adjunto do Museu do Homem”, no mês de Julho de 1962. Prontamente Rivière o admitiu como membro do comitê. No entanto, a rápida admissão de Varine envolvia uma questão específica no momento em que o diretor estava à procura de uma pessoa que pudesse substituí-lo em suas funções, visto que se empenhava na criação de um novo museu voltado para as questões a arte e das tradições populares.

Primeiro diretor do ICOM, Georges Henri Léon Benjamin Rivière nasceu em 5 de junho de 1897 na cidade de Paris, formado pelo curso da Escola do Louvre, concluiu os estudos em 1928, onde também integrou o quadro de professores, dando início a uma trajetória voltada aos estudos ligados a Etnografia, em tempos de pensar o “museu- laboratório”:

Emerge no grupo do Museu de Etnografia do Trocadero, remodelado para a Exposição Internacional das Artes e Técnicas da Vida Moderna, em 1937. Ligado à vanguarda cultural parisiense dos anos vinte e ao surrealismo, aluno de Alfred Métraux, próximo aos etnólogos Michel Leiris e Marcel Griaule, entre outros, é contratado como assistente do diretor, (o americanista Paul Rivet), daquele que se tornaria o Musée de l'Homme. [...] O local, ‘nacional e popular’, reunido à cultura do cotidiano seriam as bases da concepção do ‘museu-laboratório’ de Rivière, para quem um museu deveria ser um lugar de mediação entre a ciência e o grande público. (ANGOTTI-SALGUEIRO, 2006, p. 318)

---

extraordinária, o que, em última análise, significa buscar construir novos paradigmas.’ (CHAGAS, 1994, p. 17-18)

Rivière se destacava nas atividades ligadas a museografia, era reconhecido internacionalmente como “mágico das vitrines” pela aplicação de técnicas inovadoras para a montagem de exposições, para o que hoje é designado como expografia. Um trabalho que é evidenciado por Duarte (2013), ao abordar o pioneirismo do conceito expositivo que tinha uma abordagem voltada a “recusa do mero deleite visual de observação de objetos isolados e na procura de um itinerário expositivo”. A ideia estava totalmente ligada a uma teatralização da exposição com o uso e concepção de montagens cenográficas, que tinha o objetivo de levar o visitante a “reviver os objetos em exposição” e buscava um ambiente que traduzisse determinadas ações ou feitos históricos, tendo como um dos principais aliados o uso do fio de nylon, para que os objetos fossem “mantidos em posição realista de uso” (p. 101)

Por essa produção da crença e pela relação com o campo dos museus na França, Rivière adquiriu um prestígio que contribuiu para que fosse eleito diretor do ICOM, cargo que ocupou até 1965 quando se tornou conselheiro permanente. A admissão de Varine nada mais era do que uma estratégia visando legitimar um sucessor francês, impedindo que a direção do ICOM fosse passada a um profissional de museus da Holanda que nutria essa intenção naquele momento. Todavia, Varine possuía 26 anos e um conjunto de limitações que poderia atrapalhar os planos do atual diretor de torná-lo um candidato à sua sucessão.

Tinha saído do serviço militar não falava inglês e não sabia nada dos museus nem franceses, nem outros. Eu havia abandonado meus estudos e havia abandonado igualmente a arqueologia. Não tinha nenhuma experiência em Administração, nem no trabalho internacional. Mas eu era francês e recomendado por um grande antropólogo, especialista dos esquimós da Groenlândia. (*In*: CHAGAS, 1995, p. 242)

A recomendação em nada se comparava com a prática a qual o outro candidato mantinha e que o próprio Hugues de Varine havia abandonado por fatores de foro íntimo. A partir de então, Varine passa por um processo de imersão em questões relacionadas aos museus, isso após o Colóquio de Neuchatel realizado na Suíça em 1962, tratando de temáticas voltadas aos problemas dos países em vias de desenvolvimento. Em 1964, ele participa de um estágio de estudos do ICOM realizado na Nigéria e que tinha por finalidade a discussão das temáticas abordadas em Neuchatel, abordando o “papel dos museus na África contemporânea”.

Nota-se que, mesmo a fabricação de uma imagem apresentando a participação efetiva de Varine, a realidade em torno daquilo que estava sendo acrescido era outra. Rivière em meio a esse processo de imersão do jovem que ocuparia o seu lugar no comitê, começa uma espécie de “campanha eleitoral” a fim de evidenciar o seu candidato como a pessoa mais

adequada para estar à frente da instituição. Trata-se de uma estratégia de fabricação de herdeiros e legados simbólicos. Para tanto, ele o “apresentou por toda a parte como muito experiente, falando corretamente o inglês e tendo um bom conhecimento internacional! O contrário do que eu era na realidade.” (*In: CHAGAS, 1995, p. 241*)

Essa movimentação em torno da sua inserção de Varine nos debates internacionais estava pautada na sua futura posse enquanto diretor do ICOM e, não por acaso, começa a ocorrer quando ele assumiu as funções de Rivière em caráter provisório. Nesse contexto, ele exerceu interinamente a diretoria e as suas atribuições, tornando-se diretor interino (1964) e, logo após, assumindo em definitivo em 1965.

Após a Conferência, G. H. Rivière abandonou a Secretaria do ICOM durante vários meses, deixando-me desembaraçar com as dezenas de cartas atrasadas, o relatório da Conferência Geral para redigir, o do encontro de Neuchatel, para transformar em livro etc. Dois anos mais tarde, Rivière deixava o ICOM definitivamente e eu me tornava diretor em seu lugar, antes interinamente, depois oficialmente na Conferência Geral de Nova York (1965). (*In: CHAGAS, 1995, p. 241-242*)

Em 1965, Varine participa da reunião de criação do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios Históricos-ICOMOS (Fig. 1). Ele inicia os seus trabalhos enquanto membro do comitê, debatendo ativamente as questões e atuando na constituição de um dos conselhos que dão suporte ao ICOM, a partir de prerrogativas de uma adaptação do modelo da Carta de Veneza (1941).



Fig. 1 - Hugues de Varine na Reunião do ICOM, Varsóvia, Polônia, 1965. Acervo pessoal.

Nesse aspecto, visualizo os esforços apreendidos por Rivière naquilo que Bourdieu (2003) apresenta como “estratégias de conservação”<sup>23</sup>, tendo em vista a sucessão do cargo que ele ocupava. Sendo assim, “o problema da sucessão mostra que o que está em jogo é a possibilidade de transmitir um poder criador” (p. 213). Portanto, aporto em um dos grandes perigos desse pensamento, pois se fala de uma “afirmação do poder carismático do criador”, lembrando que o mesmo foi o primeiro diretor do ICOM. Refiro, assim, a um caso de um legado voltado para as práticas de um país em questão da “afirmação da possibilidade de substituição do insubstituível”. (p. 212)



Fig. 2 - Hugues de Varine com George Henri Rivière no ICOM, 1967. Acervo pessoal.

Dessa forma, mesmo com Varine tomando posse na diretoria do ICOM, Rivière continuava como membro permanente do conselho como forma de consolidar seus posicionamentos. Trata-se, assim, de uma forma de legitimação dos discursos produzidos por ele, garantindo a ocupação da vaga antes por ele ocupada. É evidente a disseminação dos jogos de poder para a perpetuação de um legado, nesse caso de uma hegemonia francesa. Portanto, a estratégia era que os moldes franceses de trato com o patrimônio e os museus continuassem sendo propagados, pois a entrada de outra pessoa poderia “ameaçar” todo o trabalho desenvolvido até então.

O texto que integra o livro *Os Museus no Mundo* aborda delineamentos voltados a questões teóricas da Museologia e a atuação de Varine em meio a esse contexto. Para tanto, apresenta breves informações sobre sua trajetória:

---

<sup>23</sup> “[...] que têm por objetivo obter lucro do capital progressivamente acumulado.” (BOURDIEU, 2003, p. 207)

Hugues de Varine-Bohan empreendeu vários estudos de história, arqueologia e história de arte. Passou dois anos no Líbano como diretor de um centro de documentação cultural e técnica da embaixada de França. É diretor do ICOM (Conselho Internacional de Museus) e nessa qualidade visitou 75 países onde organizou numerosas reuniões relacionadas com a atualidade e o futuro da instituição museu. (ROJAS *et al.*, 1979, p. 8)

Hugues de Varine esteve à frente do ICOM por dez anos, de 1964 a 1974. Vale ressaltar que durante a sua atuação, o campo da Museologia passou por diversas transformações impactado pela consolidação de um novo paradigma. Em pouco tempo, Hugues assumiu uma posição de destaque internacional no campo da Museologia. Sendo assim, “é preciso também buscar o objeto construído” (BOURDIEU, 1996, p. 236) de tal forma que a “pesquisa toma por objeto o próprio campo científico, ou seja, o verdadeiro sujeito do conhecimento científico.” (p. 237) Nesses termos, para além das discussões em torno da cientificidade da Museologia, o argumento é que para a compreensão da trajetória de Varine é fundamental compreender os estados sucessivos do campo em que se posicionou visando, assim, compreender a própria Museologia.

## **1.2 Impactos museais: os rastros deixados por um novo paradigma**

A partir de ideias que estavam atreladas a uma nova concepção de museu, em 1972, na cidade de Santiago do Chile foi realizada à Mesa Redonda do ICOM, com debates e discussões em torno dos “Princípios de Base do Museu Integral”, resultado publicado em formato de declaração no dia 30 de maio de 1972. Em meio a essa configuração, Hugues de Varine se torna um dos agentes responsáveis por conformar algumas das questões norteadoras desse encontro cujas ideias já vinham sendo gestadas por ele e por outros agentes que reconheciam o museu enquanto mecanismo de “desenvolvimento comunitário”. Com isso, muitas ações começam a ganhar visibilidade a luz do conteúdo da declaração, tirando essas práticas do anonimato.

Os integrantes da Mesa Redonda de Santiago acentuaram questões em torno da ação política dos museus e da Museologia, frente a um modelo museológico que então vigorava. Aqui pode se atentar a aspectos de alteridade em pensar não somente em uma “Nova Museologia”, mas numa narrativa que englobe Novas Museologias problematizadas em diversas correntes de pensamento estimuladas a partir desse documento:

[...] diferencia o período do conceito de Nova Museologia e sua oficialização, que teria ocorrido em 1982, numa assembléia da Associação dos conservadores franceses quando Évelyne Lehalle com Chantal Lombard, Alain Nicolas e Willian Saadé, estabelecem os estatutos de uma associação a *Muséologie nouvelle et expérimentation sociale (MNES)*. Numa retrospectiva possível das diferentes fontes das quais poderia ter nascido (ou influenciado) o conceito de Nova Museologia, aponta: 1957 – Freenam Tilden lança a visão de interpretação do patrimônio que teria revolucionado a museografia dos centros de interpretação; 1962 – George Henri Rivière, presidente do Icom desde 1946, e Hugues de Varine, como criadores do ecomuseu; 1966 – os primeiros museus *in situ* de parques naturais. Ou também na reunião em Aspen (Colorado) em que Sidney Dillon Ripley, secretário do Smithsonian Institution, lança a idéia de um museu de vizinhança experimental e dá a Kinard a possibilidade de desenvolver seu projeto em Anacóstia. 1969 – o seminário ocorrido no Bedford Lincoln Neighborhood Museum (Brooklyn; EUA) sobre “museus de vizinhança” (*neighborhood museum*) e o ‘papel do museu na coletividade’ do qual participou Emily Dennis-Harvey e John Kinard fundador do Neighbordhood Museum no bairro de Anacostia em Washington. 1971 – entre Paris, Dijon e Grenoble, quando ocorre uma conferência geral do Icom com o tema ‘O museu a serviço dos homens, hoje e no futuro?’ Em Dijon, pela primeira vez, Robert Puoujade primeiro-ministro lança na França o termo ecomuseu. Em Grenoble, Ducan F. Cameron fala da ‘linguagem de comunicação nos museus’; John Kinard expõe idéias sobre o museu comunitário em Washington; Stanislas Adotevi, do Dahomey, fala do elitismo nos museus do Terceiro e Quarto Mundos, nos quais a população não entrava. 1972 – com a mesa-redonda realizada em Santiago do Chile, organizada pela Unesco com o tema ‘Papel dos museus na América Latina’, ou com um colóquio realizado em França nesse mesmo ano com o tema ‘Museu e meio ambiente’. 1978 – ‘mais conscientemente’ usa-se pela primeira vez a expressão ‘nova museologia’. (DESVALLÉES *Apud CERÁVOLO*, 2004, p. 259-260)

Diante dos antecedentes da Nova Museologia são evidentes as transformações que se iniciam naquele período, a fim de demonstrar o rompimento de padrões estabelecidos no campo dos museus e o surgimento de um novo paradigma. Nesse aspecto, retorno ao texto de Mário Chagas (1994), onde afirma que “[...] houve um tempo em que a museologia esteve tranquilamente estabelecida”, defronte a um paradigma “[...] assentado, aceito e partilhado pela comunidade técnico-científica.” (p. 15)

Portanto existia uma prática que tinha como um de seus aspectos “[...] suprimir as novidades e as idéias novas [...]” (p. 16), como era atribuída pela “Museologia Extraordinária”. Com uma quebra do conformismo, um novo pensamento surge visando provocar as propostas estabelecidas e tidas por “tranquilamente” estabelecidas. “Essa situação de caos teórico é experimentada na museologia, e isto a torna particularmente desafiadora.” (p. 25), aportado em um processo de “reconceituação da museologia”.

Na verdade, uma questão importante que merece destaque na atuação de Hugues de Varine como um dos pioneiros da Nova Museologia é a criação do Ecomuseu da Comunidade Le Creusot na França, sendo ele encarregado pelo museu entre os anos de 1977 e 1982. O processo de criação do ecomuseu aconteceu inspirado em outras experiências museológicas:

Em 1971, quando fui convidado a participar da criação de um museu como ferramenta de desenvolvimento em Le Creusot, e mais tarde em toda a ‘Communauté Urbaine’, utilizei como referência e modelo três experiências que eu havia tido a sorte de conhecer durante minhas missões no Icom, no final dos anos 1960: os museus a céu aberto na Escandinávia, os museus de bairro nos Estados Unidos e os museus locais e escolares no México. Minha intuição se confirmou no ano seguinte (1972) durante o Seminário de Santiago, que foi para mim, e ainda é, a referência-padrão do museu como ferramenta de desenvolvimento. (VARINE, 2014, p. 27)

Essa nova proposta teve como meta atrelar suas atividades ao “desenvolvimento comunitário”, uma proposta de experimentação que envolvia a participação da comunidade que compunha o entorno da instituição fundada por Varine. Em “Le Creusot, as atividades do museu, particularmente a pesquisa e a apresentação, são articuladas ao desenvolvimento, em cooperação com os demais instrumentos econômicos, sociais, educacionais e culturais.” (VARINE, 2014, p. 28) Esse experimento representava um avanço diante dos moldes em que estavam alicerçados a maioria dos museus naquele período:

Uma coisa que temos experimentado em Le Creusot é o fato de que o museu comunitário, como organismo vivo, precisa viver ao longo do mesmo ciclo que a população que lhe dá suporte. Ele é criado por uma determinada geração; no nosso caso, nos anos 1970, por pessoas de uma faixa etária entre 35 e 55 anos, a maior parte delas ativas na área da produção e no cenário social (trabalhadores, engenheiros, professores, pais etc.). Eles construíram um museu de acordo com as suas ideias, suas necessidades, seus objetivos, mas também suas memórias, seus preconceitos e o gosto da época. Eles usaram sua linguagem, as imagens que eram comuns na época. (VARINE, 2014, p. 31)

Produzir um museu com essa nova aspiração, serviria de inspiração para a criação de outras instituições. Em especial, a formulação da metodologia que seria aplicada a essa nova instituição inspiraria o surgimento de outras, mesmo essa não sendo a primeira experiência pautada pela transformação e inclusão social na Museologia ou, conforme ele sublinha, de “museologia comunitária”:

Na maioria dos casos, em minha experiência, a museologia comunitária preocupa-se em libertar as próprias pessoas da alienação cultural, ou liberar sua capacidade de imaginação ou iniciativa, ou liberar a consciência dos seus direitos de propriedade sobre seu patrimônio, tanto material quanto imaterial.

Isso foi o que aconteceu em Le Creusot e nas comunidades circunvizinhas nos anos 1970 toda a zona havia sido sujeita, há mais de um século, a um controle forte e paternalista que cobria todos os setores da vida profissional, social e privada. Um dos problemas era ajudar às pessoas a se tornarem cidadãos livres e a reconhecerem o seu direito a um patrimônio industrial e cultural próprio. (VARINE, 2014, p. 32)

Se torna necessário visualizar o esforço empreendido para a propagação dos ecomuseus, enquanto elemento de legitimação de uma nova prática. Disseminada por Varine e Rivière, essa terminologia se tornou importante “moeda simbólica” no campo museológico, com uma forte assinatura enquanto elemento dissonante e polifônico.<sup>24</sup> Nesse aspecto, retomo Bourdieu (2003) quando ele apresenta a lógica da dominação na propagação de determinadas ações no campo cultural. Para isso, conclui que “[...] os dominantes são aqueles que detêm em maior grau o poder de constituir objetos raros pelo procedimento da ‘griffe’; aqueles cuja ‘griffe’ tem o maior preço. Num campo, e esta é a lei geral dos campos, os detentores da posição dominante...” (p. 206). Para tanto, deve ser observado que o trabalho de Hugues de Varine desponta perante um processo de colonialidade teórica e metodológica no processo de implantação do seu modelo de museu. Com isso, há um apelo maior pelos moldes e formas que são empregados em determinados empreendimentos museais que foram fabricados ou elaborados por ele, mesmo destacando que há uma subjetividade específica de comunidade para comunidade.

Ressalto que o modelo elaborado e apresentado naquele período era respaldado pelos representantes do ICOM, um enquanto diretor e o outro como membro do conselho. Essas transformações surgem em um contexto em que se encontravam em uma posição de “destaque” e “evidência” e, portanto, o ecomuseu acabaria por se tornar elemento de constituição de uma nova “griffe” museológica. Com fins de propagação de uma nova prática, que viria com o intuito de criar novos elementos, resulta em uma ressignificação, pode-se dizer que gerou uma espécie de repaginação no “guarda roupa museal”, para dialogar com a metáfora das lutas no campo da moda, conforme explicitou Bourdieu (2003).

Nesse aspecto, essa nova “marca” se enquadra num contexto onde a griffe é a “[...] marca que muda não a natureza material, mas a natureza social do objeto”. (p. 213), portanto o ecomuseu se torna elemento de constituição de um produto para um novo mercado. Sendo assim, “[...] o que está em jogo não é a raridade do produto, é a raridade do produtor. Mas como se produz essa última?” (p. 213) Desse modo, a cada processo museal iniciado por

---

<sup>24</sup> O conceito de ecomuseu será discutido no próximo capítulo.

Varine, seja ele concluído ou não, há um enaltecimento daquele trabalho devido a pessoa que o criou, não somente pelo ecomuseu em si.

Na busca da resposta, o próprio Bourdieu conclui que essa raridade é produzida perante “circuitos de consagração”. No entanto, no caso da trajetória de Hugues de Varine no campo dos museus e da Museologia, ele continua a mobilizar processos e circuitos de consagração e há um número expressivo de agentes que atua diretamente no que reconheço enquanto “engenharia de subjetividades” para a produção e manutenção do criador a ser consagrado. Isso pode ser evidenciado em um “ciclo onde A, consagra B, que consagra C, que consagra D, que consagra A. Quanto mais complicado é o ciclo de consagração, mais ele é invisível, mais sua estrutura não é reconhecida, maior é o efeito de crença.” (p. 215).

Tal disposição é verificada a partir dos discursos e embates em torno da Nova Museologia, onde a década de sessenta do século passado, é marcada pelo “movimento artístico-cultural”. Santos (2008) destaca o movimento como uma “recusa aos modelos estabelecidos”, com a forte presença da juventude. Dentro desse contexto, que tinha como fundamento a não aceitação dos “esquemas comerciais”, “imposições dos meios de comunicação de massa”, “crítica à sociedade de consumo”. O intuito era adquirir liberdade frente a estruturas predominantes da sociedade francesa, o que culminou no “maio francês”. Com isso, de acordo com essa nova proposta ideológica, passa-se a se pensar em diversos setores sociais, econômicos e sociais. Os museus a partir de então, começa a ser pensados aos olhos da “sua relação com a sociedade”. Revisando o sentido do conceito de patrimônio, o ampliando com u formato interdisciplinar, passando a ser denominado como “patrimônio integral”.

É possível afirmar que a Mesa Redonda de Santiago do Chile foi uma das principais realizações de Hugues de Varine no ICOM. A declaração foi gerada a partir do diálogo estabelecido entre os representantes dos países presentes no evento, o que resultou na produção de um documento que relata a importância do estabelecimento do vínculo entre a instituição museu e sua comunidade de entorno, em um movimento de trocas simbólicas na realização das atividades rotineiras ou não dos museus.

No volume I do livro *Mesa Redonda de Santiago do Chile 1972*, publicado no ano de 2012 em decorrência da década do patrimônio museológico (2012-2022), Alan Trampe enquanto subdiretor de museus do Chile, apresenta em poucas linhas o sentido da realização da Mesa Redonda: “Essa reunião previa a continuidade de muitos dos padrões da nova museologia, com ênfase em grandes desafios a serem superados para promover a noção de um

museu integral e integrado” (p. 103). Desse modo, torna-se um marco não somente a criação de mais um novo conceito ou ação específica/isolada, mas uma forma de consagração de práticas que já vinham sendo realizadas ao longo de décadas. Dando continuidade, ele especifica a ideia do ser “integral”, onde o mesmo “[...] aborda aspectos além dos tradicionais, de modo a melhor atender às necessidades das pessoas e promover uma vitalidade cultural das sociedades às quais os museus pertencem.” (p. 103) Um desafio a ser pensado, pois “[...] seria necessário cruzar fronteiras e enfrentar resistências conservadoras” (p. 103), especificamente porque a força motriz dessas resistências<sup>25</sup> se encontravam no seio do próprio comitê.

O evento contou com a organização<sup>26</sup> de membros do Departamento de Patrimônio Cultural da Unesco, do diretor do ICOM e do Diretor do Planetário de Montevidéu. Os expositores<sup>27</sup> apresentaram, no entanto, algo que segundo eles dialogava com os pressupostos da Nova Museologia, levando a uma reflexão de museu sem paredes ou muros no que se referia ao “desenvolvimento cultural em áreas rurais”, “desenvolvimento científico e tecnológico”, “os problemas do meio ambiente” e a “educação permanente”. Nesse aspecto, contou com a participação<sup>28</sup> de representantes do Chile, Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Equador, Guatemala, México, Panamá, Peru, El Salvador e o Diretor do Escritório Regional da UNESCO.

Dando continuidade às razões para a realização de uma mesa redonda com representantes da América Latina, Varine visualizou a oportunidade da unificação de “duas categorias de especialistas” (VARINE, 2012, p. 114). Onde o mesmo buscava “[...] a solução

---

<sup>25</sup> Será abordado neste capítulo na parte referente a Declaração de Quebec, especificamente em um depoimento do professor Mário Moutinho.

<sup>26</sup> “Raymonde Frin: Departamento de Patrimônio Cultural da Unesco. Jacques Hardouin: Departamento de Patrimônio Cultural da Unesco. Hugues De Varine-Bohan: Diretor do Icom. Héctor Fernández Guido: Diretor do Planetário Municipal de Montevidéu, Uruguai. (Serviu como Presidente da Região).” (In: NASCIMENTO JUNIOR *et al*, 2012, p. 111)

<sup>27</sup> “Enrique Enseñat: Faculdade de Agronomia da Universidade do Panamá (Tema: Os museus e o desenvolvimento cultural em áreas rurais). Mario Teruggi: Chefe da Divisão de Mineralogia e Petrologia, Museu de la Plata, Argentina (Tema: Os museus e o desenvolvimento científico e tecnológico). Jorge Hardoy: Instituto Di Telia, Argentina (Tema: Os museus e o problema do meio ambiente)”. César Picón: Diretor de Educação Escolar e Geral do Ministério da Educação, Peru (Tema: Os museus e a educação permanente).” (In: NASCIMENTO JUNIOR *et al*, 2012, p.111)

<sup>28</sup> “Grete Mostny: Curadora do Museu Nacional de História Natural, Santiago, Chile. Teresa Gisbert de Mesa: Diretora do Museu Nacional de Arte, La Paz, Bolívia Lygia Martins-Costa: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro. Brasil. Alicia Dussan de Reichel: Chefe da Divisão de Museus e Restauração do Instituto Colombiano de Cultura, Bogotá, Colômbia. Luis Diego Gómez: Diretor da Divisão de História Natural, Museu Nacional da Costa Rica. Hernán Crespo Toral: Diretor do Museu do Banco Central, Quito, Equador. Luis Luján Muñoz: Diretor do Instituto de Antropologia e História da Guatemala. Mario Vázquez: Vice-Diretor do Museu Nacional de Antropologia do México. Raúl González: Chefe de Museus e Exposições da Direção do Patrimônio Histórico Nacional do Panamá. Federico Kaufmann: Diretor de Conservação do Patrimônio Cultural, Lima, Peru. Carlos de Sola: Diretor Geral de Cultura, São Salvador, El Salvador. Colaborador na Organização da Mesa: Dr. Simón Romero: Diretor do Escritório regional da Unesco.” (In: NASCIMENTO JUNIOR *et al*, 2012, p. 111).

de um único problema, o da integração dos museus ao desenvolvimento”. (p. 114) O entendimento dos objetivos dos museus e das metodologias para atingir esses objetivos passava naquele momento por um processo de reformulação ou por um processo de “reinvenção”. Para tanto, a educação seria uma das principais ferramentas utilizadas para um princípio de “libertação”, já que “o aluno não deve ser objeto de ensino, mas o sujeito da construção de novos valores para o homem.” (p. 114) Varine explicita o lugar de atuação do museu em relação ao ensino, “[...] já que nele os objetos expostos nas paredes e nas vitrines permitem que o visitante seja, mais facilmente que em outros locais, um verdadeiro sujeito.” (p. 114). Nesse argumento é possível visualizar a presença do pensamento de Paulo Freire<sup>29</sup>, influenciando-o na constituição de um novo olhar museal.

Hugues de Varine problematiza o “isolamento” que algumas instituições museais poderiam sofrer por conta da sua localização geográfica: “Um isolamento que pode ser extremamente perigoso. Um isolamento que poderia ser rompido dentro de um país por meio da criação de organizações e instituições de educação para o desenvolvimento econômico e social, publicações e centros de educação.” (p. 114)

A declaração ainda expõe os aspectos que estão relacionados ao que é destacado enquanto “função social do museu”, reafirmando o propósito do museu enquanto instituição voltada a aspectos de caráter educativo e comunitário, em um processo de formação coletiva e singular.

O museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais. (DECLARAÇÃO DE SANTIAGO DO CHILE, 1972)

Percebe-se que o acervo deixaria de ser o principal meio de estudo e disseminação do conhecimento. Um atendimento diferenciado ao público e a comunidade de entorno encontra suas bases nesse documento. Prioriza-se, assim, o receptivo e a proximidade que “os museus devem criar sistemas de avaliação que lhes permitam determinar a eficácia de sua ação em relação à comunidade”. Tal alternativa, potencializa a voz da comunidade em questionar as

---

<sup>29</sup> A relação entre Hugues de Varine e Paulo Freire será discutida no próximo capítulo.

abordagens e linguagens de transmissão da comunicação por parte do museu de acordo com sua especificidade ou tipologia.

Diante disso, a declaração aborda especificações de acordo com o local em que está instalado o museu. Nesse caso, os museus instalados no meio rural teriam por objetivo abordar as “tecnologias aplicáveis ao aperfeiçoamento da vida da comunidade”, como também o uso de “exposições culturais propondo soluções diversas ao problema de meio social [...] a fim de proporcionar ao público uma consciência mais aguda sobre estes problemas”. Da forma em que é colocada pela declaração, as atividades museológicas no meio rural estariam interligadas a ações realizadas pela comunidade a fim de lhes fornecer um suporte tecnológico nas diversas atividades de produção e beneficiamento realizados na comunidade. Em relação aos “museus de cidade”, o documento aponta para uma reiteração “de modo particular no desenvolvimento urbano e nos problemas que ele coloca, tanto em suas exposições quanto em seus trabalhos de pesquisa”. Orienta os gestores para que problematizem, por meio de suas exposições e estudos, as questões envoltas na desigualdade social e a ineficiência quanto a métodos de desenvolvimento sustentável no meio urbano.

Fazendo uma análise do depoimento de Hugues de Varine publicado no livro *A memória do pensamento museológico contemporâneo* (In: ARAUJO; BRUNO, 1995), ele traça um depoimento pessoal sobre a Mesa Redonda de Santiago do Chile abordando os itinerários e os impactos da criação do documento. Dessa forma, é possível reconhecê-lo no conceito criado por Ângela de Castro Gomes (1996), onde o mesmo assume o papel de “guardião da memória” das atividades que ocorreram em diversos momentos da Museologia.

A mesa redonda tinha por público-alvo os profissionais latino-americanos dos principais museus dos países convidados. Optou, assim, pelo uso integral do espanhol como língua oficial do evento, com o intuito de facilitar a participação dos brasileiros, que de acordo com próprio Varine, os mesmos “se arranjariam em portunhol”. Dessa forma, o evento contaria com a presença de especialistas da própria América Latina, no qual “um peruano (Educação), um panamenho (Agricultura), dois argentinos (Meio Ambiente e Urbanismo)” (In: ARAUJO; BRUNO, 1995, p. 18). Os debates levaram os presentes a uma reflexão acerca das cidades em que os museus ali representados estavam instalados. Os presentes “em número de doze”, estavam representavam as maiores instituições museais dos seus países de origem. Dessa maneira, durante o evento, aqueles profissionais “tomaram consciência de que não conheciam as cidades onde habitavam[...]. Profissionais competentes nas suas especialidades, eles haviam

ficado [...] a margem da realidade da explosão urbana que havia ocorrido durante as últimas décadas. (In: ARAUJO; BRUNO, 1995, p. 18)

A partir daí, começou a confecção do documento resultante das reflexões e provocações surgidas durante a realização do evento. Cria-se o conceito de “museu integral”<sup>30</sup>, que se tornou a base para a mudança do pensamento e do olhar das instituições museológicas em torno da realidade social em que estavam inseridas.

Dessa forma, é possível concluir, a partir das afirmações de Tereza Scheiner (2012), que o Museu Integral se enquadra em um modo específico de atuação que se encontra a proposta de ecomuseu que Rivière e Varine passam a disseminar no decorrer e no pós-Santiago. Consiste em um elemento de “renovação dos ecomuseus”, perante a relativização do “poder do especialista”, num cenário em que há uma consonância de aprovação da comunidade na tomada de decisões: “Eis aí, transformada em ação, a proposta do Museu Integral.” (p. 25) Há ainda, pesquisadores que confirmam a “[...] influência direta no advento dos ecomuseus”, como responsável pela formatação e aplicação do contexto neomuseal, explicito pela Declaração de Santiago. Distorcendo assim, em um jogo de poder academicistas que “[...] estes advêm de uma outra matriz – a dos museus a céu aberto, museus-ateliers e parques naturais musealizados.” (SCHEINER, 2012, p. 24)

Algo que passa despercebido por alguns pesquisadores em relação ao ecomuseu é alertado pela autora quando ela aponta para um dos pontos negativos da experiência das aplicações ecomuseológicas que “[...] é o fechamento das comunidades em torno da própria experiência.” (SCHEINER, 2012, p.25-26), experiência de valorização e desenvolvimento comunitário internalizada nas decisões da comunidade. Fica então a dúvida e a indagação: até quando essas comunidades que se envolveram em uma visão cósmica de independência poderão se manter num ritmo de “desenvolvimento comunitário”?

Frente a isso, a própria autora aponta para uma possibilidade perante os fundamentos do ecomuseu, que é o não fechamento da comunidade em sua totalidade. Isso porque nem todas as experiências estão livres da ação de um agente governamental ou da iniciativa privada<sup>31</sup>. “Todos nós conhecemos ecomuseus, museus comunitários e museus participativos desenvolvidos a partir do alto, baseados em programas políticos de desenvolvimento nacional e/ou regional.” (SCHEINER, 2012, p. 26)

---

<sup>30</sup> Designado por “[...] um novo conceito de ação dos museus: o museu integral, destinado a proporcionar à comunidade uma visão de conjunto de seu meio material e cultural.” (DECLARAÇÃO DE SANTIAGO DO CHILE, 1972).

<sup>31</sup> No terceiro capítulo me debruçarei em algumas experiências brasileiras que sofreram influência de uma empresa e de órgãos públicos municipais e federais.

Além disso, a audácia daquele grupo de profissionais latino-americanos reunidos em Santiago não traria mudanças imediatas. Após vinte anos da publicação da Declaração de Santiago do Chile, Hugues de Varine faz uma avaliação sobre as mudanças que foram ou seriam geradas com a implementação das orientações do documento. O mesmo ressalta que “no resto do mundo o impacto de Santiago foi considerável, mas tardio: até o início dos anos 80, ninguém falava de Santiago” (In: ARAUJO; BRUNO, 1995, p. 19)

Apesar de do ponto de vista das transformações nas práticas museológicas, o impacto ter sido tardio, a posição de Varine, ao estimular essas discussões e aglutinar expoentes de diversas partes do mundo, contribuiu ainda mais para seu prestígio no campo da Museologia tornando-se uma espécie de mediador entre as diferentes posições e tendências de pensamento.

Ressalto que a Declaração de Santiago elaborada na Mesa Redonda do ICOM em Santiago do Chile seria uma das últimas atividades realizadas por Varine na sua gestão enquanto diretor do comitê. Dois anos após a realização do evento, o mesmo se ausentaria da direção, assumindo uma nova fase do seu trabalho no âmbito museal. A partir de então, Hugues de Varine começa a trabalhar enquanto consultor internacional de desenvolvimento e a aplicar métodos próprios de implantação e manutenção de instituições museais a luz da Nova Museologia.

### **1.3 Um militante da Nova Museologia: as reverberações de um pensamento-ação**

Diante da ideia de militância em que enquadro Hugues de Varine, trago aqui um trecho do livro *O Tempo Social*, publicado no Brasil em 1987, em que ele aponta para uma nova realidade que surgia no campo da Museologia. Ele apresenta o contexto do seu pensamento-ação em um tópico delimitado na publicação como “uma reflexão sobre a ação”. Nesse tópico, ele conclui: “finalmente, eu tive a oportunidade de poder conceber e realizar uma política coerente no domínio do emprego cultural, ligada à prioridade racional de luta contra o desemprego e para o desenvolvimento de novas atividades.” (p. 18). Dessa forma, o autor apresenta indícios de uma Nova Museologia marcada por uma feição politizada em meio a uma realidade social que está inserida no seio da militância.

Para tanto, busca uma aproximação por meio da “[...] relação estreita e prolongada com as coletividades locais, o mundo associativo e, em geral, o setor dito da economia social me

fizeram compreender os mecanismos e as interações destes atores da mudança ou da estagnação.” (p. 18) Aqui é importante destacar os espaços de poder em que Varine estava posicionado no campo de produção simbólico internacional após a sua saída do ICOM. Ele optou por privilegiar a difusão de pensamentos sobre o associativismo, visando uma transformação econômica e social para uma determinada comunidade.

Nesse contexto observa a comunidade (coletividade local) como ponto de referência para uma subjetividade coletiva. A institucionalização (associativismo) surge enquanto elemento de referência para um desígnio de “existência” enquanto comunidade constituída, que tem por anseio o “desenvolvimento” de suas estruturas para um fortalecimento coletivo (economia social), a partir da formação de lideranças capazes de administrar a realidade proposta (atores de mudança), ou, conforme referido por Hugues de Varine (2012), “agentes de desenvolvimento”. (p. 50)

Nesse aspecto, a militância de Hugues de Varine se esbarrava em um conjunto de tensões criadas no campo da Museologia. Naquele momento, a maioria dos agentes estava preocupada com os debates conceituais e terminológicos. Varine se preocupava com a criação de métodos visando aquilo que ele denominou de “desenvolvimento comunitário”.

Cerca de doze anos após a realização da Mesa Redonda de Santiago do Chile e da sua publicação em forma de declaração, aconteceu na cidade de Quebec uma nova reunião que foi pautada nos “Princípios de Base de uma Nova Museologia”. As primeiras linhas que compõem o documento esboçam que a “primeira expressão pública e internacional” do que posteriormente seria chamado de “Nova Museologia” aparece nas entrelinhas da Declaração de Santiago. Diferente do que é apresentado na declaração anterior, Quebec aponta uma contextualização do que seria esse “novo movimento” para a Museologia.

A museologia deve procurar, num mundo contemporâneo que tenta integrar todos os meios de desenvolvimento, estende suas atribuições e funções tradicionais de identificação, de conservação e de educação, a práticas mais vastas que esses objetivos, para melhor inserir sua ação naquelas ligadas ao meio humano e físico. (DECLARAÇÃO DE QUEBEC, 1984)

No seu início, a declaração tece críticas à denominada corrente tradicionalista da Museologia, apresentando um olhar mais abrangente para práticas pautadas na interligação entre o espaço/museu e a sociedade/comunidade. Inspirada nas mudanças expressas pelo novo ideal museológico, a declaração aponta para uma nova orientação, incentivando as práticas de integração comunitária para o “desenvolvimento local”:

Ao mesmo tempo em que se preserva os frutos materiais das civilizações passadas, e que protege aqueles que testemunham as aspirações e a tecnologia atual, a nova museologia – ecomuseologia, museologia comunitária e todas as outras formas de museologia ativa – interessa-se em primeiro lugar pelo desenvolvimento das populações, refletindo os princípios motores da sua evolução ao mesmo tempo em que as associa aos projetos futuros. (DECLARAÇÃO DE QUEBEC, 1984)

A formulação de uma nova leitura para o campo da Museologia contribuiria para beneficiar diversos setores, especialmente a partir da proposta de um diálogo efetivo que propiciasse o protagonismo dos atores sociais envolvidos. A proposta defendia um diálogo para além dos muros da instituição museal, com características de livre processo criativo:

Este novo movimento põe-se decididamente ao serviço da imaginação criativa, do realismo construtivo e dos princípios humanitários definidos pela comunidade internacional. Torna-se, de certa forma, um dos meios possíveis de aproximação entre os povos, do seu conhecimento próprio e mútuo, do seu desenvolvimento cíclico e do seu desejo de criação fraterna de um mundo respeitador da sua riqueza intrínseca. (DECLARAÇÃO DE QUEBEC, 1984)

A Declaração de Quebec em seus últimos pontos, sugere a criação de “um comitê internacional Ecomuseus/ Museus comunitários” no quadro do ICOM; uma federação internacional da Nova Museologia que poderia ser associada ao ICOM e ao ICOMOS (Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios). Nesse aspecto, na arena dos jogos de poder da Museologia, evidencia os embates que permearam a criação do MINOM<sup>32</sup> como é explicitado no depoimento do professor Mário Moutinho (1995).

É fundamental retomar a discussão da luta da transformação de paradigmas, que culmina em embates no campo da Museologia a partir da criação do MINOM, pois essa é uma ação que se inicia um ano antes da reunião em Quebec, como aponta o professor Mário Moutinho (1995), onde “desiludidos com a atitude segregadora do ICOM e em particular do ICOFOM, claramente manifestada na reunião de Londres de 1983 [...], um grupo de museólogos propôs-se a reunir de forma autônoma.” (p. 26) A partir de então, a ideia era “[...] dar forma a uma organização alternativa para uma museologia que se apresentava igualmente como uma museologia alternativa”. (p. 26) Nesse sentido esbarro no que é apresentado por Bourdieu (1983) quando reconhece esses embates/conflitos como uma luta entre ortodoxos e heterodoxos em vista da manutenção de um capital de autoridade. Onde o capital é “[...]”

---

<sup>32</sup> “O Comitê Internacional “Ecomuseus/Museus Comunitários” que deveria ser criado no quadro do ICOM nunca chegou a tomar forma, mas a pretendida Federação Internacional da Nova Museologia foi efetivamente criada durante o segundo Ateliê Internacional, no ano seguinte em Lisboa, sob a denominação de Movimento Internacional para uma nova museologia, MINON, o qual mais tarde veio a ser reconhecido pelo ICOM como uma organização afiliada.” (In: BRUNO; ARAUJO, 1995, p. 28)

proporcionado pela descoberta seja monopolizado pelo primeiro a fazê-la ou, pelo menos, por aquele que a torna conhecida e reconhecida.” (p. 131)

Uma contextualização que culmina dois anos depois com a criação do MINOM, com a especificidade de “por oposição a uma museologia de coleções, tomava forma uma museologia de preocupações de carácter social.” (MOUTINHO, 1995, p. 26). Desse modo, não é difícil visualizar “o confronto dos aspectos específicos com os aspectos formais destas museologias.” (p. 28)

Nesse aspecto, é importante destacar a posição ocupada por Hugues de Varine na concepção da reunião que geraria a Declaração de Quebec que, por sua vez, sublinharia de forma contundente a criação de uma organização com as marcas dessa militância no campo museológico. Observo que o próprio Varine recomenda a participação<sup>33</sup> de Manuela Carrasco, responsável pelo projeto de Monte Redondo, em Portugal. O intuito, no entanto (in) conscientemente, era a apresentação do modelo ecomuseu<sup>34</sup> enquanto projeto de contestação e que já se abrangia por diversos países em dezenas de iniciativas comunitárias. Portanto, de acordo com Ana Fernandes (2005), “o grupo que preparava com expectativa a sua participação em Canadá, não imaginava com certeza nesse momento, que [...] o Movimento para Uma Nova Museologia viria a nascer oficialmente em Portugal um ano depois.” (p. 72). Ao fim do encontro em Quebec foram escolhidos os responsáveis pelo segundo ateliê, com os nomes de “[...] António Nabais, Mário Moutinho, Maria Manuela Carrasco, de Portugal e Etienne Bernard, Eveline Lahaye, Hugues de Varine, Marc Maure e Pierre Mayrand do grupo internacional.” (p. 76-77)

O Movimento Internacional para uma Nova Museologia – MINON é “uma organização privada, sem fins lucrativos, sem filiações partidárias ou religiosas”, que teve sua fundação no 2º Atelier Internacional da Nova Museologia. Varine foi um dos seus membros fundadores, destacando também sua participação no núcleo embrionário do MINOM que foi o Movimento para Nova Museologia e Experimentação Social-MNES. Odalice Priosti (2010) apresenta um registro em torno dos órgãos que gerariam a criação do MINOM, que é fundado em Portugal

---

<sup>33</sup> “Documentação da correspondência trocada entre a organização e os interessados, com destaque para a carta que Hugues de Varine escreveria a António Nabais, informando-o da sua recomendação a Quebec para que fosse convidado, indicam a formalização da inscrição de ambos, bem como a de Manuela Carrasco, que trabalhava no projecto de Monte Redondo.” (FERNANDES, 2005, p. 71)

<sup>34</sup> “O Ecomuseu é, finalmente, apresentado como a forma mais visível e explícita da Nova Museologia. Atribuindo a sua criação a Georges-Henri Rivière e a dupla Hugues de Varine/ Marcel Evrard, destaca neste modelo a capacidade de intervenção socio-política a interdisciplinaridade, a territorialidade da expansão do museu e a participação activa e protagonista da população. Destaca ainda a existência, em França, de quase quarenta museus destas características, estendendo-se a iniciativa à Suíça, Itália, Catalunha, Bélgica, Portugal e Canadá.” (FERNANDES, 2005, p. 75)

em 1985. Precedido pelo encontro que aconteceu em 1983, em Londres, em uma reunião do ICOM, onde foi decidido pelo afastamento do ICOFOM. Já em 1984, é realizado em Quebec o I Atelier Internacional ‘Ecomuseus, Nova Museologia’, preparado por organismos ligados a uma “militância, a favor de uma museologia social e ativa”, norteados pelos princípios da Declaração de Québec e da Declaração de Santiago do Chile (1972).

Com a sua criação em Lisboa, países como a “Noruega, França, Espanha, liderados por Portugal e Quebec sediaram encontros internacionais”. Na realização do II Atelier Internacional do MINOM que porventura aconteceu em Quebec, o evento “instigava os minomianos ao compromisso com o engajamento social, ou seja, o museu engajado nas lutas sociais.” (PRIOSTI, 2010, p. 44)

No ano de 1992, é realizado um seminário na cidade de Caracas, Venezuela, intitulado “A Missão dos Museus na América Latina Hoje: Novos Desafios”. Até esse momento diversas são as práticas e produções teóricas que estão ligadas diretamente ao termo Nova Museologia e a outros termos derivados dessa reflexão inicial. Sendo assim, a Declaração de Caracas aponta para novas questões a serem pensadas e questionadas, como uma “tomada de consciência do poder decisivo que esta tem para o desenvolvimento dos povos” e da “reflexão sobre a ação social do museu”. Pontos específicos que abordam o que outrora foi debatido na Mesa de Santiago e sistematizado em Quebec foram reafirmados em Caracas.

No início do texto, a declaração aponta para a participação de agentes de diversos países, um diferencial em relação aos outros documentos que não apresentam uma listagem dos participantes. A lista destaca a presença de Hugues de Varine e de outros profissionais que contribuíram durante o evento como conferencistas.

No Seminário estiveram presentes delegados da Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Cuba, Chile, Equador, México, Nicarágua, Peru e Venezuela, além da participação do arquiteto Hernan Crespo Toral, diretor do Escritório Regional de Cultura para América Latina e Caribe da Unesco (Orcalc), do Dr. Hugues de Varine-Bohan e da Arquiteta Yanni Herreman, como conferencistas internacionais, e também de importantes conferencistas nacionais. (DECLARAÇÃO DE CARACAS, 1992)

A Declaração de Caracas reconhece o museu enquanto órgão integrante de um corpo social, onde “transformar o museu em um organismo vital para a comunidade e no instrumento eficaz para seu desenvolvimento integral”. Um princípio que busca designar a instituição museal como uma das instituições responsáveis pelo processo de transformação, intervindo diretamente na comunidade em que está inserido, o que é responsável pela criação de aspectos relacionados a prática do “desenvolvimento social pelo patrimônio”. Ideia essa

defendida por Varine, responsável por boa parte dos trabalhos teórico-práticos que inspiram essa discussão no campo da Museologia. Na Declaração de Caracas surge uma série de pontos que visam atender esses “novos desafios”:

1) desenvolver sua qualidade como espaço de relação entre os indivíduos o seu patrimônio, onde se propicia o reconhecimento coletivo e se estimula a consciência coletiva. 2) abrir caminhos de relação entre o museu e os dirigentes políticos para sua compreensão e compromisso com a ação do museu. 3) desenvolver a especificidade da linguagem museológica como mensagem aberta, democrática e participativa. 4) refletir as diferentes linguagens culturais com base em códigos comuns, acessíveis e reconhecíveis pela maioria. 5) revisar o conceito tradicional de patrimônio museal a partir de uma nova perspectiva, onde o entorno seja ponto de partida e de referência obrigatória. (DECLARAÇÃO DE CARACAS, 1992)

As últimas palavras expressas aportam para mudanças a serem geradas antes da entrada do século XXI, com especificações que transformariam os museus em agentes para dar suporte direcionado às comunidades que precisam de seus serviços e que, juntamente com os atores sociais, elaborariam estratégias de gestão patrimonial a partir da geração de “desenvolvimento social e comunitário”. Diante da realização da reunião e da concepção da Declaração de Caracas, Chagas e Gouveia (2014), consideram que o “encontro não teve importância conceitual e prática para o desenvolvimento da nova museologia” (p. 13). Segundo os autores, não foi afixada uma ideia de mudança que contribuísse com a continuidade do novo “panorama museal”. Com isso, “sem uma efetiva atenção para os processos de desenvolvimento social, sem considerar o protagonismo das comunidades e dos movimentos sociais” (CHAGAS; GOUVEIA, 2014, p. 13). Eles concluem que consideram mais relevante ainda a realização do I Encontro Internacional de Ecomuseus<sup>35</sup>, que aconteceu em maio de 1992, no Rio de Janeiro.

De acordo com os Anais do 1º Encontro Internacional de Ecomuseus, Hugues de Varine participou do encontro como responsável pela conferência do tema 5, designado por “Ecomuseu – A experiência europeia”, proferida no dia 22 de maio de 1992. Cabe ressaltar que o objetivo principal do evento, como é expresso na apresentação da publicação, era a implantação do Ecomuseu Comunitário de Santa Cruz, como aponta Carlos Eduardo Novaes, Secretário Municipal de Cultura do Município do Rio de Janeiro naquele período. O evento contou com a presença de Herman Crespo Toral (Equador), Mário Moutinho (Portugal), René Rivard (Canadá), estando ausente Alpha Konaré por decorrência da posse como presidente da

---

<sup>35</sup> O encontro será abordado no terceiro capítulo, a partir de uma análise do que foi produzido e publicado nos anais do evento.

República do Mali. Além disso, após a apresentação dos anais, Varine publicou um pequeno texto denominado “Notas sobre um projeto de museu comunitário”.

Além da participação em eventos internacionais e como consultor de práticas de “museologia comunitária”, o pensamento-ação de Hugues também é arquivado nas publicações em livros e em periódicos, de maneira que ele mesmo se torna um dos responsáveis pelas narrativas que apresentam e constituem a sua trajetória no campo museal. Trata-se, assim, de um dos elementos de fabricação do seu legado, no que tange as suas ações de militância.

Essa atividade já foi explicitada por Mário Chagas e Inês Gouveia (2014) quando sublinharam a importância da publicação de sua entrevista em *Os museus no mundo* e as estratégias utilizadas para que fosse veiculada de forma a abranger diversos países. Sendo “publicado em três idiomas de matriz latina (português, espanhol e francês), tendo uma edição de grande tiragem e de caráter popular o livro circulou com grande velocidade e teve grande penetração nos países lusófonos, hispânicos e francófonos.” (p. 9)

Nesse aspecto, resalto um trecho de sua mais recente publicação. Nele, Varine apresenta itinerários que podem auxiliar na compreensão do ecomuseu, apontando para uma vasta bibliografia, composta também por dezesseis de suas publicações:

Listar aqui os livros da minha própria biblioteca que pareçam relevantes para o assunto do livro, mesmo quando eles não parecem se relacionar diretamente com os ecomuseus. Não é de modo algum uma bibliografia, mas uma contribuição para uma bibliografia multilingue que deve ser publicada. (VARINE, 2017, p. 275) (Tradução Minha).<sup>36</sup>

Para tanto, retomo Bourdieu quando ele aponta que “[...] seria preciso analisar nesta lógica a circulação circular dos artigos elogiosos ou as trocas rituais das referências.” (p. 9) Isso pode ser visualizado no caso de Hugues de Varine nas articulações que realiza a partir da sua biblioteca pessoal sobre ecomuseus, onde ele demonstra uma rede de contatos em várias partes do mundo. Dessa forma, Varine situa e, ao mesmo tempo, consolida a sua militância, diante dos contatos que realizou e ainda realiza na fabricação de uma narrativa voltada para a continuidade das práticas produzidas por ele em torno do pensamento-ação que está alicerçado nas suas publicações, como elementos de elaboração de uma “teoria da pratica”.

---

<sup>36</sup> “Je liste ici les livres de ma propre bibliothèque qui m'ont paru pertinents par rapport au sujet du livre, même lorsqu'ils ne semblent pas se rapporter directement aux écomusées. Il ne s'agit en aucun cas d'une bibliographie, mais d'une contribution à une bibliographie multilingue que devrait être publiée.” (p. 275)

No momento, Hugues de Varine continua a exercer sua função enquanto Consultor Internacional de Desenvolvimento, publicando experiências em torno da sua ação/atuação teórica e prática. No seu mais recente livro (VARINE, 2017), ele faz um balanço da vida e mapeia os países em que prestou consultoria com destaque para as suas atividades no Brasil, onde obteve uma posição importante como referencial para os movimentos em prol da Museologia Social, implantação de “museus comunitários” e, ao mesmo tempo, enquanto um dos pensadores que sustentam esse novo paradigma no campo científico.

## 2 – ESTRUTURA E MUDANÇA: A EMERGÊNCIA DE POSIÇÕES E DISPOSIÇÕES MUSEOLÓGICAS

“A vida profissional de Hugues, [...] é entremeada de descobertas e de ações fecundas. Jamais deve ter passado por sua cabeça a pesquisa teórica pura, sempre a fez de forma aplicada. Como ele mesmo diz: ‘A pedra de toque da vontade de mudar encontra-se no fato de agir. O discurso é apenas uma cortina de fumaça’.” (CAMARGO-MORO, 1987, p. 16)<sup>37</sup>

A trajetória intelectual de Hugues de Varine se desdobra diante dos trabalhos que desenvolve no campo museal internacional ao longo de mais de cinquenta anos. Nesse aspecto, é possível visualizar a constituição de uma teoria voltada a aplicação prática como elemento principal para a sua construção, ou melhor, um referencial teórico que se singulariza no campo museal por sua constante intersecção com os processos museológicos comunitários. Desse modo, conforme analisamos anteriormente, neste capítulo daremos continuidade ao caráter prático na construção de uma estrutura teórica, um pensamento construído diante da relação entre comunidades, territórios e saberes que, por sua vez, promove intervenções e novas teorizações.

Frente a isso, é possível mais uma vez dialogar com Pierre Bourdieu (1983) para evidenciar alguns dos aspectos que norteiam um pensamento designado por meio da ideia de uma “teoria da prática”. Sua crítica está voltada diretamente “[...] ao objetivismo e ao conhecimento fenomenológico procura estabelecer uma teoria da prática onde o agente social é sempre considerado em função das relações objetivas que regem a estruturação da sociedade global.” (BOURDIEU, 1983, p. 18-19). Para tanto, a teoria que aqui será analisada, não apresenta aspectos homogêneos e bem definidos. O que a torna particular é o seu caráter heterogêneo nas possibilidades e disparidades apresentadas diante de uma série de contextos a qual está inserida. Para cada caso apresentado, há um modelo específico de gestão participativa do patrimônio enquanto ferramenta de desenvolvimento social e comunitário.

Como teoria da ação, há, portanto, uma série de estruturas que devem ser movimentadas para a realização da atividade de interesse. Portanto, para que haja um produto onde o pesquisador possa se debruçar nas suas ideias e pensamentos para a escrita de um novo

---

<sup>37</sup> Prefácio de Fernanda Camargo-Moro publicado em *O Tempo Social* (1987).

estatuto teórico ocorrem trocas simbólicas, propagadas em meio a produção da crença em uma produção coletiva, que envolve a pessoa do pesquisador e da comunidade, mas que no campo museal se torna uma produção individualizada.

Cumprindo os protocolos necessários para a realização da pesquisa e a posterior escrita desse trabalho, me coloquei na posição de investigador para analisar o consultor (agente), que depende do movimento de estruturas que movem a comunidade (agentes que integram o campo). O qual designo como engenharia das subjetividades, pois na investigação, dependi da produção da comunidade (coletividade), para uma escrita individual. Nesse aspecto, Bourdieu destaca uma operação similar quando considera que a prática se traduz por uma “estrutura estruturada predisposta a funcionar como estrutura estruturante, explicita-se que a noção de *habitus* não somente se aplica à interiorização das normas e dos valores [...]”. (BOURDIEU, 1983, p. 16). Teoria criada entre “estruturas, hábitos e práticas”, que podem desenvolver um legado de curto a longo prazo, de acordo com o que for transmitido e trabalhado por aquela comunidade.

No entanto, as mudanças no campo são gerenciadas e administradas como afirma Pierre Bourdieu (1996), quando expõe que são “oriundas da própria estrutura do campo” (p. 270). Dessa forma, “toda mudança ocorrida em um espaço de posições objetivamente definidas [...] determina uma mudança generalizada.” (p. 270) Objetiva, desse modo, a mudança de estruturas e posições diante das (in) conformidades que surgem nos processos de produção cultural e museológica.

No entremeio de suas pesquisas/ações, Varine traria impactos consideráveis ao contexto teórico da Museologia no Brasil. Inicialmente perante a sua produção intelectual e profissional, enquanto diretor do ICOM, cabendo ressaltar aqui que boa parte de seus escritos foram traduzidos para a português. Sendo que “[...] sempre presente junto à comunidade de língua portuguesa, a qual ele muito ajudou, não somente durante suas viagens mais curtas ao Brasil e Portugal, mas, também em sua ligação com profissionais de países lusófonos [...]” (CAMARGO-MORO, 1987, p. 16)

Nesse aspecto, temos a publicação no Brasil do livro *O Tempo Social*<sup>38</sup> (1987), traduzido por Fernanda de Camargo-Moro e Lourdes Rego Novaes, inaugurando a recepção

---

<sup>38</sup> O livro lançado no Brasil serviu como texto base para a publicação do livro “l’Initiative communautaire: recherche et expérimentation”, na França. Como é afirmado por Varine em uma das suas entrevistas: “Antes da edição francesa (1991) havia uma outra edição publicada no Brasil chamada o “Tempo Social” (1987), que é o mesmo texto de base. No texto em francês foram acrescentados ao texto de base mais artigos, porque o texto estava pouco aberto aos museus, até porque a versão francesa foi publicada numa coleção sobre museus e os editores queriam mais textos sobre museus e sobre o Creusot.” (In: CARVALHO, 2013, p. 1)

da sua teoria no contexto museológico brasileiro. Nesse mesmo ano, é inaugurado o Ecomuseu de Itaipu, criado por Fernanda de Camargo-Moro sob a supervisão de Varine enquanto consultor internacional de desenvolvimento. A partir daí diversos artigos e livros de Varine foram publicados no Brasil, além de ações de consultoria em diversos estados brasileiros. Uma das primeiras profissionais de museus do Brasil a ter contato direto com Hugues de Varine em decorrência do ICOM, sendo uma das responsáveis pela execução da tradução e a responsável pelo prefácio que integrou a versão portuguesa de *O tempo social*. Nele, apresenta uma relação de amizade com Varine, considerando-o como uma figura amigável que sempre esteve com “sua mão estendida” à “comunidade de língua portuguesa”. Sobre esse encontro com a museóloga brasileira, o mesmo me informou em entrevista: “Tudo começou em 1987, quando Fernanda Camargo Moro, que eu tinha conhecido quando eu dirigia o ICOM, traduziu e publicou em português meu livro "O Tempo Social" (Editora Eça - em francês *L'initiative Communautaire*).” (In: SANTOS JÚNIOR, 2017, p. 60) Ela exemplifica no prefácio a carência de obras como a de Varine para uma reflexão do cenário museológico nacional, afirmando que seu trabalho “[...] mostra o verdadeiro trabalho comunitário e como viver cultura no cotidiano.” Demonstrando que ele foi “responsável pela maior amplitude de visão que atingiu o ICOM [...]” (CAMARGO-MORO, 1987, p. 15).

Pensamento que foi inaugurado com a publicação em língua portuguesa do livro *Os Museus no Mundo* (1979), contendo uma longa entrevista com Varine, conforme lembrou Maria Célia Teixeira Moura Santos em entrevista a mim concedida:

O meu primeiro contato com a obra de Varine foi através de uma entrevista concedida por ele, quando presidente do ICOM, em uma publicação intitulada *Os Museus no Mundo*, publicada pela Salvat Editora, em 1979. Aquela leitura provocou em mim um grande contentamento ao perceber que, como presidente do ICOM, ele considerava o museu como um meio, um instrumento, a serviço da sociedade. Na referida entrevista, também tomo conhecimento da existência do Museu de Anacostia, situado em Nova York, com cujas ações passo a me identificar, reforçando minhas expectativas de que era possível realizar práticas museológicas comprometidas com o desenvolvimento social. Em 1987, as Museólogas Fernanda de Camargo Moro e Lourdes Rego Novaes realizam a tradução do livro de autoria de Hugues de Varine, *O Tempo Social*, para o português e promovem o seu lançamento na Primeira Trienal Internacional de Museus do Rio de Janeiro.<sup>39</sup>

Neste segundo capítulo reflito sobre alguns dos conceitos construídos por Hugues de Varine e as relações instituídas com alguns autores que tiveram atuação destacada no campo

---

<sup>39</sup> SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Entrevista concedida a Roberto Fernandes dos Santos Junior, Salvador, 27 fev. 2018.

museal e educacional brasileiro na segunda metade do século XX. Saliento que neste momento analisarei alguns textos em que Varine apresenta os conceitos que estruturam o seu pensamento, isso porque boa parte dos seus escritos focam na narrativa das suas ações enquanto consultor. Outra parcela de sua produção intelectual será analisada no terceiro capítulo, onde abordarei as suas consultorias nos ecomuseus brasileiros.

De acordo com Heloisa Barbuy (1995), o ecomuseu tinha por finalidade dar uma “grande ênfase a seu papel social”, ao que havia sido estipulado perante a Declaração de Santiago do Chile. Mas ao mesmo tempo em que há uma propositura com fins de mudança<sup>40</sup>, por vezes alguns desses ecomuseus assumiram posturas “[...] românticas de interação social de comunidades e por esta marca ficaram conhecidos.” (BARBUY, 1995, p. 210) Aqui é importante destacar uma das afirmativas de Canclini (2013), onde ele demonstra essa ideia romantizada dos ecomuseus, no que diz respeito a formulação de teorias e métodos que possibilitassem o entendimento da estrutura que estava surgindo, pois “[...] suas táticas gnosiológicas não foram guiadas por uma delimitação precisa do objeto de estudo, nem por métodos especializados, mas por interesses ideológicos e políticos.” (CANCLINI, 2013, p. 208)

Há, portanto, um processo “[...] em torno do patrimônio, este representado, em grande medida, por acervos.” (BARBUY, 1995, p. 210-211) Nesse caso, gera certa controvérsia, ao vermos que, em algumas experiências, o ecomuseu não seria tão “libertador” o quanto se apresenta. Ela continua propondo uma reflexão em torno de como se surgiu o ecomuseu, buscando indícios das mudanças históricas que estavam em vigor naquele período. Um dado interessante é que, segundo Heloísa Barbuy (1995), “a História, recentemente, tem privilegiado a análise dos processos de ruptura e não a busca de raízes.” (p. 212), delimitando assim que as “raízes” museológicas, especificamente em se tratando das práticas ecomuseológicas “[...] representam, justamente, a ruptura com certos padrões de museus e de Museologia.” (p. 212). No entanto, essas raízes muitas vezes “servem mais como conservadores de uma pequena porção do patrimônio, como recurso de promoção turística e publicidade de empresas privadas, do que como formadores de uma cultura visual coletiva.” (CANCLINI, 2013, p. 172)

Dessa forma “[...] enquanto os modelos mais prestigiosos de museus eram os de belas artes e os de história natural, outros movimentos se fortaleciam, germinando os museus de

---

<sup>40</sup> Desde os anos 60 o intenso debate sobre sua estrutura e função, com renovações audazes, mudou o seu sentido. Já não são apenas instituições para a conservação e exibição dos objetos, nem tampouco fatais refúgios de minorias. (CANCLINI, 2013, p. 169)

culturas locais, os museus de folclore. (BARBUY, 1995, p. 212) Como pano de fundo, observa-se o processo de redução da população camponesa<sup>41</sup> em diversos países da América Latina, com vistas ao que seria denominado enquanto “Revolução Verde”. Outra questão que estava em voga, era o movimento feminista que reivindicava pelo direito das mulheres<sup>42</sup>, excepcionalmente pelo direito ao voto e a abertura do mercado de trabalho para que as mesmas pudessem ter sua renda. A insurgência de uma “[...] nova “autonomia” da juventude como uma camada social separada foi simbolizada por um fenômeno que, nessa escala, provavelmente não teve paralelo desde a era romântica do início do século XIX [...]” (HOBSBAWM, 1995, p. 318), juventude essa que estava voltada a padrões revolucionários<sup>43</sup> para o período em questão.

Nesse mesmo período, de acordo com Silva (2006), há um avanço na exploração da mão de obra das indústrias, o aumento do número de “movimentos reivindicatórios” e uma série de golpes de Estado<sup>44</sup> se alastra pelo continente americano. Fruto do “[...] surgimento de regimes de caráter autoritários numa crescente militarização da América Latina” (p. 32), ele afirma que essas intervenções teriam por objetivo “[...] a função de possibilitar os novos modelos econômicos modernizadores-conservadores em seus respectivos países.” (p. 32)

Nos processos sociais, as relações altamente ritualizadas com um único e excludente patrimônio histórico – nacional ou regional – dificultam o desempenho em situações mutáveis, as aprendizagens autônomas e a produção de inovações. (CANCLINI, 2013, p. 166). Portanto, é fundamental compreender as transformações no campo dos museus e da Museologia que ganharam força nesse contexto.

Nesse aspecto trafearei por uma relação de proximidade que passou a ser visualizada nas linhas e entrelinhas dos escritos de Varine: a sua relação com o pedagogo brasileiro Paulo Freire. Além disso, analisarei alguns dos impactos produzidos diante da transposição dos seus pensamentos para a teoria museológica. No final do século XX, é difundido o conceito de

---

<sup>41</sup> Na América Latina, a porcentagem de camponeses reduziu à metade em vinte anos [...] – no Brasil (1960-80). (HOBSBAWM, 1995, p. 285)

<sup>42</sup> “Contudo, essas mudanças não foram conseguidas por pressão feminista nem tiveram qualquer repercussão notável imediata sobre a situação das mulheres[...]” (HOBSBAWM, 1995, p. 306)

<sup>43</sup> Vários grupos de esquerda de orientação marxista-leninista passaram a considerar a luta armada a saída possível para *libertação* do continente: Sendero Luminoso, do Peru; diversas organizações no Brasil, tais como, Ação Libertadora Nacional (ALN), Frente de Libertação Nacional (FLN), o Colina; e tantos outros; as Forças Revolucionárias Colombianas (Farcs); a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) na Nicarágua; a Frente Marti Faribundo de Libertação Nacional (FMLN), em El Salvador; entre muitos outros. (SILVA, 2006, p. 32)

<sup>44</sup> “Brasil (1964); Chile (1973); Argentina (1966 e 1976) e outros. Diante desse quadro social, alguns grupos de esquerda radicalizavam cada vez mais os seus discursos e muitos partiam para a luta armada. Grande influência sobre essa evolução das esquerdas latino-americanas teve a vitória da Revolução Cubana, em 1959.” (SILVA, 2006, p. 32)

uma “Museologia da Libertação”, criado por Hugues de Varine e desenvolvido pela museóloga Odalice Priosti, articulando a “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire com alguns dos princípios da Museologia Comunitária expressos nos escritos de Varine. Para tanto, evidencio as articulações entre Museologia, Pedagogia e Teologia na formação de uma nova tríade que se singulariza ao valorizar a função social do museu e a configuração dos processos museológicos comunitários o que, no caso brasileiro, garantiu a emergência de novas disposições.

## **2.1 A emergência de um “Tempo Social” na Museologia: análise de uma bibliografia**

Com base em uma teoria que é descrita por Fernanda de Camargo-Moro (1987) como uma “ação militante comunitária”, analiso alguns aspectos da produção intelectual de Hugues de Varine recebida no Brasil. Nesse primeiro momento cabe ressaltar uma das especificidades encontradas em suas obras que estão impregnadas de um trabalho voltado para o estudo da ação comunitária como índice de contestação social, com o propósito de erigir um formato específico de desenvolvimento comunitário baseado na preservação do patrimônio a partir da valorização das memórias e dos saberes dos agentes envolvidos em um dado território.

Nesse aspecto, esse tópico abordará os conceitos de comunidade, desenvolvimento comunitário e ação apresentados no livro *O Tempo Social* (1987). Além disso, o seu principal conceito que é o de ecomuseu está disposto em forma de artigo que leva o mesmo nome, publicado pela *Revista Ciências e Letras* (2000). Utilizarei também de uma entrevista que Hugues de Varine me concedeu em 22 de janeiro de 2017, onde o mesmo designa de forma sucinta os conceitos de Nova Museologia, Ecomuseologia e Sociomuseologia.

Segundo informa Varine (1987), “[...] o tempo social é a chave da revolução comunitária, como conceito e como realidade”. (p. 66) Demarca, assim, um “Tempo Biológico”, que está agregado aos desígnios de um contexto de sociabilidade familiar e individual, “admitido ou experimentado como útil à vida física” (p. 66) e por um “Tempo Imposto” destinado a vivência em comunidade, “consagrado a ações impostas [...], por interesse coletivo e pelas necessidades intelectuais e materiais” (p. 67). Dessa forma, cada formação social é disposta por “um tempo social para cada um”. (p. 67)

Nesse aspecto, a Museologia experimentou/experimenta o seu próprio tempo social. Isso leva a compreensão da produção de novos sentidos e formas de expressar uma “Nova

Museologia”. Para Hugues, “isto induz à necessidade de reinventar certas definições e de introduzir novas palavras-chaves.” (p. 28), marcado pela mudança de um paradigma que não privilegiava a inserção de diferentes grupos sociais. Na busca pela demarcação de espaço no campo museal internacional, Varine dispõe de um uma perspectiva que valoriza novos conceitos. Mas o mesmo não tinha por objetivo “uma precisão conceitual rigorosa, uma ortodoxia respeitando as normas científicas estabelecidas” (VARINE, 1987, p. 28), voltado a estudos hipotéticos, que pouco se enquadrariam em pressupostos de veracidade e com a ideia de “confrontar a realidade”. Isso tudo estava direcionado a possível resolução de problemas e situações que estavam diretamente relacionadas as práticas de campo.

Nesse esforço pela busca de novos conceitos, ele se aporta nas suas ações de consultoria. Seus conceitos/definições abrangem um campo mais amplo de atuação, em vista da conformidade em torno de uma identidade que se adequa ao tempo e a futuras pesquisas. Em torno disso, Varine define o que é comunidade, conjunto social formado por indivíduos e suas subjetividades:

À comunidade designa-se, a partir de critérios endógenos expressos ou não, uma população vivendo sobre um território, consciente das afinidades e das diferenças que caracterizam seus elementos bem como as relações conflituais daqueles com seu meio ambiente, cujo futuro é, ao menos parcialmente, comum. (VARINE, 1987, p. 28)

Em linhas gerais, a comunidade é um organismo social, fundado perante critérios internos ou externos que podem ou não “depender de estruturas institucionais de natureza política, técnica, econômica [...]”, como campo aberto para o diálogo “que visa um objetivo social escolhido”. (p. 28) Além disso, remete a um contexto voltado a um cenário dotado de “estruturas espontâneas”, onde as mesmas se movem e mudam de acordo com os agentes que a formam.

O que o autor aborda com essa afirmativa é que há uma brevidade em determinados planos e metas, por não haver um traçado linearizado e perpendicular, pois a comunidade revestida por suas subjetividades, almeja e debate a (des) continuidade de algo estabelecido. “Mesmo em se tratando sobretudo de pequenas comunidades, mais ou menos locais ou ao menos fortemente localizadas, uma comunidade toma dimensões variáveis [...]”. (VARINE, 1987, p. 28-29)

Ao identificar a pluralidade comunitária que está disposta em cada agente-indivíduo, visualiza-se um contexto diversificado no pensamento composto por aspectos sociais outrora definidos, criados ou impostos como forma de participação ou exclusão. Pois, “cada indivíduo

faz parte, naturalmente, de diversas comunidades, das quais ele escolhe algumas ainda que outras lhe sejam impostas. Toda sua existência é condicionada pela pertinência a estas comunidades.” (VARINE, 1987, p. 29)

No mesmo aspecto, os desígnios para uma teoria do desenvolvimento comunitário expressam inicialmente um meio em que se apresenta pouca profundidade em questões de definição. Ao longo dos estudos se nota uma evidente mudança na sua argumentação. Com isso, compreende o desenvolvimento comunitário como um “conjunto de conceitos, atos e esforços, visando favorecer o avanço social, cultural, econômico e, em geral, humano de uma certa comunidade, por iniciativa de seus membros tratados, às vezes, individualmente, às vezes coletivamente.” (VARINE, 1987, p. 29)

Dessa maneira, os conflitos e jogos de poder que envolvem o conjunto de agentes comunitários podem promover “o desenvolvimento, no senso global e não estritamente econômico do termo, conjugação do homem e da sociedade, harmonioso e harmonizada a partir de uma adesão contínua e de uma constante inovação espiritual e tecnológica.” (VARINE, 1987, p. 29) De modo que o “desenvolvimento comunitário é antes a dimensão política da vida cotidiana ou, como eu prefiro dizer, da vida cultural” (p. 29), existindo, assim, uma disparidade no pensamento em diagnosticar esse aglomerado enquanto núcleo pacífico. Pois diante de um “quadro comunitário social”, visto dessa forma, o “desenvolvimento pesquisado” levaria ao que pode ser desdobrado por aspectos de uma militância museal que os leva a entender que não deve se permitir que a comunidade seja “colonizada” por ordens de agentes externos.

Frente a esse modelo de pensamento, “o desenvolvimento comunitário não pode realmente existir por parte de uma vontade externa [...]” (p. 117), pois em meio as atitudes que serão gerenciadas pela comunidade, o seu crescimento passa a “[...] incomodar: seria, pois, absurdo imaginar que ele possa ser atingido sem uma luta permanente contra as forças da manutenção da ordem estabelecida.” (VARINE, 1987, p. 107) Frente a isso, a comunidade ocupa-se com questões de caráter interno e externo, no que diz respeito a uma aceitação do modelo instalado por meio de uma iniciativa, que segundo Varine é delimitada como “ato criador por excelência” (VARINE, 1987, p. 30).

A iniciativa comunitária é, portanto, “[...] o próprio fundamento da modificação: é uma resposta baseada na identificação e na análise de um problema em sua complexidade, seguidos de uma pesquisa de meios, depois da fixação de um objetivo, enfim, da escolha de um projeto”, concluindo que o processo pode ser “espontâneo e inconsciente, ou nem que seja

o fruto de uma proposta combinada, isto pouco importa.” (VARINE, 1987, p. 31) Essa experiência coletiva pode gerar o desenvolvimento territorial da comunidade que desperta interesse em sair das estruturas conformistas que habitam, resultando em uma nova prática museológica:

O museu ‘normal’ é uma instituição que nasce de uma decisão político-administrativa e que existe desde o dia de sua inauguração. Sua gestação se faz no segredo dos trabalhos científicos e técnicos, dos projetos de campanhas de comunicação, dos orçamentos plurianuais, dos procedimentos de recrutamento etc. O novo museu e mais ainda o museu comunitário na sua forma mais inovadora, não segue um procedimento, mas, como já se viu, ele é um processo. Seu objetivo não é a instituição nem uma inauguração; ele é a co-construção, na comunidade e sobre seu território pelos membros da comunidade e as pessoas mais ou menos qualificadas que os ajudam, de um instrumento de desenvolvimento a partir de um patrimônio global identificado por seus detentores. (VARINE, 2005, p. 1).

Expresso por uma iniciativa que incorre como “[...] linguagem privilegiada da cultura, pois é o meio de exprimir, frequentemente, melhor que por palavras, as relações que se tem com o meio ambiente e com os outros.” (p. 31), a ação comunitária é elemento principal para a tomada de decisão em torno das atividades que possam ser desenvolvidas coletivamente. Portanto, consiste em “atingir seu próprio objetivo, fixando logo a partir de sua fase inicial; aumentar a experiência, isto é, nível global de conhecimento do indivíduo ou do grupo que tomou esta iniciativa”, visando, desse modo, “enriquecer o capital comunitário; constituir uma etapa numa evolução coletiva, notadamente convidando a novas iniciativas.” (VARINE, 1987, p. 31). De acordo com Hugues de Varine, a ação comunitária é “fruto da iniciativa e do esforço sinérgico dos membros de uma comunidade, à vista dos objetivos que correspondem aos interesses do desenvolvimento global desta”. (p. 97)

Aqui é importante sublinhar em que medida esses conceitos de Varine sintetizam as orientações museológicas definidas na Mesa Redonda de Santiago, em 1972, especialmente a ideia de museu integral (abrigo a totalidade de problemas sociais de um dado grupo) e de museu enquanto ação, ou seja, instrumento dinâmico de mudança. Nesse contexto são difundidas ideias de “desenvolvimento sustentável” e “ecomuseus de desenvolvimento” que dialogam com o conceito de desenvolvimento comunitário. Do mesmo modo, Varine criava na França uma Organização Não-Governamental intitulada Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos - INODEP. Portanto, conforme destacou o autor, trata-se da “noção de museu como instrumento de desenvolvimento.” (In: ARAUJO, BRUNO, 1995, p. 19)

Se o conceito de desenvolvimento comunitário é significativo em meio a produção intelectual de Varine, o conceito de ecomuseu também consiste em uma das principais marcas de seu pensamento e que, por sua vez, também consiste em um embrião da ideia de função social. Terminologia que de certa forma é responsável por boa parte da produção intelectual de Hugues de Varine, tipologia museológica criada por ele e por seu antecessor no ICOM, George Henri Rivière:

O ecomuseu, em uma variedade comunitária, é inicialmente uma comunidade e um objetivo, o desenvolvimento dessa comunidade. Em seguida, é uma pedagogia global que se apóia em um patrimônio e em agentes que pertencem ambos a essa mesma comunidade. Enfim, é um modelo de organização cooperativa com vistas ao desenvolvimento e a um processo crítico de avaliação e de correções contínuas. (VARINE, 2000, p. 69)

Pensado para atender uma contexto voltado a uma “organização cooperativa” e o “desenvolvimento comunitário”, o ecomuseu<sup>45</sup> na sua concepção tem a mesma característica do museu comunitário. A noção de ecologia que está expressa no seu termo, não se relaciona diretamente a questões ambientais. Pode se afirmar que essa nada mais é do que um problema de interpretação, mas que há uma ausência em torno de sua conceituação até o final do século XX, sendo o termo criado no fim da década de 1960. Está mais próximo, assim, da ideia de um museu que ecoa as demandas comunitárias. Varine apresenta o que significa o termo criado por ele:

[...] o fato ‘museu’ remete exclusivamente à uma linguagem das coisas reais, o prefixo ‘eco’ refere-se a uma noção de ecologia humana e as relações dinâmicas que o homem e a sociedade estabelecem com sua tradição, seu meio ambiente e os processos de transformação desses elementos, quando alcançaram um certo estágio de consciência de sua responsabilidade de criadores (VARINE, 2000, p. 69).

O ecomuseu, assim como diversos termos caros à Museologia, surgiu no contexto de um novo paradigma museal. Do mesmo modo como o entendimento de Nova Museologia, Ecomuseologia e Sociomuseologia, conceitos que ainda geraram certa dúvida e que o próprio Varine tentou explorar na entrevista a mim concedida:

A Nova Museologia é um movimento de contestação da Museologia tradicional e de experimentação de novas formas de museus que valorizem o

---

<sup>45</sup> “O ecomuseu é, pois, o instrumento privilegiado do desenvolvimento comunitário. Ele não visa primeiramente ao conhecimento e à valorização de um patrimônio; ele não é um simples auxiliar de um sistema educativo ou informativo qualquer, não é um meio de progresso cultural e de democratização do acesso a obras eternas da genialidade humana.” (VARINE, 2000, p. 70-71)

lugar dos museus na sociedade e novos modos de gestão de coleções. Ela é o fruto de transformações mais ou menos espontâneas que ocorreram nos anos 70 do século passado[...]. Muito tem sido falado sobre a Nova Museologia, mas ela não tem sido teorizada, tornando-se essencialmente uma prática e um ideal. Ela pode ser aplicada tanto para a transformação interna de museus tradicionais, quanto para a criação de novos museus. A Ecomuseologia é uma palavra, também não codificada, que abrange uma série de práticas de gestão do patrimônio por uma comunidade em um território. Essas práticas são conhecidas por diversos nomes: ecomuseus propriamente ditos, museus comunitários, museus locais. Elas assumem formas mais ou menos experimentais, inventando modos de ação e educação patrimonial relacionados aos territórios culturais, sociais, ambientais e econômicos. Ela não é respaldada em modelos, até porque não existem dois museus comunitários ou ecomuseus semelhantes: cada projeto, cada realiação é única, porque cada comunidade, cada patrimônio e território são únicos. A Sociomuseologia é uma disciplina acadêmica, de origem luso-brasileira, que tenta definir cientificamente os fenômenos e os conceitos da Nova Museologia e da Ecomuseologia. Ela analisa as experiências visando observar as características comuns. (In: SANTOS JUNIOR, 2017, p. 57).

Desse modo, esse novo “Tempo Social” traduziria o novo paradigma que emergiu no campo museal e cujo pensamento-ação de Varine consiste em um dos mais contundentes exemplos. No mesmo aspecto, os conceitos e a posição ocupada pelo autor contribuíram para que *O Tempo Social* (1987) fosse traduzido e amplamente divulgado no campo museal brasileiro, conforme me informou a professora Maria Célia T. Moura Santos em entrevista:

Essa publicação passa a constar da bibliografia básica da disciplina Ação Cultural e Educativa dos Museus, da qual fui a docente responsável durante 23 anos, no Curso de Museologia da UFBA. As reflexões sobre a vida cultural, a ação comunitária e o desenvolvimento social, bem como as experiências práticas do autor, preencheram uma lacuna, devido à carência de obras em português, com abordagens e análise reflexiva sobre esses temas, dificultando o acesso, principalmente para os estudantes. Passados 31 anos do lançamento do *Tempo Social*, em português, ainda o considero uma obra de referência para todos que atuam com as Ciências Sociais.<sup>46</sup>

Na verdade, a obra de Varine tornou-se uma das referências fundamentais de alguns museólogos brasileiros a partir da década de 1970, propiciando o respaldo teórico e metodológico necessário para legitimar um conjunto de ações que já vinham sendo desenvolvidas em diversas partes do país. Desse modo, não impactou apenas a produção de Maria Célia Moura Santos (2008), comparecendo na obra de pesquisadores como Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (In: BRUNO, 2010) e Mario Chagas (1994).

No caso de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri isso é evidente quando, por exemplo, ela utilizou o pensamento de Varine como estruturante das ideias contidas em sua dissertação

---

<sup>46</sup> SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Entrevista concedida a Roberto Fernandes dos Santos Junior, Salvador, 27 fev. 2018.

de mestrado. Na dissertação, *Museu: um aspecto das organizações culturais em um país em desenvolvimento* (GUARNIERI, 1977), Waldisa utiliza a seguinte citação de Hugues de Varine como epígrafe e em outras duas vezes ao longo do trabalho: “Muito mais do que existirem para os objetos, os museus devem existir para as pessoas.” (VARINE, 1976). Algo a ser destacado é que, em um momento específico, a autora se utiliza dessa ideia como ponto norteador para o desenvolvimento de alguns pontos do seu trabalho, como é destacado pela professora Manuelina Maria Duarte Cândido:

Com base na ideia de Varine-Bohan de que os museus não devam existir para os objetos, mas para os homens, conclui que “Já não basta guardar, preservar, conservar... É preciso que a mensagem contida no objeto transite para o seu receptor natural, o Homem...” [...]. E ampara-se na citação que vai se repetir constantemente nesse trabalho [...]” (In: BRUNO, 2010, p. 146)

Em um segundo momento, na tese de doutoramento de Waldisa intitulada *Um Museu da Indústria na Cidade de São Paulo* (1980), ela traz aspectos de uma possível aplicação do seu trabalho. Destaco aqui esse ponto de aproximação entre ela e Varine, na forma com que compreende o aspecto teórico como elemento orientador de uma possível prática. Nesse aspecto, ela usa como referencial a experiência de alguns museus que dialogavam com essa preocupação, entre eles o Ecomuseu de Le Creusot-Montceau les Mines, como exemplo da “[...] participação comunitária e sua inserção no processo social.” (p. 150)

Na publicação *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*, organizada pela professora Maria Cristina Oliveira Bruno (2010) e que contém textos de Waldisa até então dispersos, também é possível perceber os impactos de Varine em seu pensamento. No artigo “Museu: uma organização em face das expectativas do mundo atual (1974)”, há dois apontamentos que tratam de uma afirmativa de Varine no prefácio do Guia dos Museus Brasileiros, em que ele aborda que “Nenhum museu é total”. Citado para iniciar uma abordagem sobre museus metropolitanos, explicita que “[...] nenhum museu pode pretender ser universal.” (In: BRUNO, 2010, p. 52) No segundo apontamento, extraído do mesmo prefácio, Waldisa utiliza a citação de Varine para uma delimitação de uma resposta ao público e, principalmente, uma “resposta particular”<sup>47</sup> ao pesquisador frente ao que ela aborda como “museu escolar”. Cabe ressaltar que nessa ideia de “museu escolar”, a autora quer destacar uma iniciativa que sirva de “complemente dinâmico do ensino formal”.

A teoria de Varine também impactou o pensamento do professor e pesquisador Mário de Souza Chagas. Nesse caso, devo salientar que Mário tem uma importância significativa,

---

<sup>47</sup> A autora se limita somente a indicar que deve ser dada uma resposta ao pesquisador.

quando em 1995 é responsável por uma das primeiras entrevistas publicadas com o autor, retratando alguns aspectos entre a atuação e a teoria produzida por Hugues de Varine.

Sublinho os textos *Museu e Patrimônio: por uma poética e uma política decolonial* (2017) e *Museologia Social: reflexões e práticas* (2014), o primeiro publicado sozinho, e o segundo com a pesquisadora Inês Gouveia. Nos textos, ele faz uma análise da entrevista de Varine publicada pela Editora Salvat. No primeiro artigo, ele apresenta de forma breve, alguns dos aspectos colonialistas<sup>48</sup> dos museus no final do século XIX e na primeira metade do século XX, mas o fator mais interessante é a vinculação da teoria de Waldisa Rússio e Hugues de Varine, pensados perante uma inspiração freiriana<sup>49</sup>. Já no segundo artigo, ele aborda de forma detalhada as influências dessa entrevista para o campo museológico internacional. Principalmente pela sua vinculação em três idiomas, introduzindo um texto que traria uma vasta reflexão que impactaria a *Museologia Social* e algumas ações que foram geradas no Brasil inspiradas por essa entrevista.

Fazendo essa análise, uma das suas principais produções foi a tese de doutoramento de Mário Chagas, onde o mesmo cunha um conceito para o que ele chamou de “Imaginação Museal”. Nesse trabalho, Varine é citado por 14 vezes. Iniciando nos agradecimentos, onde ele aponta para uma lista de teóricos<sup>50</sup> que inspiraram a confecção do seu texto, perante as palavras que seu filho havia proferido e a sua escolha por Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro.

A sua próxima citação<sup>51</sup> seria a mesma que Rússio utiliza como epígrafe da sua dissertação. Ele vai classificar a Hugues como “[...] um dos principais teóricos do tema” (CHAGAS, 2003, p. 54), quando o mesmo dispõe das características sobre a ideia de “Museu

---

<sup>48</sup> Na referida entrevista, Hugues de Varine considera que, a partir de princípios do século XIX, o desenvolvimento dos museus no mundo é um fenômeno colonialista. (CHAGAS, 2017)

<sup>49</sup> “Waldisa Rússio e Hugues de Varine-Bohan, inspirados em Paulo Freire (e isso é notável para pensar processos decoloniais), abriram importantes brechas, frestas e frentes de combate no campo dos patrimônios, dos museus e das museologias em âmbito nacional e internacional, sobretudo a partir dos anos de 1970 e 1980.” (CHAGAS, 2017, p. 133)

<sup>50</sup> “Não é preciso dizer que as palavras de meu filho mais novo mexeram comigo. Sem suporte teórico-acadêmico; sem conhecer Hugues de Varine, George Henri Rivière, Waldisa Russio Camargo Guarnieri, Manuel de Barros, Walter Benjamin, Gaston Bachelard, Pierre Nora, Maurice Halbwachs, Krzysztof Pomian, Dominique Poulot, Jorge Luis Borges, Hannah Harendt, Michel Foucault e tantos outros; sem compreender minhas aventuras, venturas e desventuras pelos territórios e tempos da memória e do poder; sem saber que eu tenho me concentrado no exame daquilo que denomino de imaginação museal, particularmente no que se refere a três intelectuais brasileiros de destacada importância no campo cultural, quais sejam: Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro, ele, que acelerou o seu processo de alfabetização no tempo em que eu estava viajando pela Europa para estudos complementares e observação de alguns museus, lançou-me naquele domingo ensolarado, amparado apenas em sua imaginação de criança, um belo enigma.” (CHAGAS, 2003, p. 14)

<sup>51</sup> “Nenhum museu é total. O homem deve procurar encontrar-se em todos, reconstituir pacientemente sua própria natureza e sua própria cultura partindo de objetos, de espécimes, de obras de arte de todas as origens, a fim de prosseguir com continuidade e tenacidade sua obra criadora. (VARINE, 1972)

Total”. Duas páginas depois, ele continua com uma reflexão de como foi gerado o rompimento da estrutura teórica tradicional da Museologia, pelo ponto de vista de Varine<sup>52</sup>, mas dessa vez ele aponta para a necessidade de levar a si também, enquanto elemento que comunga da mesma proposta de mudança estrutural.

Há, portanto, a partir daí, uma preocupação com as questões que permeavam o contexto histórico das mudanças no campo museal internacional. Dessa forma, ele apresenta citações de Varine para embasar sua proposta. Mas um dos pontos principais do trabalho é quando ele dispõe a proposta da “Imaginação Museal”, em seu “caráter inovador”<sup>53</sup>. Dessa maneira, o autor relaciona seu trabalho com o de Hugues de Varine, como forma de expor e legitimar disposições passadas, dentro de um contexto atualizado por sua própria teoria no campo museal brasileiro.

Hugues de Varine mediante a sua produção acadêmica, passou a disseminar ações teórico-metodológicas que reverberaram e impactaram diversas gerações de agentes e pesquisadores do campo da Museologia no Brasil que, por sua vez, também foram impactos pelo pensamento de Paulo Freire. Gerando a produção da herança simbólica do pensamento do teórico da Museologia e da Pedagogia.

## **2.2 Perspectivas acerca de um encontro: diálogos entre Paulo Freire e Hugues de Varine**

---

<sup>52</sup> “O esforço “para tentar imaginar um museu de um tipo novo” e ao mesmo tempo sistematizar as novas práticas, sublinhando as diferenças em relação a outros modelos teóricos, levou Hugues de Varine, ainda nos anos setenta, a desenhar uma concepção de museu que substituisse as noções de público, coleção e edifício, pelas de população local, patrimônio comunitário e território ou meio ambiente. Tudo isso - acrescento por minha conta -, atravessado por interesses políticos diversos, por disputas de memória e poder. A concepção museal, sustentada por Hugues de Varine e outros praticantes da museologia, foi organizada sob a forma de um quadro comparativo, ainda hoje divulgado e utilizado.” CHAGAS, 2003, p. 56)

<sup>53</sup> “O caráter inovador dessa imaginação museal que se desenvolveu no enfrentamento com o paradigma clássico da museologia não é suficiente para afastar dos museus e processos que inspira alguns riscos e perigos, entre os quais destaco um conjunto setenário, sendo que alguns deles foram anteriormente identificados por Hugues de Varine: 1º - o de ser considerado como ameaça ao museu clássico e a toda ação cultural espetacular, do que pode decorrer o seu esvaziamento socioeconômico ou simplesmente a intervenção autoritária; 2º - o de ser considerado como um “outro” e, portanto, na lógica do “mesmo”, sem identidade com o universo museal, do que pode decorrer a negação do direito de ser apenas um museu diferente; 3º - o de ser esconderijo e máscara dos representantes do modelo clássico e tradicional, do que pode decorrer a confusão e o descrédito; 4º - a falta de maturidade dos participantes do processo inovador, especialmente naquilo que se refere ao enfrentamento de crises internas; do que pode decorrer tanto o retorno ao paradigma clássico, quanto a instalação de múltiplos procedimentos rebeldes e inconseqüentes; 5º - o do controle de todo o processo museal por uma única família ou um único grupo, do que pode decorrer a reprodução dos modelos autoritários, egocêntricos, excludentes e antidemocráticos; 6º - o do abandono da especificidade da linguagem das coisas e da narrativa poética, do que pode decorrer a transformação do museu em outra coisa qualquer; 7º - o do rompimento do canal de contato com o outro, com o diferente e mesmo com o universal, do que pode decorrer a paralisia cultural, o exercício estéril de falar a mesma coisa para o mesmo. Esse último perigo pode desembocar na autofagia que é, em tudo e por tudo, o contrário da antropofagia dos velhos modernistas.” (CHAGAS, 2003, p. 213-274)

Um fator a ser considerado no momento em que se faz uma análise da bibliografia de Hugues de Varine é a sua relação de proximidade com o pedagogo brasileiro Paulo Reglus Neves Freire. Em meio a duas entrevistas e também durante todo o livro *O tempo social* (1987), ele apresenta o pedagogo como “o maior pedagogo político de nossa época” (p. 243). Haja vista que ainda é preciso aprofundar a relação de Paulo Freire com a Nova Museologia, o que é possível identificar são os impactos do pensamento de Freire na obra de Hugues de Varine. Em entrevista publicada no ano de 1995, Varine narra para Mario Chagas como ocorreu o seu primeiro contato com ele:

Meu encontro com Paulo, em 1970-1971, com um grupo de amigos franceses e missionários católicos, muito críticos da maneira como se passava a missão (como vontade de converter pagãos a uma religião culturalmente ocidental), a dita cooperação pelo desenvolvimento, tínhamos decidido criar uma organização não governamental de vocação internacional e composição ecumênica (sobretudo católicos e protestantes), para promover novas formas de cooperação ao desenvolvimento. Foi o Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos (INODEP), que agora desapareceu, mas que foi muito ativo durante quase 20 anos na Europa, África, Ásia e América Latina, notadamente como suporte à ação comunitária nesse campo. Procuramos desde o começo uma personalidade eminente para presidir esta associação, alguém que poderia não apenas dar orientação ideológica, mas também nos formar na ação. Sugeriram-nos Paulo Freire que era então, no exílio, conselheiro para a educação no Conselho Ecumênico das Igrejas em Genebra. **Eu o encontrei pela primeira vez indo vê-lo em Genebra para lhe propor essa presidência. Em seguida, durante três anos, até 1974, pude trabalhar com ele, sendo eu mesmo responsável pelo setor francês, que assegurava a gestão financeira da organização.** (In: CHAGAS, 1995, p. 243, grifos meus)

A aproximação entre ambos evidenciaria a ideia de “libertação” na Pedagogia e, posteriormente, na Museologia. De acordo com Varine, a sua “participação no INODEP era absolutamente voluntária e independente do meu trabalho como diretor do ICOM, mas pude, naturalmente, utilizar o que aprendia com Paulo no INODEP no meu trabalho no ICOM” (1995, p. 244). Na entrevista publicada em 1979, ele questiona que “é imprescindível conhecer sua teoria da educação como prática de liberdade” (p. 17). De tal maneira que é possível observar um pesquisador em meio a um processo de reconhecimento das práticas exitosas que foram realizadas no seio educativo.

Surge, assim, uma tentativa de transposição da metodologia libertária para a Museologia que necessitava respaldar o discurso da função social conforme explicitado em Santiago, em 1972. Nesse aspecto, o museu também é concebido em um processo didático-pedagógico em meio a uma comunidade:

O conceito de conscientização, ou seja, a transformação do homem-objeto da sociedade de consumo – objeto do mundo atual, objeto do mundo técnico – em homem-sujeito. Se a animação é isto, então o museu não desempenha este papel. O museu é uma instituição extraordinariamente didática; reúne única e simplesmente uma seleção de objetos para ensinar o público, sem lhe oferecer qualquer possibilidade de analisá-los a fundo, de tocá-los, de valorizá-los numa perspectiva de conjunto. A separação do objeto de seu meio ambiente natural é uma ação contrária à animação cultural, entendida está como conscientização. (*In: ROJAS et al., 1979, p. 17*)

É expresso que Varine levanta um novo traçado teórico com enxertos/adaptações da Pedagogia da Libertação de Paulo Freire para seu emprego na Museologia Comunitária. Aqui cabe fazer uma ressalva em relação a essa situação, pois durante esse período surgiram diversos segmentos<sup>54</sup> científicos que tinham princípios ligados a teoria de Freire. Nesse mesmo período, e devido a sua proximidade com Paulo Freire, Varine recorda do momento da recusa por parte do governo<sup>55</sup> para que o mesmo representasse o Brasil na Mesa Redonda de Santiago do Chile:

Lembro muito bem que a recusa brasileira de autorizar a UNESCO a convocar Paulo para Santiago, em 1972, **não lhe permitiu fazer o que me havia prometido: adaptar sistematicamente a formulação de sua doutrina e de seus métodos à prática museológica e museográfica.** Tentei novamente em 1992, em São Paulo, mas ele estava nesse momento ocupado com as suas funções na Prefeitura de São Paulo que ele acabava de deixar. Penso que cabe a nós agora meditar sobre seus textos e suas ideias e adaptá-los aos nossos problemas, cada um na sua área de competência. É o que eu tento fazer no meu trabalho pelo desenvolvimento comunitário na França. (*In: CHAGAS, 1995, p. 244, grifos meus*)

Há uma perda em termos teóricos perante a sua ausência no evento, todavia Varine inicia esse diálogo em diversos de seus textos. Expresso também na escrita de autores que com o passar do tempo foram influenciados pelo trabalho de Freire. Essa teoria se desdobra no que será verificado no próximo tópico como “Museologia da Libertação”.

A intuição genial de Paulo Freire se verifica a cada dia quando as comunidades tomam em mãos seu destino e que o sistema estabelecido permite, voluntariamente ou não, a conscientização necessária que transforma cada um e todos em parceiros responsáveis pelo desenvolvimento. (VARINE, 1987, p. 23)

---

<sup>54</sup> Entre esses segmentos científicos temos: Teologia da Libertação, Teatro do Oprimido e Filosofia da Libertação como exemplos de um período em que alguns dos países da América Latina vivenciavam regimes ditatoriais.

<sup>55</sup> No período da realização da Mesa de Santiago, o Brasil era governado pelo General Emílio Garrastazu Médici.

Com o intuito de fomentar uma maior compreensão e disseminação do ideal que estava sendo conduzido por Paulo Freire no campo educacional, Hugues de Varine leva em consideração a transformação que poderia ser realizada no campo museológico por conta das propostas do pedagogo brasileiro:

Paulo Freire é o maior pedagogo político de nossa época, porque ele colocou em prática suas ideias, antes de exprimi-las. Os outros pedagogos, mais teóricos do que práticos, procuram, sobretudo, melhorar a eficácia da educação, seu rendimento, talvez a sua democratização, num espírito generoso. Paulo Freire propõe inverter o processo educativo. Considera antes que o objeto da educação, o educando, tem também alguma coisa importante a oferecer, da qual o educador e todos nós temos necessidade. No domínio da cultura, é importante inverter igualmente a relação da oferta e da procura. Todo cidadão, toda comunidade oferece alguma coisa em troca do que o agente cultural pode lhe oferecer. Não deveria então ser mais possível fazer uma política cultural, conceber uma estratégia, utilizar métodos como se fazia antes de Paulo Freire. (*In*: CHAGAS, 1995, p. 243)

Torna-se necessário entender melhor o surgimento do conceito de “Pedagogia do Oprimido” também conhecida como “Pedagogia da Libertação”. Paulo Freire se coloca no campo pedagógico enquanto agente de transformação teórica e metodológica. De acordo com Royer e Silva (2007), a obra de Freire é disposta de acordo com princípios voltados a uma ideia ligada a opressores e oprimidos, “o primeiro é responsável por oprimir, desumanizar os demais, que já se adaptou à essa condição e chegando a sentir medo de uma possível libertação. (ROYER e SILVA, 2007, p. 1) Assim como em outras áreas, o surgimento de uma nova orientação teórica é tida como uma ameaça pelo campo em que está surgindo. Pois de acordo com a estrutura do campo científico, algo que não esteja estabelecido diante dos parâmetros que lhes são comuns é visto como uma espécie de afronta aos padrões teóricos que estão estabelecidos. A proposta de Freire desafiou uma teoria estabelecida por conta do seu objetivo de transformação social e cultural por meio da cultura:

Uma educação que, por ser educação, haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época de transição. Uma educação que lhe proporcionasse a reflexão sobre seu próprio poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade, por isso mesmo, no desenvolvimento desse poder, na explicitação de suas potencialidades, de que decorreria sua capacidade de opção. Educação que levasse em consideração os vários graus de poder de captação do homem brasileiro da mais alta importância no sentido de sua humanização (FREIRE, 2014, p. 80- 81).

Portanto, é possível caracterizar, metodologicamente, a transformação do aluno em um agente de transformação social e cultural em meio a comunidade que ele integra (nesse

sentido Varine aborda essa concepção perante a disposição dos atores sociais, na formulação e formação de agente de desenvolvimento comunitário e territorial)<sup>56</sup>: “na qual ele valorizava, quase ao extremo, o papel do homem e da mulher na sociedade. Estes se tornavam o centro de toda a realidade e os principais agentes da história. Ser *consciente e crítico* era o que bastava para assumir um papel *ativo* nas transformações sociais.” (AGOSTINI, 2015, p. 8)

Ainda sobre a Mesa Redonda de Santiago, há de se levar em consideração o papel da teoria de Paulo Freire na reunião que aconteceu em 1972, pois “o educador e todo profissional a se engajar social e politicamente, comprometido com um projeto de sociedade diferente – estiveram e ainda estão presentes, ou melhor, são o cerne das proposições de Santiago” (SANTOS, 2008, p. 83). As consequências da sua (não) “participação”, “apesar de não ter tal intenção e não ter escrito nada sobre museus e patrimônio”, necessitam ser melhor aprofundadas no intuito de compreender como contribuíram para revolução pedagógica no campo museal. De acordo com Alves e Reis (2013) [...] o pensamento de Paulo Freire foi muito importante na Museologia a partir dos anos 1970, sobretudo no que se refere ao conceito ‘conscientização’ da transformação do homem-objeto em homem-sujeito. (p. 122) Nota-se, então, que o pensamento de Paulo Freire impactou e ainda impacta um conjunto de autores no campo da Museologia, se desdobrando em diferentes possibilidades expressivas. Hugues de Varine consiste em um desses autores cujo projeto intelectual dialoga com o pensamento de uma educação como prática de “libertação”:

A influência de Paulo Freire sobre Varine na formulação de concepções sobre trabalho comunitário no campo patrimonial é anterior à Mesa de Santiago. Como escreve Horta (2012, p. 13), as ‘ideias de Paulo Freire continuaram e continuam ainda hoje, a orientar e iluminar os textos e proposições de Hugues de Varine, de modo especial no trabalho do desenvolvimento comunitário’. (ALVES e REIS, 2013, p. 124)

No INODEP, a relação<sup>57</sup> entre Freire e Varine se estreitou pela execução de serviços enquanto membros da instituição, fator que os aproximou não somente em caráter de amizade, mas também de trocas intelectuais. Situação que evidentemente contribuiu para que Hugues

---

<sup>56</sup> “Toda ação supõe um certo número de atores. Em matéria comunitária, como para a educação no sistema de Paulo Freire, todo elemento da população pode ser alternativo ou, simultaneamente, ator e usuário. É pois útil refletir sobre a participação das pessoas na tomada de decisão e na ação, em função de seu lugar na comunidade, de sua competência, de sua responsabilidade.” (VARINE, 1987, p. 159)

<sup>57</sup> “Paulo Freire, educador brasileiro, que lançou em seu país, antes de 1963, o movimento de alfabetização conscientizadora, antes de participar dos programas de alfabetização da UNESCO (principalmente no Chile) e da reflexão sobre as condições do desenvolvimento do Conselho Ecumênico das Igrejas. Autor notadamente de *A Educação como Prática de Liberdade* e da *Pedagogia dos Oprimidos*. Sua teoria de educação libertadora como alternativa da educação bancária servil, pelo estabelecimento de uma troca dinâmica entre educador e o educado, inspirou numerosos grupos tanto no Terceiro Mundo, como na Europa ou nos Estados Unidos.” (VARINE, 1987, p. 33)

se envolvesse pela proposta libertadora que havia sido criada e que estava sendo aplicada pelo pedagogo. Para Judite Primo (1999), consiste em apresentar um perfil de interligação da educação como prática de libertação, em sua atuação direta na instituição museal. Ela traça um perfil de questionamento acerca do eixo comunicacional, diante de um contexto da representação museológica entre museu-visitante:

Por entender que a maior potencialidade dos museus é a sua acção educativa e a educação verdadeira é aquela que serve à libertação, questionamento e reflexão é que as novas correntes da museologia, após esta Declaração, se aportou do método pedagógico defendido por Paulo Freire, que entende a educação como prática da liberdade e constrói a teoria da Educação Dialógica e Problematicadora na qual a relação educador-educando é horizontal, ou seja: acredita-se que a partir do diálogo e da reflexão os homens se educam em comunhão (PRIMO, 1999, p. 20).

De tal maneira, diversos agentes do campo museal brasileiro passam a utilizar da pedagogia libertadora de Paulo Freire para rever questões que estavam ligadas a suas atuações na execução de atividades da práxis museológica, conforme apresentado por Maria Célia Teixeira Moura Santos (2014) ao relatar a sua experiência no Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia:

Posteriormente, fiz concurso e continuei ensinando as mesmas disciplinas. O Museu de Arte Sacra da UFBA era o nosso grande espaço de experimentação, atuava na sala de aula com uma carga horária de 20h e o restante do meu tempo era destinado a outras atividades, como voluntária, no Museu. Nesse período, dentre as minhas obras de referência para desenvolvimento das atividades, tanto no Museu como na sala de aula, estava o livro Extensão ou Comunicação, de autoria do mestre Paulo Freire. Identificava-me com suas reflexões, quando fazia a crítica ao conceito de extensão, como invasão cultural, como atitude contrária ao diálogo, que considerava como a base de uma educação autêntica. (SANTOS, 2014, p. 78)

Nesse processo, há um engajamento e participação de membros internos do museu para uma aproximação<sup>58</sup> entre o museu e a escola. Observa-se, aqui, um exemplo dessa atuação profissional embasada em uma herança da produção intelectual de Varine e Freire em um museu capaz de fomentar uma formação voltada ao fortalecimento comunitário. Santos (2014), continua pedindo para que “saíamos do espaço do Museu na busca de uma

---

<sup>58</sup> “A educação, como introdução à liberdade, a qual Paulo Freire consagrou sua vida e sua obra, é um dos fatores desta conscientização. Rejeitando o acúmulo (bancária de acordo com a expressão de P. Freire), ela libera o comportamento de todo modelo unicamente exógeno, traz materiais (conhecimentos, dados para informação, regras de conjunto) e suscita a vontade e a capacidade de os reunir em função das necessidades ressentidas; enfim, alimenta o espírito crítico que por si só permite avaliar os significados da ação (primárias e secundárias) e os valores contidos no engajamento pessoal.” (VARINE, 1987, p. 105)

interlocução com professores e alunos de escolas de ensino fundamental e médio, públicas e particulares” (SANTOS, 2014, p. 80). O intuito é agregar e estabelecer uma relação entre museu e escola.

Cabe ressaltar que Maria Célia Santos, durante a sua atuação como professora, utilizou os textos de Hugues de Varine, em especial *O Tempo Social* (1987)<sup>59</sup>. Desenvolveu uma proposta herdeira da Pedagogia de Paulo Freire e da Museologia Comunitária de Hugues de Varine, assim como outros profissionais da área museológica que serão analisados no próximo capítulo.

Em sua mais recente obra, Varine (2017) apresenta uma listagem de livros que compõem a sua biblioteca pessoal e que indica como bibliografia para aqueles que desejam se aprofundar no contexto dos ecomuseus e museus comunitários. Ele, portanto, cita algumas das obras de Paulo Freire: *Educação como Prática de Liberdade* (1967), *Pedagogia do Oprimido* (1970), *Pedagogia da Esperança* (1997) e *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos* (2011).

### **2.3 Por uma “Museologia da Libertação”: articulações entre Museologia, Pedagogia e Teologia**

Antes de me deter no conceito de “Museologia da Libertação”, é importante destacar o esforço da museóloga Odalice Miranda Priosti<sup>60</sup> em sua tese de doutorado intitulada:

---

<sup>59</sup> SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Entrevista concedida a Roberto Fernandes dos Santos Junior, Salvador, 27 fev. 2018.

<sup>60</sup> Eu descobri o Odalice Priosti e o Ecomuseu do Quarteirão do Matadouro de Santa Cruz (RJ) em 1992, durante o primeiro Encontro Internacional de Ecomuseu no Rio de Janeiro. Fomos convidados a visitar este primeiro ecomuseu urbano do Brasil, como visita técnica durante a conferência. Desde então, não parei de acompanhar o trabalho dessa ativista incansável da ecomuseologia e, principalmente, de seu território de Santa Cruz. Ela é professora de francês, então oficial da Secretaria de Educação da cidade do Rio e o museu dedicado ao resto de seu tempo com o marido Walter, diretor do Memphis e do museu, é claro voluntário. Ela faz parte da associação de pesquisa histórica local, a NOPH, que forneceu a plataforma inicial para o ecomuseu. Então ela literalmente "inventou" o ecomuseu, reagrupando gradualmente ao seu redor tudo que Santa Cruz tem pessoas e organizações dinâmicas interessadas em herança e memória, inclusive na zona industrial vizinha e no resto do mundo instituições militar local. Odalice teve que lutar para obter o reconhecimento da Câmara dos Vereadores do Rio, incessantemente questionado, e também o mundo dos museus e até mesmo da nova museologia. Sua recusa a mergulhar em normas impostas de cima, seu desejo de sempre começar de baixo, sua independência de mente assegurou-lhe a admiração de um pequeno número fora de Santa Cruz e a hostilidade de muito. Não tendo qualificação universitária formal no campo da museologia em um país onde isso parece ser essencial, ela queria refazer todo um programa de estudos superiores, terminando com um doutorado, no qual há precisamente uma "doutrina" de ecomuseu como prática de libertação, seguindo o caminho traçado por Paulo Freire da educação. Esta doutrina é nutrida pela prática de trinta anos de trabalho de campo, em sua comunidade e na escala de seu

*Memória, Comunidade e Hibridação: Museologia da libertação e estratégias de resistência* (2010), na compreensão de uma série de práticas no intuito de interseccionar a Pedagogia, a Museologia e a Teologia em um quadro teórico. A autora faz análise e delimita o que seria essa síntese, trazendo como base as experiências da Nova Museologia no Brasil, em especial no Ecomuseu Comunitário de Santa Cruz, no Rio de Janeiro. Hugues de Varine expõe esse conceito, diante de uma prática que deveria ter sido iniciada desde a Mesa de Santiago, devido a recusa pela representação de Freire:

A partir desse momento, enquanto eu considerava Paulo Freire como meu mestre, eu comecei a refletir sobre um museu inspirado em suas ideias. Mais tarde, na década de 90, quando comecei a ir regularmente ao Brasil, comecei a discutir as propostas de Paulo Freire com os colegas brasileiros. Eu também revi Paulo em São Paulo, em 1992. Depois, Odalice Priosti, quando ela fez seu doutorado na UNIRIO, dedicou um capítulo inteiro de sua tese sobre a ‘Museologia da Libertação’. [...] Eu creio que podemos dizer que, no Brasil particularmente, a concepção de museu comunitário e seu papel no desenvolvimento corresponde bem às ideias de Paulo Freire. Da mesma forma, a crítica da ‘educação bancária’ pode facilmente ser aplicada a uma Museologia que promove o patrimônio ‘sem terra’ desconectado da sociedade e da cultura vibrante. Mas se muito se fala sobre o diálogo de Paulo Freire e os museus brasileiros, à exceção de Odalice, creio que não houveram pesquisas ou publicações que enfocaram claramente uma ‘Museologia da Libertação’. (VARINE, 2017, p. 50)<sup>61</sup>

No decorrer da sua tese de doutorado, Odalice Priosti (2010) selecionou um capítulo específico para examinar a “Museologia da Libertação”. A mesma descreve, a partir de princípios ligados à cadeia operatória da Museologia, mas com bases alicerçadas na Pedagogia de Freire, o que é reconhecido por ela como “museu educador-libertador”.

Todavia, cabe aqui uma outra reflexão em torno dessa terminologia. Segundo Hugues de Varine, o termo pertenceria a Odalice Priosti<sup>62</sup>, mas analisando alguns dos textos de Varine também é possível identificar essa nomenclatura. Até mesmo a própria Odalice credita o termo ao pesquisador, mas percebe-se que não houve a sua definição por parte dele. No entanto, Varine não reconhece o termo como sendo de sua autoria, devido os trabalhos que

---

território. Tendo assim combinado prática e teoria, Odalice estendeu sua ação ao seu ambiente e ajudou no surgimento de outro ecomuseu no distrito vizinho de Sepetiba, e também em todo o Brasil, reunindo vários museus em o que os italianos chamariam de "comunidade de práticas", a Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus da Comunidade (ABREMC). (tradução minha, VARINE, 2017, p. 166)

<sup>61</sup> VARINE, Hugues de. Entrevista concedida a Roberto Fernandes dos Santos Junior. França, 22 jan. 2017.

<sup>62</sup> Na sua tese, Odalice Priosti (2010) cita em nota de rodapé que o conceito de “Museologia da Libertação” foi “Citada por Hugues de Varine no texto *A Nova Museologia: Ficção ou realidade*, In: SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA. *Museologia Social*. Porto Alegre, Unidade Editorial, 2000, p. 24-25 e em seu livro *Les racines du futur- Le patrimoine au service du développement local*, 2002, p.183. Também foi apresentada por esta autora no III EIEMC – III Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários, Rio de Janeiro, 2004. In : CD Rom Atas do III EIEMC/ X Atelier Internacional do MINOM, 2004.

foram fomentados e publicados pela pesquisadora. No livro *As Raízes do Futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local* (2012), ele aponta Odalice como uma “discípula”. Será uma teoria compartilhada, onde um cria o termo e o outro o desenvolve? O fato é que em alguns textos Varine introjeta o conceito e em outros abdica da sua autoria:

[...] os militantes da nova museologia se reconhecem e buscam uma ‘museologia da libertação’ (termo de Odalice Priosti) própria para ajudar as comunidades a encontrar nelas mesmas e fora delas a força e os meios para viver e agir como sujeitos e atores de seu próprio futuro. (VARINE *Apud* PRIOSTI, 2010, p. 148-149)

Nesse caso, é importante destacar a definição do termo “Museologia da Libertação”. Diante de uma ação patrimonial embasada por um processo de educação permanente no seio comunitário, reconhecendo a função social do museu, destaca-se o que pode ser designado de uma musealização da memória comunitária. Nesse aspecto destaca que a finalidade é “[...] atender uma demanda cultural em relação ao sentimento de pertencimento, legitimidade e autenticidade desse processo.” (In: SANTOS JUNIOR, 2017, p. 51)

[...] uma **Museologia da Libertação** revelada à luz da memória social, cujos fundamentos poderiam estar na base de um **museu educador- libertador** que, ao adotar a libertação das forças culturais simultaneamente pela oposição e pela afirmação, mesclando a imitação e a diferença, produz memória. Em outros termos, pretendemos pensar a possibilidade de libertação das forças vivas de uma comunidade pela **musealização do espaço vivido** e por **ações patrimoniais** que afirmam as subjetividades coletivas ao mesmo tempo em que se opõem às políticas públicas impostas, e que afirmam sua singularidade museológica ao mesmo tempo em que combatem os fundamentos da museologia convencional. A museologia da libertação seria, a nosso ver, o processo pelo qual as comunidades [...] pode construir uma **memória enquanto resistência, uma memória que não se assujeita a um modelo que lhe foi imposto, mas que com ele negocia, imitando-o e diferenciando-se dele de múltiplas maneiras**. Numa outra perspectiva, a própria criação de museus por iniciativa das comunidades reforça a ideia de que a libertação de que tratamos aqui refere-se também à libertação das forças vivas, endógenas da comunidade no seu exercício de subjetivação. A museologia da libertação representa uma produção de processos museológicos diferenciados, “os novos museus” – museus que colocam os sujeitos no centro de sua preocupação, em vez dos objetos e das coleções que eles produziram. Ou seja, são museus nos quais a intenção primeira não é a conservação ou a sobrevida dos bens de uma coleção ou de uma coleção de patrimônios, mas, primordialmente, o desenvolvimento de uma comunidade consciente e responsável para o agir e criar, capacitada para a construção de sua memória e para o exercício da cidadania. Portanto, estamos tratando aqui de criação onde os fatores essenciais e determinantes são as singularidades de cada comunidade. É nesse sentido que o exercício da “escuta” é adotado como o método próprio nos ecomuseus e museus comunitários. Ouvindo as falas dos habitantes, estaremos libertando suas histórias de vida, conhecendo o destino das memórias trazidas para esse

espaço, vindas pela imigração ou pela remoção das favelas do Rio e seu reassentamento em Santa Cruz. Ao propormos a museologia da libertação, nossa ideia é trabalhar a memória como um processo pedagógico de subjetivação e de libertação das forças vivas das comunidades. Sem o propósito de um aprofundamento na questão teológica e muito mais interessados na aproximação à atmosfera de ruptura do fator principal do subdesenvolvimento: a dependência, trataremos aqui da passagem de uma dependência cultural para uma libertação. (PRIOSTI, 2010, p. 147-148, grifos meus)

Destacando esse aspecto, que nada mais é do que a definição criada por Odalice, ressalta-se que os “discípulos” de Hugues de Varine no Brasil criaram mecanismos de militância em defesa de uma ideia de libertação que está diretamente relacionada com as atividades ligadas com o campo museológico brasileiro (a partir do momento em que surgem novos agentes que respondem por um novo estatuto conceitual), como também uma reverberação a nível internacional (com a disseminação realizada por Varine e outros agentes). Na verdade, esse pensamento libertário se embasa nas propostas teóricas e metodológicas que Hugues de Varine apresentou no campo da Museologia Comunitária<sup>63</sup>, em consonância com a Pedagogia da Libertação de Paulo Freire.

Com base nos textos de Varine, “os conceitos de ecomuseu, patrimônio integral e desenvolvimento foram absorvidos e contrapostos nas pesquisas decorrentes para conceber por quê, como e para que uma sociedade constrói o seu museu.” (PRIOSTI, 2010, p. 140) Um movimento de reflexão em torno daquilo que estava sendo produzido pelo autor, com o intuito de trabalhar um contexto de ressignificação do patrimônio tendo a comunidade como protagonista de trocas simbólicas, subjetivas e memorialísticas, a fim de um objetivo que é a libertação museal<sup>64</sup>. Nesse aspecto, reconhece que os museus comunitários e os ecomuseus consistem em “testemunhos dos grupos nesse musealizar a própria dinâmica da vida comunitária, superando todas as expectativas de cega obediência a um modelo cristalizado e assegurando à rede a diversidade da trama cultural e a singularidade de cada processo”. (p. 133)

---

<sup>63</sup> “O ingresso da Nova Museologia como estratégia de enraizamento da população no seu território e a tendência cada vez maior das sociedades de promoverem a construção de sua autonomia política e econômica demonstram o compromisso dos cidadãos responsáveis com a busca da qualidade de vida para todos, sinaliza uma pedagogia patrimonial comunitária e questiona o divórcio entre o museu clássico e a população, propondo um exercício de subjetivação da comunidade que quer fazer ela própria o seu museu ao usar o patrimônio como ferramenta de apropriação, libertação e sustentabilidade com a geração de rendas. A museologia da libertação faz seu caminho.” (PRIOSTI *Apud* PRIOSTI, 2010, p. 133)

<sup>64</sup> “Uma das modificações que gostaríamos de destacar na concepção museológica, em relação à ideia de pedagogia da libertação proposta por Paulo Freire, diz respeito à própria ideia de libertação: pretendemos pensar uma libertação que não resulte apenas de relações de oposição – opressores e oprimidos, por exemplo- mas que seja também uma libertação das subjetividades naquilo que elas possuem de mais inventivo e singular.” (PRIOSTI, 2010, p. 144)

Em meio a esse processo, observa-se nessa configuração de museu um fluxo de possibilidades que aguça e estimula os agentes que compõem a sua estruturação, em um movimento que se enquadra na dinâmica da responsabilidade social a partir do uso e aproveitamento de seus recursos humanos e físicos com o objetivo de promover um desenvolvimento territorial e sustentável. Nesse movimento, segundo Priosti (2005), a Nova Museologia aparece como uma espécie de “tendência”, que tem por objetivo a “[...] construção de sua autonomia política e econômica demonstram o compromisso dos cidadãos responsáveis com a busca da qualidade de vida para todos, sinaliza uma pedagogia patrimonial comunitária”. (PRIOSTI, 2005, p. 1).

Numa outra perspectiva, a própria criação de museus por iniciativa das comunidades reforça a idéia de que a libertação de que tratamos aqui refere-se também à libertação das forças vivas, endógenas da comunidade no seu exercício de subjetivação. A museologia da libertação representa uma produção de processos museológicos diferenciados, “os novos museus” – museus que colocam os sujeitos no centro de sua preocupação, em vez dos objetos e das coleções que eles produziram. Ou seja, são museus nos quais a intenção primeira não é a conservação ou a sobrevivência dos bens de uma coleção ou de uma coleção de patrimônios mas, primordialmente, o desenvolvimento de uma comunidade consciente e responsável para o agir e criar, capacitada para a construção de sua memória e para o exercício da cidadania. (PRIOSTI, 2010, p. 147).

Diante disso, o Brasil enquanto país marcado pela desigualdade social e econômica, torna-se um terreno fértil para a configuração da “Museologia da Libertação” e para uma propagação de projetos e instituições museais inspiradas nessa proposta. Para tanto, observa-se como esses “movimentos libertários” contribuíram para influenciar algumas práticas e gerar subsídios e plataformas de aperfeiçoamento para o seu crescimento em diversas áreas do conhecimento.

No caso brasileiro essas discussões adquiriram centralidade durante a realização do III Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários em consonância com o X Atelier Internacional do MINOM, que aconteceu no Rio de Janeiro em 2004, que teve como tema Terminologia “Novas Museologias”. Onde a questão da desigualdade social esteve no centro dos debates que privilegiaram aspectos relacionados a uma integração entre os museus e a educação a partir de tentativas para a definição do conceito de “Museologia da Libertação”. Outra especificidade foi a realização de uma conferência sobre o novo conceito, denominada de “Museologia da Libertação e a construção democrática do Patrimônio do Futuro”, sustentada nos princípios da Pedagogia e da Teologia da Libertação, expressa em um texto escrito por Hugues de Varine e Odalice Priosti (2007).

Mesmo suscitando a atuação da Teologia da Libertação em seus escritos, Odalice Priosti pouco expressa a relação entre os eixos que compõem o que reconheço como uma nova tríade museológica. Sendo um segmento dos estudos teológicos da América Latina, uma das principais características que ela expressa é a opção pelos mais desfavorecidos economicamente e a sua distribuição geográfica. A Teologia da Libertação<sup>65</sup> está expressa pela criação de células de atuação, em busca de um protagonismo comunitário, em vista da evangelização com base nos conceitos culturais de uma determinada comunidade.

A matriz paroquial deixa de ser o centro da atuação comunitária que se dividem em comunidades que atuam diretamente em alguma causa específica, como a da Juventude, Criança, Pessoa Idosa, Carcerária, Afro-Brasileira entre outros segmentos. Dessa forma, a dependência entre o centro e a periferia deveria resultar em um processo de ruptura e de libertação. Portanto, desfazer-se a base para a Teologia do Desenvolvimento e criariam os fundamentos teóricos para uma Teologia da Libertação - TL. (BOFF, 2001, p.11)

Em detrimento a aspectos fundadores da TL, de acordo com Susin (2013), ela nasce com princípios ecumênicos<sup>66</sup>, no que ele delimita como a “periferia das Igrejas”. Assim como a Nova Museologia e a Pedagogia do Oprimido, ela buscou o encaixe da natureza pública e política, com o intuito de buscar por uma “[...] interlocução social, mas na periferia do Ocidente”. Essa teologia foi construída por pesquisadores que tinham sido exilados de seus países, “[...] mas foi precedida por movimentos sociais, especialmente movimentos de alfabetização e de direitos humanos”, em especial com grande repercussão para o trabalho de Paulo Freire<sup>67</sup> no Brasil. (SUSIN, 2013, p. 1679-1698)

Assim como a Pedagogia do Oprimido, a TL apresenta uma “metodologia de trabalho” expressa por “textos pastorais”. Para tanto, é necessário seguir os passos de uma tríade denominada por “círculo hermenêutico de três mediações”, sendo a primeira delas a “mediação sócioanalítica”, com o objetivo de conhecer a realidade em que está se inserindo; a

---

<sup>65</sup> “Por associação de ideias, valores e práticas em que se aplicam os princípios filosóficos freirianos, a Teologia da Libertação inspirou uma ‘museologia da libertação’, [...] uma museologia capaz de levar as sociedades a desenvolverem responsabilidades nessa cadeia de vida, da qual o patrimônio faz parte como um dos promotores potenciais de desenvolvimento responsável e solidário.” (PRIOSTI, 2010, p. 50)

<sup>66</sup> “Teólogos como Gustavo Gutiérrez, Juan Luís Segundo e outros começaram a organizar encontros e congressos para se pensar as questões entre fé e justiça social, Evangelho e pobreza; como os que aconteceram no Rio de Janeiro, em 1964, em Havana e Bogotá, em 1965. Ainda em 1968, algumas semanas antes da abertura do encontro de Medellín, Gustavo Gutierrez apresentou em Chimbote, no Peru, uma conferência que seria o gérmen da Teologia da Libertação.” (SILVA, 2006, p. 37)

<sup>67</sup> “O educador Paulo Freire, com sua pedagogia de conscientização através de palavras “geradoras” e temas “geradores” colocou em movimento um método que seria adotado pelas comunidades eclesiais de base. Trata-se de um método em que não só se aprende a tomar a palavra, mas em que esta tomada da palavra comporta em se tornar sujeito e ator social.” (SUSIN, 2013, p. 1679-1698)

segunda é a “mediação hermenêutica teológico-bíblica” com o intuito de aperfeiçoar o discernimento cristão com base nas sagradas escrituras; e, por fim, a “mediação”, essa última com fins de mudança da realidade em que estão imersos: “Como é uma trindade em círculo, cada mediação influencia hermeneuticamente a outra.” (SUSIN, 2013, p. 1686)

Nesse aspecto, de acordo com Silva (2006), há um processo de expansão da TL “[...] e suas reflexões foram moldando-se à realidade<sup>68</sup> político-cultural das várias regiões do continente, inclusive, associando-se com outros temas [...]” (p. 39) Um dado interessante a se destacar em relação a Nova Museologia e a Teologia da Libertação é que, diante da sua expansão perante o campo científico, começam a surgir diversas denominações vinculadas a esses ideais. Como o autor conclui, “de tal forma que para todos ficou claro a partir de determinado momento que havia teologias da libertação com muitas vertentes.” (SILVA, 2006, p. 39)

Para a compreensão da proposta de constituição de uma “Museologia da Libertação” que enaltece um processo museológico como ferramentas de libertação é necessário evidenciar as propostas da Teologia da Libertação e da Pedagogia do Oprimido. Essas articulações com o alguns dos pensamentos mais férteis da América Latina são enunciadas no pensamento e nas ações de Hugues de Varine e Odalice Miranda Priosti, na propositura de entender/perceber, especialmente no caso brasileiro, uma nova dimensão sobre os museus visando estimular o desenvolvimento comunitário sustentável, a valorização dos diferentes saberes e um diálogo horizontal entre a instituição museológica e os agentes locais.

Dessa forma, durante décadas Hugues de Varine provocou e aguçou reflexões em torno do que ele compreende como uma Museologia Comunitária, pautada na reflexão a partir de estudos de casos oriundos de sua atividade de consultoria em museus comunitários e ecomuseus em diversas partes do mundo, especialmente no Brasil, onde contribuiu na concepção de algumas unidades museais, na formulação de eventos e na criação de associações voltadas para essa temática, conforme analisarei no próximo capítulo.

---

<sup>68</sup> “O caminho da teologia da libertação, na verdade, foi outro: não de baixo para cima, mas para todos os lados. Enquanto persiste um anacrônico cuidado por parte de Núncios apostólicos na promoção de bispos que não sejam de forma alguns amigos da teologia da libertação, ela se expandiu e ganhou vozes por diferentes contextos ao redor do mundo. A categoria evangélica “libertação” se mostrou eficaz no dinamismo da fé e da vida para além das paredes das Igrejas. A teologia feminista e a atuação de teólogas no trabalho e no método da teologia da libertação são realidades mundiais. As teologias indígenas, como a Black Theology, estão por todo lado. A Teologia Gay e Queer, enfim as minorias somadas que utilizam os métodos da teologia da libertação, são realidades sem fronteira institucional. Elas existem porque a realidade da vida existe e porque o evangelho existe. A ecoteologia e a teologia da libertação animal, contra o antropocentrismo e o especismo, não param de crescer com o método ensaiado pela teologia da libertação.” (SUSIN, 2013, p. 1687)

### 3 - DA TEORIA A MILITÂNCIA: SUBSÍDIOS PARA O DELINEAMENTO DE UMA “TEORIA DA PRÁTICA”

“Mas o que mais me impressionou durante  
minhas visitas de trabalho no Brasil foi,  
aos meus olhos de europeu,  
a perspectiva de previsão  
que impulsiona todo brasileiro,  
mesmo pobre,  
enfrentando dificuldades para se alojar,  
cuidar de si ou educar os filhos.  
Ele pensa que amanhã ou depois será melhor  
e que ele pode contribuir  
para essa melhoria de seu status,  
de sua qualidade de vida.”

Hugues de Varine (2017, p. 144) (Tradução minha).<sup>69</sup>

Iniciando o itinerário de abordagem das consultorias desenvolvidas por Hugues de Varine, me esbarro nos obstáculos<sup>70</sup> da produção científica no campo da Museologia no Brasil. Mesmo com todas as potencialidades que é expressa na epígrafe do capítulo, algumas dificuldades contribuem para que importantes aspectos do campo intelectual permaneçam ainda pouco explorados. O intuito inicial deste capítulo seria a transcrição de aspectos dos impactos do pensamento de Hugues de Varine na concepção de projetos e consultorias que resultaram na criação de alguns ecomuseus brasileiros, com base no depoimento dos atores sociais que estiveram presentes na consolidação das suas ações, bem como no pensamento de alguns teóricos da Nova Museologia brasileira. No livro que lançou em 2017, Varine afirma que “há muito a ser dito sobre os ecomuseus deste imenso e multicultural país, que atualmente é um dos líderes da nova museologia”<sup>71</sup> (p. 141) (Tradução minha). Mas, ao longo do capítulo, trarei algumas demonstrações acerca da dificuldade do estudo dos ecomuseus brasileiros, pela escassez de publicações sobre a temática e, após dois anos de tentativas, pela dificuldade de obter retorno dos responsáveis por estas instituições.

---

<sup>69</sup> “Mais ce qui me frappait le plus lors de mes visites de travail au Brésil, e’était à mes yeux d’européen, l’esprit de prospective qui anime chaque Brésilien, même s’il est pauvre, confronté à des difficultés pour se loger, se soigner ou éduquer ses enfants. Il pense en effet que demain ou après-demain cela ira mieux et qu’il peut contribuer lui même à cette amélioration de son statut, de sa qualité de vie.” (VARINE, 2017, p. 144)

<sup>70</sup> Durante todo o processo de pesquisa, reiteradamente fui informado da indisponibilidade de fontes e da ausência de documentos sobre as ações de Hugues de Varine em relação as instituições que delimiti para a pesquisa.

<sup>71</sup> “Il y a beaucoup à dire sur les écomusées de ce pays immense et multiculturel qui est actuellement un des leaders de la nouvelle muséologie.” (VARINE, 2017, p. 141)

Dessa forma, redimensiono a intenção inicial e dou segmento, recaindo na ideia do que Pierre Bourdieu apresenta por “teoria da prática”<sup>72</sup>, usando com objeto de análise essas mesmas consultorias, mas em caráter teórico<sup>73</sup>, ou como em alguns casos ele as denominou como visitas, realizadas no Ecomuseu de Itaipu (PR), Ecomuseu Comunitário de Santa Cruz (RJ), Ecomuseu Serra de Ouro Preto (MG) e o Ecomuseu da Amazônia (PA). Dessa forma, o conceito será usado como aporte para a investigação da produção da teoria na prática, portanto, visualizo como elemento de uma composição entre concordâncias e discordâncias, no que tange a aproximação e o distanciamento do que é discursado nas suas produções.

A ausência dos depoimentos dos atores sociais responsáveis pela consolidação desses ecomuseus, bem como a dos responsáveis pela criação da Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários-ABREMC, continuará compondo a lacuna do estado da arte da história dos ecomuseus e da ecomuseologia brasileira, pelo menos nos itinerários que aqui esbocei e nas fontes que tive acesso. Cabe ressaltar que a bibliografias sobre essa temática é escassa no campo museológico brasileiro, pela falta de publicações desses trabalhos nos repositórios institucionais, bem como em revistas e periódicos, sendo abordado por Varine:

Naturalmente, muitas dissertações de mestrado e teses de doutoramento evoluem e aprofundam os conceitos e avaliações de práticas. Mas esses textos são de difícil acesso, mesmo quando são publicados. As reuniões profissionais de que participei no Brasil, em nível nacional, local ou internacional, apresentaram este trabalho aos participantes apenas de forma oral ou resumida. Talvez seja necessário ver nessas deficiências da difusão pública, além da divisão do país em estados federados que, pelo menos para os mais importantes, têm suas próprias redes de comunicação, a predominância da comunicação virtual. (VARINE, 2017, p. 162)<sup>74</sup>

Dessa forma, se faz necessária uma análise do pensamento acerca de sua produção, evidenciando alguns pontos referentes ao livro *Raízes do Futuro* (2012), complementados pela mais recente publicação de Varine, o livro *L'écomusée singulier et pluriel: Um témoignage sur cinquante ans de muséologie communautaire dans le monde* (2017), que

---

<sup>72</sup> Pensamento iniciado no primeiro capítulo, quando fiz referência a sua trajetória. Aqui dou segmento expondo como a “teoria da prática” se faz presente na construção teórica de Hugues de Varine.

<sup>73</sup> Aqui opto pelo levantamento de fontes bibliográficas sobre os quatro ecomuseus que delimito acima.

<sup>74</sup> “Naturellement, de nombreux mémoires de “mestrado” et des thèses de doctorat font évoluer et approfondissent les concepts et l'évaluation des pratiques. Mais ces textes sont difficilement accessibles, même lorsqu'ils ont été publiés. Les réunions professionnelle auxquelles j'ai assisté au Brésil, à niveau national, local ou international, ne présentaient ces travaux aux participants que sous forme orale ou résumée. Peut-être faut-il voir dans ces lacunes de la diffusion publique, au-delà de la division du pays em États fédérés qui, du moins por les plus importants, ont leurs propres réseaux de communication, la prédominance de la communication virtuelle.” (VARINE, 2017, p. 162)

passa a integrar este trabalho graças a essa “predominância da comunicação virtual” que Varine exclama. Essa última publicação surge como uma complementação dos outros livros produzidos por ele, principalmente no que tange a percepção acerca dos ecomuseus e museus comunitários. Privilegio, nesse aspecto, um dos capítulos em que ele apresenta a sua atuação no Brasil. Do mesmo modo, em se tratando dos agenciamentos e embates no campo museológico, destaco os *Anais do I Encontro Internacional de Ecomuseus (1992)*, onde é possível sublinhar com vigor uma reunião dos diálogos acerca das ações ecomuseológica no Brasil.

Ao realizar uma análise da produção e Hugues de Varine sob a lente teórica de Pierre Bourdieu (1983) é possível destacar traços de aproximação com a construção/confecção do seu projeto, especialmente com a proposta de instituir um itinerário prático para ser usado em campo. Varine aborda as peculiaridades e permissividades da exploração museológica *in situ*, gestando ações e produzindo teorias de acordo com as particularidades encontradas diante de uma “engenharia de subjetividades” do campo científico em que atua. Imbrica, assim, nos modos de conhecimento em *Esboço de uma teoria da prática* (1983), quando Bourdieu indica um percurso voltado para a fenomenologia e, aqui, aproximo das ações com base na produção teórica que Varine desponta no campo museal.

Pensar na propositura do que denomino como engenharia das subjetividades, a ideia conceitual aqui é expressa pela particularidade na elaboração de novos estatutos teóricos e metodológicos para a Museologia, especialmente pela forma com que ela é produzida. Essa engenharia está voltada para as ações e produções que são construídas de forma coletiva/individual frente a singularidade que fomenta cada ação museológica. Isso porque opta por uma assinatura individualizada que é apresentada pelo autor como fruto de suas experiências construídas comunitariamente. Quando Varine opta por ser um observador participante, ele acaba por si tendo que decidir pela escrita solitária ou partilhada. Com isso, evidencia-se uma distinção na produção da teoria, onde se verifica em princípio a perspectiva da ação que Hugues de Varine desenvolve, quando ele se torna protagonista pela escrita a partir dos relatos das consultorias que realizou, optando pelo olhar do membro externo como ponto que delimita a sua própria produção no que tange a forma com que a experiência em uma determinada comunidade será apresentada. O fato é que Varine escapa da perspectiva da escrita nativa, para uma projeção social pela visão do estrangeiro, o que pode ser considerada como uma forma de evitar a colonização do olhar.

Em um segundo contexto, é possível observar a produção dos agentes institucionais que são responsáveis na parte logística dessas consultorias e que também produziram reflexões científicas a partir dessas experiências com Varine e com as comunidades envolvidas. Aqui destaco o protagonismo de Fernanda Camargo-Moro, Yara Mattos, Odalice Miranda Priosti e Maria Terezinha Martins, por serem as responsáveis pela continuidade do trabalho iniciado pelo consultor. As produções podem ser consideradas, de algum modo, como desdobramentos das ações de Varine.

Por fim, em uma terceira esfera, essa a mais dificultosa do processo de produção teórica, estaria concentrada na produção dos atores e agentes sociais que passaram pelo processo inicial com a consultoria e o seu posterior acompanhamento. A ausência das falas dos agentes, aparece como um silêncio no campo da produção museológica, quando não temos a exposição dos discursos dos moradores das comunidades que vivenciaram a implantação de uma unidade museal, com fins de atendimento a uma demanda coletiva de preservação patrimonial, pautada na ideia de desenvolvimento comunitário.<sup>75</sup> Em alguns casos, há presença de produções coletivas, onde os agentes institucionais são os responsáveis pela disseminação, mas que, na maioria dos casos, são rejeitados por não atender as orientações propostas por muitos conselhos editoriais.<sup>76</sup>

Dessa forma, perante os mecanismos que envolvem os embates e conflitos no campo de atuação, os esforços das três instâncias de produção da engenharia das subjetividades contribuem para legitimar o legado de Hugues de Varine enquanto produtor de uma “griffe” museológica. Assinatura que passa por um constante processo de manutenção da energia

---

<sup>75</sup> Aqui, devo ressaltar a importância e a necessidade de uma pesquisa etnográfica com as comunidades desses ecomuseus, para que seja compreendido e avaliado os limites e as potencialidades dessa experiência comunitária. Mediante a vasta extensão territorial do nosso país e ao escasso tempo do mestrado, essa proposta não pode ser desenvolvida.

<sup>76</sup> Um exemplo das questões de submissão de trabalhos com uma quantidade de autores acima do recomendado está expresso no artigo escrito coletivamente pela Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro e publicado na Revista Cadernos do CEOM assinado com um “eu coletivo”. É importante ressaltar as duas notas explicativas sobre a autoria do artigo, o qual preservo a forma de citação que o mesmo apresenta: “Trata-se de um coletivo que conta com a participação de muitas pessoas que assumem o nome indicado e para o qual, por hipótese poética, apresentam os seguintes dados: formação em ciências humanas e sociais e atuação em museologia social. Contribuiu para a construção da PNM, do PNSM, do PNEM, do Programa dos Pontos de Memória, bem como para o desenvolvimento de processos museais que são referências na defesa do direito à memória, ao museu e ao patrimônio. Milita no movimento de mulheres, no movimento negro, no movimento LGBT e em outros movimentos sociais. \*\*Trata-se de um coletivo que conta com a participação de muitas pessoas que assumem o nome indicado e para o qual, por hipótese poética, apresentam os seguintes dados: formação em ciências biológicas e em ciências sociais aplicadas, pesquisas na área da religiosidade e do sagrado, atuação no campo da arquivologia, das artes visuais e da literatura, participação em projetos de arte pública. Milita a favor da articulação entre o saber acadêmico e o popular, entre o mundo rural e o urbano, entre a cultura e a educação. Nos últimos anos tem contribuído para a valorização do Programa Cultura Viva, incluindo os Pontos de Cultura e os Pontos de Memória.” (R. M. Silva e R. Januário, 2014, p. 418) O artigo encontrasse disponível no site: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2616/1515>.

social que é produzida a partir da difusão e transmissão de suas publicações e práticas, com o intuito de reverberar um modelo de neoprodução dos fazeres museais na contemporaneidade:

O mundo social pode ser objeto de três modos de conhecimento teórico[...], mesmo não sendo de forma alguma exclusivos, ao menos em direito, só têm em comum o fato de se oporem ao modo de conhecimento prático. O conhecimento que chamaremos de fenomenológico (ou, se quisermos falar em termos de escolas atualmente existentes, "interacionista" ou "etnometodológico") explicita a verdade da experiência primeira do mundo social, isto é, a relação de familiaridade com o meio familiar, apreensão do mundo social como mundo natural e evidente, sobre o qual, por definição, não se pensa e que exclui a questão de suas próprias condições de possibilidade. (BOURDIEU, 1983, p. 1)

Assim, ao delinear as ações práticas de Varine, com a conceituação pós-campo numa proposta de definição teórica do desenvolvimento comunitário, teríamos um elo de ligação entre consultor e comunidade, como ápice da produção científica museológica. Desse modo não seriam apenas museus comunitários, mas o estabelecimento de uma Museologia Comunitária. No caso de Varine, isso pode ser evidenciado enquanto elemento de operacionalização da relação dos atores sociais, sob a constante observação de um membro externo, com a manutenção de membros institucionais no que diz respeito a construção das estruturas de encadeamento com o seu patrimônio cultural, em meio ao cotidiano local. Com isso, pensar a teoria como produto da prática, leva à reflexão da singularidade de cada experiência vivida e, como isso, adquire uma singularidade dos trabalhos comumente realizados no campo científico:

Tratar da teoria como um *modus operandi* que orienta e organiza praticamente a prática científica é, evidentemente romper com a complacência um pouco feiticista que os <<teóricos>> costumam ter para com ela. (BOURDIEU, 1989, p.60)

Devo ressaltar, que esse é o discurso apresentado pelo autor em seus trabalhos, implicando diretamente na necessidade de uma pesquisa junto a essas comunidades para avaliar o modo como essa produção foi realizada, mediante o uso de técnicas de pesquisa que venha a possibilitar a captação desses resultados, sejam eles rodas de conversa, grupos focais ou apenas da memória do autor após as consultorias.

O delineamento do campo de atuação como objeto de estudo, possibilita uma revisão analítica dessa aplicação teórica como metodologia da Nova Museologia, com base nos “relatos” que se tornam produto, através das publicações de agentes externos. Os *Anais do I*

*Encontro Internacional de Ecomuseus* apresentam um pouco das tensões em torno da realidade escrita com o que é praticado no primeiro “ecomuseu” brasileiro.

Para além dos exemplos do livro *As Raízes do Futuro: O Patrimônio a Serviço do Desenvolvimento Local* (2012), onde Hugues de Varine se dispõe em apresentar um roteiro com seis “fichas práticas”<sup>77</sup>, dispostos em forma de itinerário para uma passível aplicação teórico-metodológica pelo leitor da obra. As mesmas, estão organizadas e subdivididas nos capítulos do livro, que, baseado na lógica do conceito de “teoria da prática”, tem por finalidade “[...], formar um objeto teórico que será submetido à prova empírica. A construção do fato social consiste em delimitar claramente um segmento da realidade” (THIRY- CHERQUES, 2006, p. 44).

Essas questões são potencializadas pelas propostas de criação de novos ecomuseus/museus comunitários<sup>78</sup>. Portanto, surge uma produção mais recente (VARINE, 2017) que deságua diretamente na teoria e que expõe, assim, como as ações e os agentes foram responsáveis pela continuidade dos trabalhos após a sua contribuição em campo, o que, diga-se de passagem, em sua maioria acompanhadas de forma virtual pelo próprio Hugues de Varine. Reelaborações que dialogam com Bourdieu quando exprime em *O poder simbólico* (1989) a importância da compreensão das suas recentes produções pautadas em um movimento de ressignificação do objeto de pesquisa.

### **3.1 Interfaces teóricas: cultivando raízes para o futuro da “Nova Museologia”**

As provocações que serão realizadas neste tópico partem diretamente da análise do livro *Raízes do Futuro* (2012), como ferramenta de elucidação de aspectos voltados a apreensão da Nova Museologia, com moldes voltados a prática de desenvolvimento local. Cabe ressaltar que, segundo Varine (2012), “o desenvolvimento local não é um assunto acadêmico, que se aprenderia nos livros ou nas salas de aula.” (p. 15). Ele aborda que a comunidade é um “campo de aprendizagem”, onde o membro externo, no caso o consultor de desenvolvimento, se dispõe a aprender com a comunidade. Portanto, “[...] adquirimos

---

<sup>77</sup> “Na lógica enraizada do trabalho prático, existe as consonâncias e dissonâncias que apontam para as possíveis aproximações e distanciamentos diante de uma confluência de saberes específicos e delineados, onde pode ser expressada de forma profícua na realização aplicação de fichas práticas como ferramenta de legitimação de uma polifonia do estudo e análise dessa teoria na prática.” (SANTOS JUNIOR, 2017, p. 02)

<sup>78</sup> Mesmo com o imaginário voltado a uma dissociação desses dois termos, a conceituação de ambos mais que se aproximam na predominância de uma proposta de Museologia Comunitária. Portanto, é importante ressaltar que mesmo com movimentos, dogmas e estruturas que as dissociem, o ecomuseu é uma derivação do museu comunitário.

progressivamente conhecimentos, em que servimos, sobretudo, do bom senso, em que vivemos na complexidade em que aprendemos com os outros e, sobretudo, com as pessoas que encontramos no lugar. (p. 15)

Segundo Varine (2017), “[...] parece que há cada vez mais uma **ecomuseologia** que tende a reunir as teorias e práticas que vêm da Nova Museologia. Mas esta palavra não é pesquisada nem ensinada no sentido acadêmico do termo. (p. 67, grifo do autor) (Tradução minha).<sup>79</sup> Ele propõe “novos caminhos”, mas destaca a escassez de estudos sobre o desenvolvimento local no campo da Museologia. O levando a se “contentar”, em “[...] refletir sobre os novos caminhos da museologia, mais, ou melhor, adaptados aos objetivos do desenvolvimento local.” (VARINE, 2012, p. 171)

Criado a partir de uma lógica em que a comunidade se apresenta como cenário para que os atores sociais sejam responsáveis pelo desenvolvimento local, os ecomuseus/museus comunitários são esboçados na sua etapa inicial como uma das mais dificultosas, pois é o processo de conscientização da comunidade acerca da sua herança cultural, principalmente expressa pelo viés paternalista do termo patrimônio. Assim, Varine entende que “os habitantes serão, ao menos em uma primeira fase do desenvolvimento local, os mais difíceis de mobilizar, porque não têm uma visão clara e “cultural” do patrimônio” (VARINE, 2012, p. 58) De forma particularizada, cada comunidade reage de um forma diferente da outra, quando o intuito é trabalhar com a singularidade comunitária é, segundo o autor, geradora de catalizadores de particularidades subjetivas. Isso faz com que cada proposta esteja expressa e equiparada a sua diferença territorial e comportamental, onde não se permitem moldes:

Enfim, e principalmente, não há modelo, não há regra. Esses museus, ou ecomuseus, são todos diferentes uns dos outros, não somente pela natureza de seu patrimônio e de sua comunidade, mas pela história de seu processo. É assim absurdo querer submetê-lo as normas e a etiquetas e pretender equipes “funcionarizada”. [...] Atualmente, pode-se dizer que a “nova museologia”, que toma formas diferentes de acordo com o país e com os contextos, é essencialmente um movimento de museólogos que procuram adaptar melhor o museu a seu tempo e às necessidades das populações. (VARINE, 2012, p. 181-184)

Com o propósito de alicerçar particularidades diante da sua atuação, Varine cria e reverbera aspectos de uma produção que atenderia a demanda de suas consultorias, a ideia de formação de uma “marca”, reafirmando a ideia apresentada por Bourdieu (2003), em que os

---

<sup>79</sup> “Par contre, il semble qu’existe de plus en plus une écomuséologie qui tend à regrouper les théories et les pratiques qui relèvent de la Nouvelle Muséologie. Mais ce mot ne fait l’objet ni d’enseignement, au sens universitaire du terme.” (VARINE, 2017, p. 67)

agentes agenciam a produção da “*griffe*” social e/ou museológica. Nesse aspecto, o nome é agregado ao sentido do capital simbólico e, conseqüentemente, monetário. Como acontece na formulação de teorias, a prática agregada a produção simbólica também está embebida por uma “*griffe*” social.

Para isso, temos o exemplo da proposta de inventário participativo<sup>80</sup>, como ferramenta de produção metodológica da atuação do consultor de desenvolvimento, no processo de constituição de um ecomuseu ou ecomuseu comunitário. Esse inventário “[...] deve permanecer, estritamente complementar ao tombamento dos monumentos, sítios e de outros elementos culturais e naturais, e pode unicamente agregar uma espécie de “marca” de qualidade e riqueza de interesse superior, nacional e internacional. (VARINE, 2012, p. 55). Usando do seu próprio discurso para legitimar as ações, nota-se a constituição de moldes de sacração intelectual, no que diz respeito plausibilidade do que ele atesta em suas teorias. Nota-se, portanto, uma seletividade de processos e técnicas museológicas, dando espaço a agenciamentos pessoais e coletivos:

[...] acredito que o museu, ou ao menos alguma forma de museu, algumas teorias museológicas e algumas práticas museográficas, sejam um instrumento útil e eficaz de informação, de educação, de mobilização, a serviço do desenvolvimento local. (VARINE, 2012, p. 172)

Daí por diante, há uma preocupação em delimitar os modelos que estão interligados ao seu plano de atuação na comunidade, imbricados no uso da Nova Museologia, como ferramenta de desenvolvimento local. Com base nisso, ele se aporta na proposta dos museus de território, e nos museus comunitários. Apresentando as particularidades de gestão e funcionamento desses modelos, com base na governança dada a partir da presença comunitária:

O museu-território é a expressão do território, qualquer que seja a entidade que toma a iniciativa e a autoridade que o controla: associação, mecenas, administração local, instituição científica, agência de desenvolvimento, programa de turismo cultural, etc. Seu objetivo é a valorização desse território e, sob esse ponto de vista, é realmente um instrumento do desenvolvimento em primeiro grau. [...] O museu comunitário é a expressão

---

<sup>80</sup> Processo a ser implementado de antemão num contexto territorial para o qual se planejam ações de desenvolvimento sustentável, com a participação direta da comunidade e das diferentes categorias que a compõem. Intervém em vários níveis: emergência da memória coletiva, inventário da herança e dos recursos do território, catalogação dos bens, definição das ações de desenvolvimento (Tradução minha). “Processus à mettre en place au préalable dans un contexte territorial pour lequel sont prévues des actions de développement soutenable, avec la participation directe de la communauté et des différentes catégories qui la composent. il intervient à plusieurs niveaux: émergence de la mémoire collective, inventaire du patrimoine et des ressources du territoire, catalogue des biens, définition des actions de développement” (VARINE, 2017, p. 294-295)

de uma comunidade humana, a qual se caracteriza pelo compartilhamento de um território, de uma cultura viva, de modos de vida e de atividades comuns. Essa comunidade pode ser composta de várias comunidades. (VARINE, 2012, p. 185 e 189)

Ressalto novamente que, dentro de uma proposta conceitual, o legado do ecomuseu pode ser diferente da proposta do museu comunitário. Frente a isso, apesar das dificuldades de distinção, é possível evidenciar que o museu comunitário/ecomuseu é gerido pela comunidade ou por um conselho formado pelos atores sociais que compõem a administração do espaço/comunidade. Já o museu de território pode ser gerido de forma mista (conjuntamente com a administração pública ou privada) ou singular (pela municipalidade, por exemplo).

Segundo Varine (2012), “diferentemente do museu de território, ele não parte de uma entidade político geográfica, mas de um grupo humano existente, que pode não ter território próprio, ou um território somente virtual.” (p. 189) A partir de uma análise administrativa, temos a legislação da governança do museu comunitário, onde ele parte da independência desses museus, de órgãos públicos ou privados:

O museu comunitário não é um museu municipal ou de algum outro nível de administração: ele não pode depender de uma autoridade, por mais democrática que ela seja. Inversamente, um museu municipal não pode ser plenamente comunitário, salvo com a transformação profunda de seus objetivos e de suas estruturas inclusive de noção de propriedade do patrimônio. (VARINE, 2012, p. 192)

Segundo Varine, o museu comunitário se torna o elemento principal de confluências de pensamentos em torno do que a comunidade reconhecer por patrimônio<sup>81</sup>. Isso iniciado com a sensibilização, os atores sociais delimitam o que os representam, o que está impregnado com as suas memórias afetivas e até mesmo traumáticas.

Fica a indagação quanto a durabilidade do equipamento museológico. Entre vida e morte, esse modelo pode ter uma curta, média ou longa duração, sendo um acontecimento, uma causa ou pode permanecer funcionando permanentemente. Isso depende dos fins a que foi criado perante a comunidade que é responsável pela manutenção de sua existência:

Enfim, o museu comunitário pode morrer: ele corresponde com efeito a um momento na vida da comunidade, quando esta tem necessidade desse instrumento para existir a seus próprios olhos, para pacificar as relações

---

<sup>81</sup> “Esse museu não contém patrimônio, ele é o patrimônio. É um lugar caloroso, um fórum de debates e de contestação. É nesse tipo de museus que nasce e elabora o que creio ser [...] uma museologia da libertação. Pois se trata, na verdade, da libertação a confiança de si, da criatividade, da capacidade de iniciativa, mas também de uma libertação das dependências culturais; consumo, promoção de valores consagrados, poder dos sábios, etc.” (VARINE, 2012, p. 192)

entre seus diferentes componentes, para mobilizar os cidadãos-atores em torno de um projeto de desenvolvimento, para revelar a si mesma sua identidade através da diversidade de seu patrimônio, para se fazer conhecer o exterior, etc. (VARINE, 2012, p. 195)

Durante a realização do I Encontro Internacional de Ecomuseus, Varine destacou algumas notas<sup>82</sup> sobre a Museologia Comunitária, publicadas no anais do evento que ocorreu em 1992, no Rio de Janeiro. Ele fez alusão a esse aspecto na abertura do encontro, após uma visita ao Rio de Janeiro. Nessa publicação, ele explicitou suas preferências terminológicas: “Prefiro falar mais de museu e museologia “comunitária” que de ecomuseu, em todos os casos onde há efetivamente uma população ou populações envolvidas e se espera que participem do processo museológico.” (VARINE, 1992, p. 01)

Concluindo seus apontamentos, há uma preocupação com a formação dos agentes sociais, para além das ações que começam a ser realizadas no Brasil. A formação, até então, limitada a um eixo que permeava o Rio de Janeiro e a Bahia, estariam longe de atender a demanda que Varine apresentará.

A singularidade de um novo projeto museal está expresso nas críticas e comentários que foram tecidos pelos profissionais de museus, no que diz respeito a uma criação sistêmica e enraizada em princípios que se dissolviam, de acordo com a comunidade ou a realidade que fosse encontrada. Trata-se, segundo o autor, de uma espécie de ação curativa para pressupostos ligados a memória e ao patrimônio de uma coletividade/individualidade:

[...] uma colega portuguesa, há muito tempo, ironizou sobre o conceito do ecomuseu e da nova museologia, tratando-os de meta-museologia, podemos entrar aqui no campo da para-museologia, como existe a para-farmácia (produtos vendidos nas farmácias ou nos supermercados, que não são medicamentos, como as vitaminas, os produtos bucais, os cremes de beleza com pretensão curativa) (VARINE, 2012, p. 197)

A dificuldade na disseminação do pensamento museal brasileiro, tomam contornos diversos, incluindo as dificuldade de publicação e divulgação. Varine (2017) traz um panorama nacional das publicações, ao se referir a um de seus livros, onde “infelizmente, a distribuição é muito desigual e os livros raramente estão disponíveis nas livrarias.” (p. 162)

---

<sup>82</sup> “As notas que se seguem foram tomadas durante minha estadia no Rio. De 20 a 23 de maio de 1992, a convite do Secretário de Cultura da Prefeitura do Rio de Janeiro. Dentro de um encontro internacional sobre os Ecomuseus. São uma contribuição ao debate instituído pela prefeitura sobre a criação de um ecomuseu na Zona Oeste no território municipal é um testemunho da minha gratidão por essa oportunidade de conhecer uma problemática de tal interesse.” (VARINE, 1992, p. 01)

(Tradução minha).<sup>83</sup> Ele ressalta os obstáculos para a divulgação e a popularização dos estudos museológicos, em detrimento de um afunilamento das publicações que ganham um status de visibilidade e prestígio nas grandes livrarias ou até mesmo nas universidades:

Ao publicar meu livro “*As Raízes do Futuro*”, da Editora Medianiz, descobri que a difusão, no Brasil, se dava mais por intervenções públicas do autor em museus ou universidades, ou pelo público nos círculos interessados, apenas pelas livrarias generalistas, que são pouco além, e pelas redes sociais. (VARINE, 2017, p. 162) (Tradução minha)<sup>84</sup>

Partindo do surgimento das experiências voltadas para a Nova Museologia no Brasil, temos o que Varine determina como as “pioneiras” desse segmento. De acordo com suas análises, com base em experimentos realizados na Bahia e no Rio de Janeiro na segunda metade do século XX, evidenciam-se os trabalhos da professora Maria Célia Teixeira Moura Santos no Museu Didático-Comunitário de Itapuã-BA e de Maria de Lourdes Parreiras Horta e suas atividades educativas no Museu Imperial, em Petrópolis-RJ. Além disso, ele destaca a criação do núcleo que originaria o Ecomuseu Comunitário de Santa Cruz, no Rio de Janeiro- RJ:

A partir do mesmo período os projetos da NOPH em Santa Cruz (RJ). [...] Maria Célia Moura Santos da Universidade Federal de Salvador (BA), divulgou novas ideias. [...] Maria de Lourdes Parreira Horta, então diretora do Museu Imperial de Petrópolis, desenvolveu uma teoria e prática da educação patrimonial e acompanho muitos projetos de campo baseados na comunidade, do Norte ao Sul do país. (VARINE, 2017, p. 141-142) (Tradução minha)<sup>85</sup>

Varine, ao ser indagado sobre as dificuldades de classificação dessas experiências na América Latina, apresenta uma importante reflexão:

Existem na América Latina, e no Brasil, um grande número de museus comunitários, alguns dos quais levam o nome de ecomuseu, porque seus fundadores assim os designaram. Em termos brasileiros, os ecomuseus, museus de favelas, os museus indígenas, muitos Pontos de Memória, alguns terreiros e certas comunidades afro-brasileiras são museus comunitários. (*In.*: SANTOS JUNIOR, 2017, p. 75)

---

<sup>83</sup> “Malheureusement, la diffusion est très inégale, et le livres sont rarement disponibles em librairie”. (VARINE, 2017, p. 162).

<sup>84</sup> “Lors de la publication de mon livre “*As Raízes do Futuro*” par l’Editora Medianiz, je découvris de l’auteur dans des musées ou des universités, ou encore par la “rumeur publique” dans les milieux interessés, que par les librairies généralistes, qui sont d’ailleurs peu nombreuses, et par les réseaux soxiaux.” (VARINE, 2017, p. 162).

<sup>85</sup> “De la même époque datent les premiers projets du NOPH à Santa-Cruz (RJ). [...] Maria Célia Moura Santos à celui de l’Université fédérale de Salvador (BA), faisaient circuler les idées nouvelles. [...] Maria de Lourdes Parreira Horta, alors directrice du Museu Imperial de Petrópolis, élaborait une théorie et une pratique de l’éducation patrimoniale et accompagnait de nombrex projets de terrain à dimension communautaire du Nord au Sud du pays.” (VARINE, 2017, p. 141-142)

O campo museológico brasileiro começa a rever suas posturas e houve uma expansão<sup>86</sup> significativa nas últimas duas décadas com uma proliferação de experiências de museus comunitários. Varine conclui informando sobre a denominação dos museus: “Desde esses pioneiros, houve uma explosão de museologia comunitária, às vezes associada ao nome de ecomuseu, mas em qualquer caso diretamente inspirada na ecomuseologia.” (VARINE, 2017, p. 142) (Tradução minha)<sup>87</sup> Dessa forma, temos que evidenciar a sua importância, diante do impacto do seu pensamento na proliferação de novas iniciativas ecomuseológicas e a sua posterior expansão. Nesse aspecto deve ser ressaltada a realização do I Encontro Internacional de Ecomuseus em 1992. Devo portanto trazer aqui a reflexão de Mario Chagas e Inês Gouveia sobre o evento:

Muito mais importante, em nosso ponto de vista, foi a Eco-92 e o I Encontro Internacional de Ecomuseus, realizado em maio de 1992, no Rio de Janeiro, que, diga-se de passagem, não teve a preocupação formal de produzir uma carta ou uma declaração, ainda que tenha produzido um livro que registra a memória do Encontro. Foi durante esse Encontro, que contou com expressiva presença de profissionais do Canadá, da França, de Portugal e do Brasil, que o Ecomuseu de Santa Cruz, no Rio de Janeiro, reconheceu-se e foi reconhecido como tal; foi esse mesmo Encontro que inspirou um conjunto de reuniões, organizadas pela Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), que, por sua vez, estimularam vários outros processos museais, entre os quais se inclui o Museu da Limpeza Urbana, na comunidade do Caju, no Rio de Janeiro; o referido Encontro também foi decisivo para a criação de um programa de intercâmbio entre Portugal e Brasil, especialmente focado no campo dos museus e da museologia e que até hoje continua tendo desdobramentos e apresentando resultados. A partir de 1994 professores brasileiros começaram a contribuir com a formação de novos profissionais em Portugal, primeiramente ao nível de especialização e em seguida ao nível de mestrado e doutorado. (CHAGAS e GOUVEIA, 2014, p. 13-14)

---

<sup>86</sup> No Brasil, de acordo com o site da Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários – ABREMC, [www.abremc.com.br](http://www.abremc.com.br), existem 21 (vinte e uma) experiências de ecomuseologia em processo, diz-se em processo, em função de não existir um modelo organizacional pré-estabelecido para estes novos museus. Portanto, cada comunidade constrói seu museu a partir de suas especificidades e respeitando o seu tempo e ritmo, são eles: “• Ecomuseu de Itaipu – PR; • Museu Didático-Comunitário de Itapuan – BA; • Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro – Santa Cruz/RJ; • Museu Comunitário dos Ticuna – AM; • Projeto Quarta Colônia / CONDESUS – RS; • Museu Comunitário Mãe Mirinha de Portão – BA; • Ecomuseu do Ribeirão da Ilha – SC; • Ecomuseu da Picada – RS; • Museu Vivo do Folclore – São José dos Campos – SP; • Ecomuseu do Cerrado – GO; • Ecomuseu da Ilha da Pólvora – RS; • Museu Treze de Maio – Santa Maria – RS; • Museu Comunitário dos Trabalhadores da Limpeza Urbana de Porto Alegre – RS; • Ecomuseu da Serra de Ouro Preto – MG; • Museu da Maré – RJ; • Ecomuseu dos Caminhamentos do Sertão – Brasília/DF; • Ecomuseu da Amazônia – PA; • Ecomuseu de Maranguape – CE; • Ecomuseu de Manguinhos – RJ; • Ecomuseu da Ilha Grande – RJ; • Ecomuseu de Itabirito – MG” (OLIVEIRA, 2009, p. 34). Mas de acordo com a dissertação da pesquisadora Suzy da Silva Santos, há uma ampliação do número de iniciativas, onde ela elaborou um levantamento que listou “[...] 196 ecomuseus e museus comunitários em todo o território brasileiro.” (2017, p. 199)

<sup>87</sup> “Deuis ces pionniers, on a constate une explosion de la muséologie communautaire, parfois associée au nom d’ecomusée, mais em tout cas directement inspirée par l’ecomuséologie.” (VARINE, 2017, p. 142)

Diante da participação de representantes de diversos países, trazendo apontamento e reflexões acerca da suas experiências, destaco não apenas a importância de Hugues de Varine, mas também de outros pensadores que após o encontro estreitaram laços com o Brasil. Onde enfatizo a as ações do professor Mario Moutinho, que passa a disseminar eventos, parcerias e convênios com o campo museológico brasileiro mediante a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia em Lisboa, Portugal. Trajetória e pensamento impactante no Brasil que também merece ser investigado.

### 3.2 A configuração de novos museus: execução de uma nova prática museal no Brasil

“Não é necessário dizer mais uma vez quão imenso é este país, quantos contrastes existem entre grande riqueza e grande pobreza, entre violência e solidariedade. Basta ouvir a mídia para saber que ela faz parte dos "países emergentes", ao lado da Índia, da China e de várias outras grandes potências do futuro. Porque é nesses países, e especialmente no Brasil, apesar de todos os problemas e de todas as injustiças, que o futuro do planeta é feito. Mas fique vivo. Aqui, novamente, o Brasil mostra o caminho e traz uma museologia própria.”  
(VARINE, 2017, p. 142-143) (Tradução minha)<sup>88</sup>

O Brasil com toda sua extensão territorial, apresenta detalhes e características culturais das mais variadas formas e expressões. No fim do século XX e nos primeiros anos do século XXI, o país vem experimentando novas configurações e formas de pensamento que tem contribuído para uma perspectiva de mudança no pensamento museológico contemporâneo. Esse protagonismo traz à tona grupos, agentes e personagens até então silenciados, o que para muitos é delimitado pela valorização da história e memória das minorias nem sempre numéricas<sup>89</sup>. Nesse contexto de transformações, é importante destacar a presença de Hugues de Varine desde a década de 1980, na interface com profissionais brasileiros e diferentes comunidades, na criação de novos museus que serviriam de contraponto à maioria das práticas museológicas que predominava até o momento.

Ainda atualizados pelas recomendações da Mesa Redonda de Santiago do Chile, os trabalhos que surgem numa primeira explanação sobre a implantação de ecomuseus e museus

---

<sup>88</sup> “Il n’est pas nécessaire de dire une fois de plus combien ce pays est immense, combien il est fait de contrastes entre la grande richesse et la grande pauvreté, entre la violence et la solidarité. Il suffit d’écouter les médias pour savoir qu’il fait partie des <<pays émergents>>, aux côtés de l’Inde, de la Chine et de plusieurs autres grandes puissances de demain. Car c’est dans ces pays, et notamment au Brésil, malgré tous les problèmes et toutes les injustices, que se fabrique l’avenir de la planète. Mais restons vivants. Ici encore, le Brésil montre la voie et fait émerger une muséologie qui lui est propre.” (VARINE, 2017, p. 142-143)

<sup>89</sup> Aqui abre-se a possibilidade de estudo e valorização da memória de comunidades indígenas, afro-brasileiras, LGBTI, favelas e etc.

comunitários no país, podem ser evidenciados no I Encontro Internacional de Ecomuseus, no Rio de Janeiro. Na oportunidade, os debates se concentrariam na cidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de criar um ecomuseu no bairro de Santa Cruz, em 1992. Naquele momento, a Museologia já contava com a grande contribuição de George Henri Rivière, que havia falecido, sendo um dos grandes responsáveis pela disseminação do legado do ecomuseu e da Nova Museologia, juntamente com Varine. Todavia, é importante destacar que em 1987 o Ecomuseu de Itaipu surge como “pioneiro”<sup>90</sup> das ações que vinham sendo implementadas desde a divulgação da declaração produzida em 1972. No momento em que foi direcionada a fala sobre a experiência da implantação do ecomuseu no Paraná, Fernanda Camargo-Moro apontou para o olhar estrangeiro e como Rivière se sentiria se estivesse presente no evento:

O “velho” estaria muito contente neste seminário, iria ver René, Hugues, Mário, todas as pessoas que ele sempre amou trabalhando para construir um ecomuseu no lugar que ele dizia “mas o Brasil é um ecomuseu enorme, ele se divide em milhões de filhotinhos de ecomuseus”. (CAMARGO-MORO, 1992, p. 33)

Em meio a essas transformações, surgiram questionamentos que dificultavam o trabalho dos pesquisadores e gestores da Nova Museologia. A preocupação com o protagonismo dos atores locais, já era um questão problematizada por Fernanda Camargo-Moro (1992), quando fala em relação ao trabalho de Itaipu: “temos que ser transparentes no trabalho, quando nós ligamos na comunidade, quando fazemos esta inserção no poder, mas temos que ser invisíveis, não podemos criar uma cara irretocável que se diga que quando fulano e beltrano largarem, o museu deixa de existir.” (p. 35) Em suas considerações, ela conclui que “o ecomuseu tem que fazer com que a comunidade seja imprescindível no seu trabalho, mais que o consultor”. (CAMARGO-MORO, 1992, p. 35). Na verdade, até hoje ainda há uma escassez de investigações que visem um estudo aprofundado da relação consultor e comunidade.

Pensando nisso, em janeiro de 2017 realizei uma entrevista com Hugues de Varine visando mapear os projetos em que ele prestou consultoria, com o intuito de identificar os anos e as ações que foram desenvolvidas. Ele especificou que as “missões”, em questões de temporalidade, “[...] foram geralmente curtas, entre três dias e umas semana no campo. Elas foram seguidas por contatos frequentes via internet [...]”. Dessas, algumas passaram por processos variados de atuação do consultor:

---

<sup>90</sup> Aqui devo destacar o trabalho da psiquiatra Nise da Silveira, que nos anos 50 empreendeu um trabalho de conscientização e valorização da produção da arte contemporânea a partir da terapia ocupacional, sendo responsável pela criação do Museu de Imagens do Inconsciente.

- Ecomuseu de Itaipu, Foz do Iguaçu (PR) – de 1987 a 2010 – missão de acompanhamento da evolução do ecomuseu desde a sua criação, implantação do Programa « Cultivando Agua Boa », relação com o lado paraguaio (Museu da Terra Guarani);
- Ecomuseu da Santa-Cruz (Rio de Janeiro) – de 1992 a 2012 – participação dos Encontros Nacionais (Jornadas de Ecomuseologia, 2009) e Internacionais (II e III EIEMC 2000 e 2004), mobilização dos agentes econômicos;
- Ecomuseu da Serra de Ouro Preto (MG) – 2008-2012 – Organização do Ecomuseu, metodologia de inventário do patrimônio, integração do ecomuseu na rede de museus e sítios do patrimônio de Ouro Preto e da Bacia do Ouro, criação de um parque arqueológico;
- Ecomuseu da Amazônia, Belém (PA) – 2009-2012 – Organização do Ecomuseu, dinâmicas de micro-desenvolvimento e de micro-economia nos diversos territórios do ecomuseu, preparação do IV EIEMC, método de inventário, aplicação de cursos de capacitação, promoção do artesanato de bases tradicionais;
- Rio Grande do Sul – 1992-2012 – visitas quase todos os anos para consulta em diversos sites: Rio dos Sinos, Picada Café, Quarta Colônia, Porto Alegre (Orçamento Participativo e Lomba do Pinheiro), São Miguel das Missões, Pelotas.

Além desses trabalhos, Varine me informou que foram realizadas algumas pequenas intervenções no Brasil e no continente europeu:

- Fundação Oswaldo Cruz – 1994 – relação da Fundação com as favelas vizinhas;
- Organização e acompanhamento de uma viagem de estudos de ecomuseólogos brasileiros em alguns ecomuseus da Europa (2011);
- Apoio à criação da Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (ABREMC).

Todos as consultorias produziram textos que analisavam o processo de instalação das instituições museais a qual Varine esteve presente, apontando uma singularidade<sup>91</sup> de

---

<sup>91</sup> “Porque eu nunca quis dar conselhos ou fingir orientar os projetos: Eu queria manter o meu lugar estrangeiro ou de observador participante, os atores locais que decidiriam o que queriam e poderiam fazer a partir deles mesmos. Meus relatórios são realmente notas de visitas que contêm minhas reações subjetivas e questões que eu observava a partir dessa experiência. Eu creio que a minha presença ocasional lá e meu apoio permanente à

território para território. O seu trabalho como consultor internacional de desenvolvimento, possibilitou uma ampliação das ações no Brasil, bem como influenciou o pensamento de pesquisadores que disseminaram as práticas marcadas por diversas interpretações sobre ecomuseus/museus comunitários. Com o intuito de analisar algumas dessas ações, decidi por escolher quatro experiências museológicas (Itaipu-PR, Santa Cruz-RJ, Serra de Ouro Preto-MG e Amazônia-PA) em que Varine esteve presente na criação e continuou com suas consultorias nos primeiros anos de funcionamento.

Em outras partes do mundo, o observador dos ecomuseus levanta automaticamente a questão do grau de participação da população. No Brasil (como, aliás, provavelmente em muitos países da América Latina, mas eu não sei o suficiente sobre eles), a participação dos habitantes na decisão e na ação que lhes dizem respeito é natural e espontânea. Como em toda parte, a grande política e a macroeconomia permanecem nas mãos dos poderosos e dos cientistas, mas nos territórios as pessoas estão prontas para dar sua opinião, assumir riscos, envolver-se pessoalmente. (VARINE, 2017, p. 145)<sup>92</sup>

Cabe ressaltar que cada experiência tem peculiaridades que as diferenciam umas das outras. Cada uma apresenta uma subjetividade de ação comunitária, voltada para a formação e o objetivo para que estaria se implantando um ecomuseu/museu comunitário. Assim, é necessário analisar como foi que se deu o processo de apropriação das ideias de museologia comunitária e quais os agentes que estavam ligados na intersecção entre consultor e atores locais. A partir daqui, analisarei as consultorias de Varine através de algumas publicações, em sua maioria, escritas pelas mulheres que deram segmento aos trabalhos nas quatro experiências museológicas selecionadas.

### **Ecomuseu de Itaipu (Paraná)**

“Itaipu foi um caso inovador,  
onde o fundador foi

---

distância ajudou a abrir perspectivas diferentes para os líderes de projetos e programas locais. Eu também estava trazendo experiência internacional e contatos muitas vezes úteis, não como modelos, mas como referências.” VARINE, Hugues de. Entrevista concedida a Roberto Fernandes dos Santos Junior. França, 22 jan. 2017.

<sup>92</sup> “Ailleurs dans le monde, l’observateur des écomusées se pose automatiquement la question du degré de participation de la population. Au Brésil (comme d’ailleurs probablement dans de nombreux pays d’Amérique latine, mais je ne les connais pas assez pour en parler), la participation des habitants à la décision et à l’action qui les concerne est naturelle et spontanée. Comme partout, la grande politique et la macro-économie restent aux mains des puissants et des savants, mais dans les territoires les gens sont prêts à donner leur avis, à prendre des risques, à s’impliquer personnellement.” (VARINE, 2017, p. 145)

uma entidade pública ou privada  
(município, empresa, fundação)  
que pretendia e pôde  
responder às necessidades da comunidade  
e servir de instrumento de desenvolvimento.”  
(VARINE, 1989, p. 1).

O Ecomuseu de Itaipu foi a primeira instituição museológica que teve consultoria e participação ativa de Hugues de Varine. Pensado inicialmente para funcionar como um museu tradicional, com a proximidade entre Fernanda Camargo-Moro, Hugues de Varine e George Henri Rivière, a proposta passa a ser pensada pelo viés teórico da Nova Museologia. O pressuposto era uma mudança no que vinha sendo elaborado pela empresa Itaipu Binacional, que tratava a criação do museu como política de redução aos danos que seriam causados com a inundação de áreas atingidas pela barragem da hidroelétrica.

O marco inicial das ações de Varine no Brasil, até os dias atuais, serve de reflexão para a forma como se procedeu a sua constituição em meio ao cenário museal. Visto como “caso inovador”, a sua continuidade enfrentaria a crítica de outras instituições e agentes do campo museal, por conta da sua estrutura tradicional com um discurso de inovação. Exemplo dessas problematizações é o questionamento da professora Maria Célia Teixeira Moura Santos:

Sou da Universidade Federal da Bahia. Fernanda, na sua experiência de Itaipu, eu gostaria que você me respondesse o seguinte: A maior dificuldade que temos em um projeto de ecomuseu, é sairmos de uma atitude paternalista de preservação e passarmos para uma proposta de apropriação do fazer cultural, que é próprio daquela comunidade. Estamos dentro de uma usina, daquele contexto, de uma proposta que vem de cima pra baixo, como vocês conseguiram que este crescimento da própria comunidade se desse? Um dos grandes riscos destes projetos de ecomuseu é que muitas vezes são manipulados pelo poder público ou pela própria empresa que está propondo. Como vocês conseguiram conciliar está coisa naquela experiência de Itaipu? (SANTOS, *In.* CAMARGO-MORO, 1992, p. 46).

A própria Fernanda coloca o ecomuseu em vias de dúvida quando ela respondeu em que tipologia ele se enquadrava na lógica de organização dos museus.

Se alguém me perguntar se é um ecomuseu, digo que sim, depois perguntam qual é a especialidade dele, digo que é um ecomuseu que tem linhas de ciência e tecnologia, de história regional, de museu etnográfico, porque para representar aquela comunidade, estas linhas todas apareceram, trabalhos foram feitos com todos os segmentos, com todas as idades. [...] Certos ecomuseus me assustam, principalmente certos projetos que aparecem que abrem mão da pesquisa. (CAMARGO-MORO, 1992, p. 36-37)

Muito pouco se foi publicado em relação ao Ecomuseu de Itaipu. Durante o levantamento fui conduzido a alguns textos que discorrem de forma generalizada o que foi ou como se deu a criação do museu e seu território de atuação. Mas o que é bem perceptível é a ausência da participação efetiva da comunidade no processo de estruturação do processo que constituiria o ecomuseu. Afinal de contas, estamos tratando de um museu que foi criado para fins de compensação de danos ambientais. De acordo com Mascarenhas e Castanha (2012), “o objetivo do Ecomuseu é mostrar a área de abrangência do reservatório de Itaipu, englobando os bens de interesse científico, cultural e tecnológico.” (p. 11-12).

Dessa forma, vemos que a instituição considerada como modelo de ação enfrentaria um problema identitário com a própria corrente teórica a qual, a partir da sua nomenclatura, estaria inserido. Vemos que não houve um contato comunitário para que a sua vontade tivesse acima de qualquer interesse institucional. Com isso, nota-se a primeira inconsistência teórica, pois diante dos estatutos, o Ecomuseu de Itaipu se enquadraria na categoria de Museu de Território, já que a gestão do aparelho museal é gerenciada por uma empresa, o que Varine descreve como uma “vontade política”<sup>93</sup> da Itaipu Binacional:

A ideia inicial era um museu no sentido tradicional corrente no período. A museóloga Fernanda Moro (1987), no entanto, ao ser contratada por Itaipu para a criação do plano diretor do novo museu, trouxe o que ia ao encontro das necessidades mitigadoras de impacto socioambiental que a empresa vinha propondo: a museologia social/nova museologia. Segundo Fernanda Moro (1987), O potencial do diálogo entre o homem e o meio ambiente desta região de Itaipu, a possibilidade de uma leitura profunda e em várias etapas da história da região desde a história geológica, até a antropologia, a ciência, a tecnologia, passando pela história biológica, pela interpretação arqueológica e pela história industrial, bem como toda a história das diversas comunidades que ali se radicaram, foram alinhadas a um programa de preservação e educação informal, formal e não-formal no projeto proposto para o Ecomuseu de Itaipu, primeiro no gênero no Brasil e América do Sul. O Ecomuseu de Itaipu foi idealizado para atuar, segundo as palavras da museóloga, como “um organismo suscetível e predisposto a participar do desenvolvimento e organização cultural da região”. Não se tratava de um museu comunitário que havia sido idealizado e criado a partir da comunidade, mas, antes disso, se tratava de um modelo museológico escolhido por Itaipu para envolver a comunidade em processos de

---

<sup>93</sup> “[...] que é devido à vontade política da concessionária da represa de Itaipu, é o primeiro museu ecológico brasileiro (1985) e, embora não devido à mobilização inicial da comunidade, tem dedicado a obter essa mobilização, para acompanhar as mudanças trazidas pela criação da represa na ecologia, na economia e no modo de vida dos habitantes de um território enorme (a parte brasileira da bacia hidrográfica do Rio Paraná, em mais de 150 km de norte a sul)”. (VARINE, 2017, p. 149). (Tradução minha). “[...] qui est dû à la volonté politique de l’entreprise concessionnaire du barrage d’Itaipu, est le premier écomusée brésilien (1985) et, s’il n’est pas dû à une mobilisation communautaire initiale, il s’est largement consacré à obtenir cette barrage dans l’écologie, l’économie et le mode de vie des habitants d’un énorme territoire (la partie brésilienne du bassin du Rio Parana, sur plus de 150 km du nord au sud).” (VARINE, 2017, p. 149)

identificação e apropriação do patrimônio integral de seu território. (RIBEIRO e MOREIRA, 2014, p. 291).

Com o intuito de integrar a comunidade em processos de “apropriação do patrimônio”, é evidente a intenção da entidade privada no que diz respeito a função dos indivíduos/atores sociais nesse processo. Passaram-se trinta anos para que surgisse um programa que atendesse uma demanda social e se visualiza um trabalho que tenta solucionar as falhas empreendidas com as ausências impostas por um plano que não visava um estudo e inserção do entorno. Suzy Santos (2017), aponta que a partir da criação da Rede Regional de Museus, surgiu uma maior apropriação comunitária.

A participação comunitária sempre apresentou-se como um desafio para o ecomuseu, o que vem sendo solucionado, em parte, pela criação da Rede Regional de Museus, Memória e Patrimônio Natural e Cultural (2008), que contribui para a articulação do Ecomuseu com os municípios da Bacia Paraná 3 (Unidade Hidrográfica do Paraná 3). (SANTOS, 2017, p. 220)

O próprio Varine também destaca as transformações nas práticas do ecomuseu, visando uma maior relação com a comunidade:

É importante mencionar o notável trabalho da Itaipu Binacional por trinta anos para acompanhar o desenvolvimento da represa da Grande Itaipu no Paraná, na fronteira com o Paraguai. Originalmente, um ecomuseu foi criado para gerenciar "pedagogicamente" o impacto dessa represa na população e no meio ambiente. Mais recentemente, o programa expandiu-se consideravelmente, sempre no mesmo espírito, mas aplicado ao tema da água, com o projeto plurianual "Cultivando Água Boa" (atuando juntos para uma boa água). (VARINE, 2017, p. 156) (Tradução minha).<sup>94</sup>

Existe uma controvérsia nos casos em que os ecomuseus não são geridos pela comunidade e, alguns autores, preferem reconhecê-los como “falsos ecomuseus”. Suzy Santos (2017) apresenta essas características citando André Desvallées: “os ecomuseus que não são geridos pela população são “falsos ecomuseus” (p. 221). A noção de gestão comunitária deve ser relativizada, já que é improvável toda uma comunidade ter disponibilidade para participar de um ecomuseu ou museu comunitário”, concluindo que geralmente existem algumas lideranças “que tomam a iniciativa e atuam como representantes das coletividades, o que pode ser rotativo entre várias, e em alguns momentos as dificuldades de articulação com a comunidade serem mais evidentes.” (p. 221)

---

<sup>94</sup> “Il faut surtout signaler le travail remarquable d’Itaipu Binacional depuis trente ans pour accompagner l’aménagement du grand barrage d’Itaipu sur le Parana à la frontière du Paraguay. A l’origine, un écomusée avait été créé pour gérer “pédagogiquement” l’impact de ce barrage sur la population et sur l’environnement. Plus récemment, le programme s’est fortement élarggi, toujours dans le même esprit, mais applique au thème de l’eau, avec le projet pluriannuel “Cultivando Água Boa” (agir ensemble pour une bonne eau).” (VARINE, 2017, p. 156)

Na verdade, é importante dissociar os ecomuseus e os museus comunitários. Além disso, no Brasil, há um quantitativo significativo de iniciativas museais que não devem ser consideradas como ecomuseu ou museu comunitário, tendo em vista, como já foi explicado anteriormente, a existência de uma política de apropriação de aparelhos museológicos comunitários, para fins e usos diversos não só na promoção de legados institucionais, como também na inserção de prefeituras que gerenciam espaços museais, alguns desses casos gerando conflitos no processo de gerenciamento e gestão desses espaços.

Nesse aspecto, devo fazer uso do trabalho de German Sterling (2011), para ressaltar a convergência da ideia da implantação do Ecomuseu de Itaipu enquanto expoente de uma prática museográfica “inovadora” em relação ao seu público. “Entre a escrita e a leitura museográfica, surgem diversas interpretações que nem sempre coincidem com as pretendidas pelo autor [Hugues de Varine]” (p. 116) Diante disso, o autor destaca as reflexões dispostas pelos visitantes em interpretar o ecomuseu como um “museu de história natural” ou um “museu ecológico” indo contra o “[...] sentido trabalhado por Hugues de Varine, que vai na contramão dos museus tradicionais” (p. 116). Por fim, o autor faz uma reflexão crítica, em torno da terminologia “ecomuseu”, e as interpretações que são feitas em relação ao seu uso na atualidade. Pois, “[...] já completa quatro décadas da existência, e que para muitos ainda é percebido como um neologismo, uma novidade” (p. 116).

No caso do Ecomuseu de Itaipu, ele não é um museu comunitário. Todavia, ao longo do tempo se tornou uma instituição museal que realiza algumas ações com a comunidade. Isabela Moreira e Tatiara Ribeiro (2014), destacam uma série de ações que foram realizadas pelo Ecomuseu de Itaipu com a comunidade. Listadas abaixo:

- Simpósio “Museu face ao impacto ambiental”
- 1988: abordagem da importância da efetivação da função social e atuação comunitária do museu;
- Verão 90, 1990: trabalho da equipe do Ecomuseu nas praias do reservatório de Itaipu com conceitos patrimoniais e de museologia comunitária.
- Museu vai à escola, 1991: trabalho de aproximação do museu com as escolas municipais de Foz do Iguaçu destacando a importância do museu no enriquecimento de conteúdos de sala de aula e da preservação da memória;
- Primeiro encontro de museus da área do reservatório de Itaipu, 1994;
- Oficinas técnicas de Museologia, 1996: abordagem de temas como conservação, manutenção, documentação, exposição e dinamização cultural em museus;

- “Olho da terra: panorama das manifestações artísticas e culturais da área do reservatório de Itaipu”, 1996.
- Exposições itinerantes e temporárias;
- Feira de Ciências com alunos de primeiro e segundo graus de escolas públicas; • Oficinas de criatividade com realização mensal;
- Práticas educacionais interativas com alunos da rede de ensino, com objetivo de divulgar as práticas experimentais de laboratório como instrumento pedagógico;
- Curso “Descubra o Ecomuseu como instrumento didático”: curso mensal realizado com professores da rede de ensino da área do reservatório de Itaipu.

Isso para demonstrar que, apesar de não ser um museu comunitário, as orientações de Varine contribuíram para que desse frutos naquela comunidade. Mesmo que o ecomuseu não assuma todas as diretrizes fundamentais para o gerenciamento comunitário e participativo, por conta do seu domínio vinculado a uma empresa, ele ainda aporta em princípios básicos de interação com o seu entorno.

### **Ecomuseu Comunitário de Santa Cruz (Rio de Janeiro)<sup>95</sup>**

“Santa Cruz é um caso específico de comunidade que tenta aplicar realmente princípios tão radicais e sem concessões, fiel à necessidade de libertação cultural e ao direito de ela própria escolher o modo de criar e gerenciar esse museu.”  
(PRIOSTI, 2010, p. 61).

Pensar no ecomuseu como ferramenta de resistência comunitária é vislumbrar o papel social que os especialistas da Mesa Redonda de Santiago do Chile propuseram na declaração produzida naquele evento. O Ecomuseu Comunitário de Santa Cruz é o primeiro ecomuseu que nasce a partir de uma proposta analisada em um evento internacional. Nesse caso, temos um esforço de órgãos governamentais (Prefeitura e Secretaria Municipal de Cultura, Turismo

---

<sup>95</sup> Diante dos conflitos que permearam a criação do museu, durante as pesquisas nota-se que durante o tempo a instituição passou por mudanças de nomes ou interpretações, no que identifiquei: Ecomuseu Comunitário de Santa Cruz, Ecomuseu de Santa Cruz, Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro de Santa Cruz, Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro, Ecomuseu do Matadouro.

e Esporte do Rio de Janeiro), para que seja criado<sup>96</sup> um museu na zona oeste da cidade com o intuito de angariar atores sociais que pudessem dar segmento a proposta apresentada no I Encontro Internacional de Ecomuseus. Pensar no que foi explanado sobre Itaipu, é ver que Santa Cruz também inicia seu trabalho de forma contraditória com o que estava sendo produzido teoricamente.

Nutrir uma proposta como essa, levaria a uma certa inclinação a conflitos e divergências por parte do poder público e da comunidade. O caso de Santa Cruz dispõe de uma vasta possibilidade de pesquisa, porque é a partir dali que surge a proposta da “Museologia da Libertação”. O trabalho de conscientização e valorização já acontecia desde a década de 1980 naquela região, estruturado por uma linha de pesquisa histórica, que leva a entender a história da formação do bairro de Santa Cruz. Varine no seu último livro apresenta os conflitos que foram gerados pelo afastamento da comunidade no processo de criação do ecomuseu:

O exemplo do Ecomuseu de Santa Cruz é característico: o município como diretor do ecomuseu, a comunidade e mais particularmente a NOPH, que esteve na origem da criação e o principal ator deste ecomuseu, foram deixado de fora. Isto levou a uma situação paradoxal: o ecomuseu municipal é uma concha vazia, enquanto a NOPH continua a operar "seu" ecomuseu na continuidade dos últimos trinta anos. (VARINE, 2017, p. 158) (Tradução minha)<sup>97</sup>

Isso nos leva a uma reflexão sobre a questão política que envolve a maioria das instituições museais no Brasil. Pensar nesse caso é levar em consideração um aspecto indispensável da gestão museológica que é a manutenção e o financiamento das atividades básicas para o funcionamento dessas instituições. Temos, portanto, um jogo de interesses que permeia as trocas simbólicas e monetárias entre poder público e comunidade. Em Santa Cruz, temos uma instituição privada, Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica de Santa Cruz (NOPH), que dá segmento as atividades relativamente comunitárias, enquanto o ecomuseu com sede no Palácio Princesa Isabel, recebe verba para funcionamento, mas que não entra em diálogo com sua comunidade. Isso se agrava ao analisar as questões ligadas à mudança de

---

<sup>96</sup> O ecomuseu foi criado em 1995, conforme informação disponível no site: <http://www.ecomuseusantacruz.com.br/>. Já de acordo com Cláudia Silva (2013), que foi a partir da “[...] Lei Municipal de 1993 que criou oficialmente o ecomuseu”. (p. 104)

<sup>97</sup> “L'exemple de l'Ecomuseu de Santa-Cruz est caractéristique: la municipalité de Rio de Janeiro ayant décidé de nommer un fonctionnaire municipal comme directeur de l'ecomusée, la communauté et plus particulièrement le NOPH, qui était à l'origine de la création et le principal acteur de cet écomusée, ont été laissés de côté. Cela a entraîné une situation paradoxale: l'ecomusée municipale est une coquille vide, tandis que le NOPH continue de faire fonctionner “son” écomusée dans la continuité des trente dernières années.” (VARINE, 2017, p. 158)

prefeito e secretários que ocorre de quatro em quatro anos, levando a uma polarização da prática museológica:

Esta é uma área onde, em minha opinião, os museus comunitários brasileiros são muito fracos e, portanto, frágeis. Se o museu é municipal, seu presente e futuro dependem de mudanças políticas que ocorrem a cada 04 anos. É então regulamentado por uma "lei municipal", que não reconhece realmente a iniciativa e a participação da comunidade. (VARINE, 2017, p. 158). (Tradução minha)<sup>98</sup>

Aqui é importante refletir sobre a gestão do ecomuseu. Pautado na governança de um órgão público, mas que apresenta uma particularidade, pois ao pensar a ação do NOPH, visualiza-se a abertura de um ato de resistência a administração municipal em relação á exclusão da comunidade. Dessa forma, temos um dos maiores propagadores da vertente da Nova Museologia com a produção de eventos e projetos<sup>99</sup> nacionais e internacionais. Temos então o “[...] alargamento internacional de perspectivas, mas também e, sobretudo a um verdadeiro efeito de intercâmbio e cooperação entre um número crescente de projetos locais” (VARINE, 2017, p. 161) (tradução minha)<sup>100</sup> Ficando sob responsabilidade do Ecomuseu de Santa Cruz, a responsabilidade de ser o polo fundador da Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários-ABREMC.

Uma das principais potencialidades da comunidade que compõe o Ecomuseu de Santa Cruz, está diretamente relacionado ao seu poder de questionamento frente ao contexto social e cultural em que eles estão inseridos, mediante o embate permeados pela reflexão entre o comunitário e o tradicional, mediante o fenômeno de um afastamento das comunidades de favela<sup>101</sup> para a zona oeste do Rio.

---

<sup>98</sup> “C’est est un domaine où, à mon avis, les musées communautaires brésiliens sont très faibles et donc fragiles. Si le musée est municipal, son présent et son avenir dépendent de changements politiques qui interviennent tous les 4 ans. Il est alors régi par une <<loi municipale>>, qui ne reconnaît pas vraiment l’initiative et la participation de la communauté.” (VARINE, 2017, p. 158)

<sup>99</sup> “No Rio de Janeiro, em Santa Cruz, sob a liderança do Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro, também conhecido como Ecomuseu Comunitário de Santa Cruz, essa forma de gestão tem sido realizada em importantes projetos, entre os quais podemos citar o II Encontro Internacional de Ecomuseus, em 2000, o Desfile da Escola de Samba Mirim Unidos da Resistência Cultural (2001), o processo do Inventário Participativo (a partir de 2003), o III Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários, em 2004, o enredo da Escola de Samba Acadêmicos de Santa Cruz em, 2004 sobre a História Local, a edição ininterrupta do Jornal Quarteirão (15 anos), a realização anual da Semana de Santa Cruz, a Fundação da ABREMC, a realização de Oficinas destinadas a membros da comunidade (2005/2006), tais como Conservação Preventiva, Museologia Comunitária e Ações Pedagógicas ligadas aos temas Patrimônio e Comunidade (Projeto Pastas Pedagógicas), a Feira da Cultura Viva, e, mais recentemente, os 440 anos de Santa Cruz”. (PRIOSTI e MATTOS, 2007, p. 07)

<sup>100</sup> “[...] ouverture internationale et un élargissement des perspectives, mais aussi et surtout un réel effet d’échanges et de coopération entre un nombre croissant de projets locaux. (VARINE, 2017, p. 161)

<sup>101</sup> No caso de Santa Cruz, a imposição de uma ordem, a remoção das favelas do Rio e a transferência das suas comunidades para a Zona Oeste, criou um contexto de resistência à perda da identidade e da memória das comunidades autóctones, que pode explicar o surgimento do Ecomuseu. (PRIOSTI, 2001, p. 81)

Com isso, essa relação “[...] entre poder e comunidade trazem à discussão diversas questões e entre elas a autonomia do museu, as intervenções urbanas e suas conseqüências, interferindo no patrimônio imaterial ou intangível dessa comunidade.” (PRIOSTI, 2001, p. 77) Sendo que a presença de um núcleo comunitário, e um espaço físico gerenciado pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, aporta inicialmente como ponto gerador de discordâncias e conflitos.

A aproximação entre as duas experiências comunitárias traz para a comunidade de pesquisadores das relações população/espaço urbano constatações importantes que poderão, no futuro, reorientar as intervenções. Um novo confronto, dessa vez entre esse novo museu e o museu convencional, poderá esclarecer a questão da dissociação entre museu e sociedade e a da própria autonomia de uma comunidade, administrando seu patrimônio cultural. (PRIOSTI, 2001, p. 79)

Temos portanto, a criação de discursos e práticas de construção e representação de um ecomuseu, mediante as narrativas e falas da comunidade. Para Silva (2013), esse entendimento se dar “Conforme o *corpus* documental é possível verificar que os próprios agentes constroem as representações sobre o Ecomuseu de Santa Cruz, em praticamente todos os elementos transcritos do *corpus* documental. (p. 100). O fabrico discursivo, passa a demonstrar a presença e atuação de Hugues de Varine, ao levar os membros do NOPH, a uma reflexão acerca do ecomuseu e do museu comunitário. Essas indagações<sup>102</sup> passam a ser reverberadas mediante a publicação do jornal “O Quarteirão”, que passa a ser divulgado e distribuído fazendo uma abordagem acerca das perspectivas que foram debatidas o I Encontro Internacional de Ecomuseus.

Na primeira edição do jornal O Quarteirão há a transcrição de parte do relatório de Hugues de Varine publicado nos Anais do Encontro de 1992, [...] com o título Ecomuseu uma conquista da comunidade. Na mesma edição também são adotadas formas didáticas de informar sobre as novas configurações do Núcleo, com a denominada “O que é ecomuseu?”. O informativo sobre o que é um ecomuseu aparece ao longo de outras edições do periódico O Quarteirão, e nele se transcrevem trechos dos autores Hugues de Varine e Mario Moutinho, talvez na tentativa de promover apropriação e difusão do termo ou mesmo das práticas. Do mesmo modo, é perceptível uma inovação nas narrativas ao longo das demais edições: além de difundir discursos sobre a preservação do patrimônio, o periódico O Quarteirão adota

---

<sup>102</sup> A participação dos membros do NOPH no Encontro e as observações de Varine surtiram efeito já no ano seguinte, em 1993, quando o periódico de divulgação das atividades do NOPH tornou-se, também, informativo das ações do Ecomuseu do Quarteirão. A partir do periódico número um (O Quarteirão) constata-se que o Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica de Santa Cruz adotou a representação de ecomuseu e passou a divulgar representações que estivessem de acordo com o conceito de ecomuseu e museu comunitário, [...]Tal fato explica-se porque ecomuseu e museu comunitário, na acepção mais atualizada do conceito, são considerados sinônimos. (SILVA, 2013, p. 104)

a linguagem do campo dos museus, incluindo, também, um número maior de artigos com referências às práticas ecomuseológicas. (SILVA, 2013, p. 104)

Por conta de seu caráter crítico e mediante a sua internacionalização com a realização do I Encontro Internacional de Ecomuseus (1992), II Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários (2000)<sup>103</sup> e III Encontro e X Ateliê do MINON (2004), Santa Cruz se coloca como um centro de capacitação e de debate em torno das terminologias do ecomuseu e dos museus comunitários. Nesse período mesmo período, Hugues de Varine está diretamente vinculado ao MINOM, um dos órgãos responsáveis pela realização desses eventos, bem como na formulação da criação da “[...] Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (ABREMC), que é a federação de museus locais que se reconhecem em ecomuseologia e sua representação oficial nos órgãos federais de administração de museus.” (VARINE, 2017, p. 161) (tradução minha)<sup>104</sup>

Responsável pela criação da ABREMC, o Ecomuseu de Santa Cruz passa a abrigar a sede da instituição, que mediante a uma “[...] política ativa de abertura ao ar livre [...]”, acabar por ser responsável pelas “[...] jornadas nacionais de treinamento em Ecomuseologia, cuja primeira edição foi realizada na Santa-Cruz em 2009.” (VARINE, 2017, p. 164) (tradução minha)<sup>105</sup>

### **Ecomuseu da Serra de Ouro Preto (Minas Gerais)<sup>106</sup>**

“Ouro Preto,  
Ouro Podre  
Clama sobre as ruínas  
Lembra em prantos  
a sina Rastros de sangue  
e suor Petrificados nas minas.”  
Odalice Priosti (*In*: MATTOS, 2014, p. 03)

---

<sup>103</sup> Variação do I Encontro Internacional de Ecomuseus, que em 2000 passa a englobar os debates acerca dos museus e da Museologia Comunitária.

<sup>104</sup> “L’Association brésilienne des écomusées et musées communautaires (ABREMC), qui est à la fois la fédération des musées locaux qui se reconnaissent dans l’ecomuséologie et leur représentation officielle aussein des organes fédéraux d’administratrion des musées. (VARINE, 2017, p. 161)

<sup>105</sup> “[...] journées nationales de formation em écomuséologie, dont la première édition a été réalisée à Santa-Cruz em 2009” (VARINE, 2017, p. 164)

<sup>106</sup> A implementação de uma experiência ecomuseológica na região surgiu durante uma audiência pública, em que foram colocados em discussão temas referentes à preservação da área de proteção ambiental/APA da Cachoeira das Andorinhas e do parque arqueológico acima referido. Após um período de sensibilização das lideranças locais, contatos e intercâmbio com experiências exitosas – Ecomuseu do Quarteirão, em Santa Cruz, Rio de Janeiro e Ecomuseu do Cerrado, Goiás – foram iniciadas as primeiras ações, que se constituíram em oficinas de arte, palestras, reuniões e debates, com o objetivo de sensibilizar determinados segmentos comunitários, como professores, estudantes, membros das associações de bairro, donas de casa, trabalhadores de ofício (carpinteiros, pedreiros, marceneiros) e lideranças culturais. (MATTOS, p. 04-05)

Iniciado os debates em 2000, com a necessidade da criação de um parque arqueológico na Serra da Queimada, que posteriormente englobaria o território do Ecomuseu da Serra de Ouro Preto, passa a ser pensado mediante a reverberação das experiências ecomuseológicas presentes em Itaipu-PR, Santa Cruz-RJ e no Ecomuseu do Cerrado-GO. Dentro dessa proposta, mediante projeto de um representante do IPHAN o “[...] projeto foi, portanto, trabalhado [...] com duas dimensões, uma científica e outra turística.” (VARINE, 2017, p.

167) (tradução minha)<sup>107</sup> No entanto, para além do parque arqueológico, ele engloba o parque natural das andorinhas e os bairros que estão no entorno do morro da queimada.

Cabe destacar que, dos quatro ecomuseus listados nesse capítulo, os que tiveram maior atuação de Hugues de Varine, foram o Ecomuseu de Santa Cruz e o Ecomuseu da Serra de Ouro Preto. No primeiro, ele esteve diversas vezes por conta da sua participação nos eventos internacionais que expandiram a rede de informações sobre ecomuseus e museus comunitários que resulta na criação do segundo, onde ele é convidado a se fazer presente mediante consultoria voluntária. Onde o mesmo destaca que:

Tive a sorte de ser convidada para acompanhar este processo de nascimento de uma consciência coletiva e responsabilidade sobre a herança de cada bairro e no meio ambiente, porque o parque arqueológico, como o parque natural de *Andorinhas* fazem parte do seu espaço comum, pode-se dizer da respiração natural e cultural. (VARINE, 2017, p. 168) (tradução minha)<sup>108</sup>

Dos ecomuseus listados para a análise, o Ecomuseu da Serra de Ouro Preto tem um elemento a ser destacado. A presença das ações do Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)<sup>109</sup>, como instituição que gerencia o trabalho do ecomuseu a partir de ações de extensão universitária<sup>110</sup>. Isso se torna possível, mediante a expansão do número de cursos de graduação em Museologia, que por sua vez assume as principais funções na gerência e nas ações práticas do ecomuseu.

---

<sup>107</sup> “[...] projet fut done travaillé comme un futur parc archéologique possédant deux dimensions, l’une scientifique, l’autre touristique. (VARINE, 2017, p. 167)

<sup>108</sup> “J’eus la chance d’être invité à accompagner ce processus de naissance d’une conscience et d’une responsabilité collectives sur le patrimoine de chaque quartier et sur l’environnement, car le parc archéologique, comme d’ailleurs le parc nature des Andorinhas, fait partie de leur espace commun de vie, on pourrait dire de respiration naturelle et culturelle. (VARINE, 2017, p. 168)

<sup>109</sup> Curso criado em 10 de Agosto de 2008. Disponível em: <[https://www.museologia.ufop.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=44&Itemid=1](https://www.museologia.ufop.br/index.php?option=com_content&view=article&id=44&Itemid=1)>.

<sup>110</sup> “Como os ecomuseus e museus comunitários, cujas experiências se multiplicaram principalmente após o ano 2000, 14 dos 16 cursos de Graduação em Museologia foram criados somente após 2004. Alguns ecomuseus e museus comunitários são geridos por instituições de ensino superior, como o Eco-Museu da Ilha da Pólvora – FURG (Rio Grande/RS), o Ecomuseu UNIVALI (Porto Belo/SC), o Ecomuseu da Serra de Ouro Preto (Ouro Preto/MG) e o Ecomuseu Ilha Grande (Angra dos Reis/RJ).” (SANTOS, 2017, p. 237)

No Departamento de Museologia da UFOP foram/são desenvolvidos os Projetos de Extensão Universitária “Implantação do Ecomuseu da Serra de Ouro Preto” e o “Desenvolvimento do Ecomuseu da Serra de Ouro Preto”, desenvolvidos respectivamente desde 2005 e 2012, sob coordenação da professora e museóloga Yára Mattos. (SANTOS, 2017, p. 241)

Surge um ecomuseu disposto em um vasto território de atuação, que integra diversas comunidades, no gerenciamento da instituição. Aqui a interferência da universidade vem suprir uma demanda de formação e especialização dos atores sociais que a compõem o ecomuseu, sendo que ele funciona em parceria com diversas instituições e necessita de uma especialização específica para a gerenciamento do patrimônio arqueológico que compõe o seu território:

O ecomuseu possui uma lógica de território, ou seja, não está instalado em um prédio específico. Dessa maneira, suas coleções são referenciadas levando-se em conta o patrimônio cultural e natural da região, bem como o patrimônio familiar. Assim, podemos destacar as capelas de Santana (construída próxima às minas de ouro, por volta de 1720, no Morro de Santana), São João (dedicada a São João Batista e erguida no local em que foi rezada missa por ocasião da chegada dos bandeirantes ao Morro São João. É um marco histórico do séc. XVIII) e São Sebastião (datada de meados do séc. XVIII, localiza-se no Morro São Sebastião); o sítio arqueológico, que contém as ruínas do antigo arraial do Ouro Podre, pode ser visto a partir de locais estratégicos; os mirantes que descortinam belas paisagens: do Mosteiro Zen Budista, localizado no Morro São Sebastião, vê-se toda a serra e a área de Proteção Ambiental da Cachoeira das Andorinhas. Da ladeira João de Paiva, na descida do Morro São Sebastião, vê-se a cidade de Ouro Preto e também as antigas ruínas; a vista do Pico do Itacolomi aparece em toda a sua plenitude, na capela de São João. (MATTOS, 2014, p. 11)

Assim como ocorreu em Santa Cruz, foram realizados eventos<sup>111</sup> para conscientização e formação comunitária em relação ao modelo de gestão do ecomuseu, realizado pela Diretoria Municipal de Cultura de Ouro Preto, com o intuito de fomentar a elaboração de um plano de musealização territorial. Pensar na questão do território é lembrar os problemas que surgem por conta de uma diversidade de práticas museológicas que são denominadas com terminologias que não correspondem ao que é realizado pela instituição. Nesse caso, temos um ecomuseu que assume a postura de museu de território. Em um texto inédito, Varine narra em um pequeno trecho como foi a sua atuação no território que compõe o Ecomuseu da Serra

---

<sup>111</sup> “A segunda, mesa redonda coordenada pela então diretora municipal de Cultura de Ouro Preto, Sandra Fosque Sanches, denominada “Modelos de Gestão Museológica e a Inclusão Social: ecomuseu”, durante o Seminário “O Museu e as Cidades”, contando com a presença de especialistas no assunto. Posteriormente, o então coordenador do Escritório Técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/OP nos convidou para elaborar um projeto que envolvesse a musealização da área em questão.” (MATTOS, 2014, p. 9)

de Ouro Preto, fazendo algumas observações em torno de suas consultorias e o que foi produzido a partir daí:

Tive a honra e o privilégio de estar associado, desde 2008, às reflexões relativas ao parque e aos programas do ecomuseu. Três missões de campo<sup>112</sup>, em 2008, 2009 e 2011 e uma breve visita em 2012, permitiram-me aprofundar o conhecimento do território, de encontrar certos moradores particularmente ativos e fazer parte da equipe da UFOP que se encarregou de impulsionar o ecomuseu. Pude percorrer os bairros e algumas partes dos espaços arqueológicos. Conheci alguns dos principais parceiros de ambos os projetos (IPHAN, Prefeitura, Escola de Minas, museus locais, associações de Moradores etc.). (VARINE, 2014, no prelo)

Ainda sobre as missões realizadas por Varine, ele aponta para a ausência de um espaço para a montagem de exposições e para a realização de atividades do ecomuseu. Enquanto Itaipu tem uma sede provida de tecnologia e espaços interativos, Santa Cruz sediado no Palácio Princesa Isabel. O Ecomuseu da Serra de Ouro Preto<sup>113</sup> depende da disponibilização de espaços comunitários para a realização de suas atividades. O que é um reflexo positivo do processo de implantação do ecomuseu que prioriza as relações comunitárias em questões de planejamento e realização das atividades e exposições. Dessa forma, “Cada distrito conseguiu desenvolver sua própria identidade e aprimorar sua história, paisagens e características.” (VARINE, 2017, p. 169) (tradução minha)<sup>114</sup>

O que me parece mais interessante no que observei durante minhas diferentes missões ao ecomuseu da Serra são a identificação e o uso de contatos e oportunidades. Como o museu ecológico não tem sede permanente ou espaço para exposições, sua atividade depende principalmente de líderes locais e do uso de espaços comuns e lugares disponíveis quando necessário. (VARINE, 2017, p. 169) (tradução minha)<sup>115</sup>

---

<sup>112</sup> O que chama atenção nessa publicação é que nas “três missões de campo, em 2008, 2009 e 2011”, todas elas renderam a produção de relatórios de campo a qual não obtive acesso. Ele continua em uma nota de rodapé, solicitando que o leitor tenha acesso ao texto do relatório de um dos anos, para que possa entender ao que ele está se referindo “ver meu relatório de 2009, p. 9-16.” Durante todo o processo de pesquisa, não tive acesso a nenhum dos arquivos pertinentes a esses relatórios, e em uma das minhas últimas tentativas fui informado que os mesmos são documentos de caráter privado, e que não seria permitido o acesso.

<sup>113</sup> Por conta da dificuldade com a questão de não ter uma sede administrativa, segundo Varine (2017) “O ecomuseu [...], revelou uma parte da cidade de Ouro Preto que foi anteriormente ignorada, mesmo por alguns habitantes; fez e tornará esta área cada vez mais produtiva e acolhedora: transformou muitos habitantes, até então bastante marginalizados e negligenciados, em atores conscientes do desenvolvimento de sua cidade. [...] Alguns encontros com os serviços da cidade que pude assistir mostraram o quanto eles estavam interessados no que o ecomuseu lhes revelou sobre o potencial da Serra e seus morros.” (p. 169)

<sup>114</sup> “Chaque quartier a pu développer une identité propre et valoriser son histoire, ses paysages, ses caractéristiques. (VARINE, 2017, p. 169)

<sup>115</sup> Ce qui me paraît le plus intéressant dans ce que j’ai pu observer au cours des mêmes différentes missions auprès de l’Écomusée de la Serra, c’est l’identification et l’utilisation des personnes-ressources et des opportunités. Comme l’Écomusée n’a pas de siège permanente, ni de locaux d’expositions, son activité repose essentiellement sur des

Pensando nas atividades que o ecomuseu realizou, Varine descreve em seu último livro uma pequena listagem de ações que o ecomuseu realizou nos últimos anos:

- Oficinas socioculturais para crianças;
- Um programa de recolha e preservação de arquivos fotográficos de famílias;
- Um inventário participativo, bairro a distrito (em andamento);
- Incentivo às atividades de produção artesanal;
- Apoio a um café cultural parceiro;
- Uma ação-piloto para a promoção do conhecimento, tradições e programas equestres;
- Mas especialmente muitas reuniões nos bairros, para uma consulta permanente da população, através das pessoas mais representativas dela. (VARINE, 2017, p.169) (tradução minha)<sup>116</sup>

### **Ecomuseu da Amazônia (Pará)**

“O objetivo do subsistema  
“formar cidadãos  
com percepção de sua realidade,  
de sua capacidade criadora e profissional  
para interagir de forma positiva  
com o meio físico e sociocultural do município”  
(MARTINS, 2014, p. 316)

O Ecomuseu da Amazônia surge como um subsistema<sup>117</sup> implantado nos anos 90, e nasce em 2007 para ser gerido pela Secretaria Municipal de Belém do Pará, voltado para a uma conscientização acerca da preservação do meio ambiente envolvendo um amplo território

---

leaders locaux et sur l'utilisation d'espaces communs et de lieux disponibles au moment voulu. (VARINE, 2017, p. 169)

<sup>116</sup> [...] des ateliers socioculturels pour les enfants, un programme de recueil et de conservation des archives photographiques familiales, un inventaire participatif, quartier par quartier (em cours), l'encouragement à des activités de production artisanales, le soutien à un café culturel partenaire, une action-pilote pour la promotion de savoirs, de traditions et de programmes equestres..." (VARINE, 2017, p.169)

<sup>117</sup> “O Ecomuseu da Amazônia teve como antecedente e ponto de partida a criação do Subsistema de Educação e Cultura para um Desenvolvimento Sustentável no município de Belém-PA (1995/6), nasceu em 2007, sob a gestão da Secretaria Municipal de Educação de Belém, com o desafio de integrar os diversos segmentos da sociedade, ao seu “inteiro ambiente”, a partir da conscientização e valorização de sua história, de seu patrimônio natural e cultural. Em 2008, foi integrado ao Centro de Referência em Educação Ambiental – Fundação Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira, sob a tutela da Prefeitura Municipal de Belém. Atua em quatro áreas, integrando as seguintes comunidades: Distrito de Icoaraci (Cruzeiro e Vicentinos); Ilha de Caratateua (bairros São João do Outeiro, Fama, Tucumaeira, Curuperé e Nova República); Ilha de Cotijuba (comunidades do Poção e Faveira); e Ilha de Mosqueiro (comunidades do Caruaru, Castanhal do Mari-Mari e Assentamentos Paulo Fonteles e Mari Mari).” (MARTINS, 2014, p. 315)

de atuação. Baseado em uma atuação voltada a um quadripé, que designa um olhar para a Cultura, Meio Ambiente, Turismo e Cidadania. A partir daqui, semelhanças e aproximações começam a surgir em relação aos dois últimos ecomuseus que apresentei. Assim como os outros dois, em junho de 2007 foi realizado o Seminário de criação do Ecomuseu da Amazônia. Com o advento da ABREMC, foi redigida a Carta de Belém, reflexão dos debates que foram empreendidos.

A carta traz considerações que estão diretamente relacionadas a “pluralidade”, “pertencimento” e “fraternidade”. Pautado na “diversidade dos processos museológicos comunitários”, a fim de que, as comunidades se tornem “detentores e proprietários desses bens”. Mediante “iniciativas populares de valorização da cultura e do patrimônio”, visando uma participação ativa e direta no processo de construção social da comunidade. Conscientizando aos malefícios do “turismo predatório” e os seus riscos a comunidade e ao meio ambiente. Fazendo “uso de metodologias adequadas à realidade de cada comunidade” com a perspectiva do fomento do “desenvolvimento de museologias e museografias específicas”.

Dessa forma, dispõe sobre o estímulo a “políticas públicas intersetoriais”, pautadas em práticas de “conservação do patrimônio natural e cultural”. Delimitadas por uma cronologia de “curto, médio e longo prazos”, mediante a utilização de “processos de arranjos produtivos sustentáveis”. Pensando pelo viés do desenvolvimento essas instituições devem garantir a “superação do analfabetismo” e o “acesso democrático ao processo de escolaridade”, objetivando uma “atenção integral às famílias da região amazônica”. Possibilitando que as instituições inspiradas pela Nova Museologia “possibilitem o exercício da cidadania”.

Dando e possibilitando o “direito à produção e acesso ao conhecimento”, “informação” possibilitando o “desenvolvimento da consciência crítica”, como garantia para a estruturação de “articulação com atores e instituições para o cumprimento das propostas acordadas” na Carta de Belém.

No caso do Ecomuseu da Amazônia, temos a mesma disposição geográfica de Santa Cruz e Ouro Preto, em se tratando de uma estrutura fomentada com o intuito de atender um número maior de comunidades. “O ecomuseu pode ser considerado polinuclear, pois, a partir de sua sede e centro de coordenação na ilha de Carateteua, realiza diferentes programas para

cada um de seus territórios [...]” (VARINE, 2017, p. 172) (Tradução minha)<sup>118</sup> Gerido pela Prefeitura de Belém do Pará, através da sua Secretaria de Educação, temos outro exemplo de museu de território associado a terminologia ecomuseu e a uma instituição ligada a atividades de preservação ao meio ambiente. Assim temos uma divisão em bases de atuação, no território que compreende um pequeno apanhado de ilhas:

Delineou uma proposta inovadora para o município de Belém, integrando quatro experiências educacionais centradas na realidade dos meios cultural, ambiental, social e econômico onde estão implantadas: a Escola Municipal Parque Amazônia, localizada no bairro da Terra Firme, que dispõe de uma base pedagógica e tem como um de seus principais objetivos a geração de renda de seu meio; o Liceu de Artes e Ofícios Rui Meira, localizado no bairro do Guamá, voltado para a formação de recursos humanos na área de serviços em geral; a Fundação Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira, Centro de Referência em Educação Ambiental localizado na ilha de Carateteua; e o Liceu Escola de Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso, centro de um projeto de desenvolvimento sustentável que dispõe de uma base física, uma base comunitária organizada, uma base cultural e uma base pedagógica, integrando de forma especial os produtores de cerâmica da Sociedade de Amigos de Icoaraci. (MARTINS, 2014, p. 316-317)

Hugues de Varine participou do processo de consolidação das ações que dariam continuidade aos trabalhos do ecomuseu. Encontrei em um texto outra citação<sup>119</sup> sobre os relatórios de missão que foram produzidos nas consultorias em Belém. Aqui devo relatar as dificuldades que foram encontradas durante todo o processo da pesquisa. Mediante diversas tentativas, com objetivo de realizar entrevistas enquanto procedimento técnico, bem como a coleta de material bibliográfico e documental para compor esse capítulo.

Esbarrei por diversas vezes nas restrições de acesso que me foram impostas desde o período da graduação, até os últimos dias de escrita da dissertação, somente a Professora Yara Mattos me enviou alguns textos, inclusive alguns que estão no prelo. A justificativa sempre foi a mesma por parte das outras instituições, de que os relatórios de missão que foram produzidos por Hugues de Varine eram de natureza privada e não poderiam ser disponibilizados, outra situação foi que estariam elaborando textos sobre a atuação do mesmo, e que não poderiam liberar esse material por conta do ineditismos dessas produções no que diz respeito a atuação de Varine nessas comunidades. Na mesma direção, também foi encontrada

---

<sup>118</sup> “L’ecomusée peut être considéré comme polynucléaire, dans la mesure où, à partir de son siège et centre de coordination da l’île de Carateteua, il réalise de programmes différents pour chacun de ses territoires [...]”(VARINE, 2017, p. 172)

<sup>119</sup> BOHAN, H do Varine, Relatórios de Missão: Nº 1, 2 e 3 - Visita Técnica Consultor Hugues de Varine- Bohan, áreas de atuação do Ecomuseu da Amazônia, Belém, Pará, 2009,2010, 2011.

dificuldades para conseguir informações sobre a ABREMC, no momento, a presidência<sup>120</sup> da instituição está em fase de transição, organizando o processo eleitoral que vai eleger uma nova gestão. Por conta desse fator, não obtive acesso aos documentos da associação que no momento encontra-se sediada no Ecomuseu da Amazônia.

Diante das questões que permeiam a gestão dos ecomuseus, retomo a uma questão específica sobre a governança dessas instituições. Assim como Santa Cruz, o Ecomuseu da Amazônia passa por uma situação semelhante quanto ao seu gerenciamento. Assim como outros segmentos para além do âmbito cultural, uma das maiores dificuldades que esses dois ecomuseus vivencia, ou pode vivenciar, em relação aos mandos e desmandos das trocas de gestão municipal, como nos casos específicos. Pode se denominar como uma fraqueza institucional, por não haver uma certeza frente a inconsistência política.

Essa é uma das fraquezas institucionais de muitos ecomuseus que já destaquei no Brasil, mas também em outros lugares. Mesmo quando a comunidade está particularmente envolvida (como é o caso em Belém), o ecomuseu depende quase inteiramente do compromisso de indivíduos respeitados, mas às vezes ciumentos. As medidas que eu tentei sugerir a Belém, para dar a durabilidade ecomuseu e visibilidade política além dos caprichos da vida democrática local, não excederam o nível das discussões entre pessoas convencidas, mas incapazes mudar o sistema político-administrativo. (VARINE, 2017, p. 171) (tradução minha)<sup>121</sup>

Como ecomuseu polinuclear, espalhado em diversos núcleos localizados em um arquipélago, temos uma polifonia de ações e atividades que são realizadas pela gestão municipal em parceria com a comunidade e com o Museu Paraense Emilio Goeldi, que por sua vez trabalha com a capacitação ou sedia ações.

- “[...] memória, desenvolvimento de artesanatos tradicionais de cerâmica;
- Apoio a ações sociais;
- Eventos culturais em áreas turísticas;
- Produção de alimentos relacionados a refeitórios;
- No bairro de Icoaraci; capacitação em agricultura familiar, lançamento de produção de olaria turística, apoio a ações econômicas por e para as mulheres;

---

<sup>120</sup> No momento, a presidência está sob a responsabilidade de Terezinha Martins, coordenadora do Ecomuseu da Amazônia.

<sup>121</sup> On retrouve là une des fragilités institutionnelles de nombreux écomusées que j’ai déjà soulignées, au Brésil mais aussi ailleurs. Même lorsque la communauté est particulièrement impliquée (ce qui est le cas à Belém), l’écomusée repose presque respectées, mais aussi parfois jalousees. Les mesures que j’ai essayé de suggérer à Belém, pour donner à l’écomusée la pérennité et une visibilité politique au-delà des aléas de l’avié démocratique locale, n’ont pas dépassé le niveau des discussions entre des personnes convaincues mais incapables de faire évoluer le système politico-administratif. (VARINE, 2017, p. 171)

- Na ilha de Cotijuba; promoção de danças tradicionais "carimbó";
- Educação de adultos e programas escolares nas Ilhas Carateteua; agricultura familiar, criação de camarão, inventário patrimonial, aprendizado e promoção da dança do *carimbó*, trilhas marcadas de descoberta e observação em diversos núcleos de vilarejos da ilha de Mosqueiro. (VARINE, 2017, p. 171) (Tradução minha)<sup>122</sup>

### **A institucionalização do pensamento: Reverberações da teoria de Hugues de Varine na Políticas Públicas Museais**

Ao analisar a trajetória do pensamento de Hugues de Varine no Brasil, a partir dos impactos gerados pelas suas publicações e práticas, nos propõe uma breve reflexão em torno da formulação de políticas públicas no campo da Museologia brasileira. Com o advento dos novos museus, e as novas produções que nascem inspirados na sua teoria, temos então o emergir de uma “[...] subjetividade coletiva do país [...]” (PNM, 2007, p. 09). Voltada especificamente para uma contextualização dessas políticas públicas, mediante o uso de citações ou referências de leituras a suas obras.

Boa parte dessas proposições foram colhidas diante de uma patamar da visualização de Varine nas entrelinhas dessas publicações, a qual devo ressaltar o *Política Nacional de Museus-PNM*, o *Caderno da Política Nacional de Educação Museal-CPNEM*, o *Documento Final da Política Nacional de Educação Museal-DFPNEM* e o *Plano Nacional Setorial de Museus-PNSM*. Para além desses documentos, busquei a publicação *Museu, memória e cultura afro-brasileira* de Maristela Simões (2018) e o livro *Pontos de memória: metodologia e práticas em museologia social* (2016). Esses livros foram consultados no site do Instituto Brasileiro de Museus, como forma de localizar as produções institucionais que estão dando continuidade a reverberação do pensamento de Varine no Brasil.

Para tanto, devo fazer uma ressalva referente a essa análise, pois, os documentos mencionam e citam Hugues de Varine, as publicações não são diretamente ou relacionadas diretamente a ele e a sua teoria. Início portanto a análise pelo PNM, que de antemão faz uma reflexão inicial ao processo de fomento as práticas neomuseológicas no mundo, em especial a

---

<sup>122</sup> “[...] mémoire, développement de l’artisanat céramique traditionnel, soutien à l’action sociale, événements culturels dans les zones touristiques, production vivrière liée à des soupes populaires, dans le quartier de Icoaraci; formation à l’agriculture familiale, lacement de la productionnde poteries à vocation touristique, soutien à des actions économiques par et pour les femmes, dans l’Ile de Cotijuba; promotion des danses traditionnelles “carimbo”, éducation des adultes et programmes scolaires dans L’ile de Carateteua; agriculture familiale, élevagebde crevettes, inventaire du patrimoine, apprentissage et promotion de la danse carimbo, sentires balisés de découverte et d’observation dans plusieurs centres villageois de l’île de Mosqueiro.” (VARINE, 2017, p. 171)

partir da experiência de Santiago do Chile, onde o mesmo destaca que “O panorama museológico entre os anos 70 e 80 estava em ebulição e compunha-se de novas idéias, encontros, debates e novas propostas de uma museologia ativa, participativa e democrática” (PNM, 2007, p. 18) Mediante o processo de expansão em que se encontrava/encontra o campo museal, está ver “[...] forçado a dilatar e reorganizar os seus próprios limites [...]” (PNM, 2007, p. 19)

No processo metodológico, a musealização utilizada como ferramenta metodológica de delimitação/concepção de novos espaços museais assume um novo papel perante o exercício de reflexão do que é passível de ser musealizado. Para tanto, temos em Hugues de Varine “A musealização, como prática social específica, [que] derramou-se para fora dos museus institucionalizados.” (PNM, 2007, p. 20). Com isso, não é que os museus tidos por “tradicionais”, não possam realizar ações mediante a sua comunidade de entorno, mas justamente dinamizar a estrutura engessada em que está inserido, seguindo o exemplo dos ecomuseus e museus comunitários, que por sua vez podem ou não já nascer dinamizados, como vimos nos casos de Paraná, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Pará.

Mesmo com as dificuldades marcadas pelo início da expansão da formação e capacitação de profissionais museólogos, que só vem ser ampliada na primeira década do século XXI, temos portanto, uma trajetória marcada pela presença das ações de Hugues, bem como de diversos profissionais e agentes brasileiros que possibilitaram que o Brasil se destaca-se “[...] em termos teóricos e práticos o [em um] trabalho [...] inovador, ousado e inspirador de uma museologia popular, politicamente engajada e comprometida com os processos de transformação social. (PNM, 2007, p. 20) Aqui, temos então, uma indicação dada por Varine em 1992, ao mencionar que os agentes teriam que passar por uma formação em “museologia popular” frente as notas que ele fez ao visitar o território onde seria implantado o Ecomuseu de Santa Cruz. Temos então uma preocupação dos responsáveis pela escrita do documento final da PNM, em destacar a importância do consultor, no processo de constituição de uma nova prática museológica, que tem por território de estudo e ensaio o Brasil, frente a sua diversidade e pluralidade cultural e patrimonial.

O esforço para tentar imaginar um museu de um “tipo novo” e, ao mesmo tempo, sistematizar as novas práticas, sublinhando as diferenças em relação a outros modelos teóricos, levou Hugues de Varine, ainda nos anos 70, a desenhar uma concepção de museu que substituísse as noções de público, coleção e edifício pelas de população local, patrimônio comunitário e território ou meio ambiente. (PNM, 2007, p. 21)

Dentro dessa perspectiva, há de se elencar dois momentos específicos que giram em torno da reverberação do pensamento de Varine dentro da proposta do PNM. Onde o documento determina que seja dado “Estímulo e apoio à participação de museus comunitários, ecomuseus, museus locais, museus escolares e outros na Política Nacional de Museus e nas ações de preservação e gerenciamento do patrimônio cultural.” (PNM, 2007, p. 24-25) Com isso, temos um olhar específico e direcionador do poder público em estimular a criação de novas instituições museológicas, inspiradas a uma ascensão “função social do museu”. No segundo ponto, temos um outro direcionamento que possibilita uma “[...] forte inserção dos museus nas comunidades locais [...]” (PNM, 2007, p. 32), a qual destaco principalmente as religiões de matriz africana, comunidades indígenas, quilombos, favelas, ribeirinhos, etc. Ainda em busca das contribuições de Varine na PNM, no anexo II da Tese de Doutorado de Simone Flores Monteiro, ele aparece na lista das “Contribuições recebidas e presentes nas reuniões para a discussão das bases da Política Nacional de Museus” (MONTEIRO, 2016, p. 250), na categoria “profissionais”.

Entre todos os documentos, o que mais tem referências vinculadas a Hugues de Varine seja ela direta ou indireta, é o PNSM. O mesmo, por dispor de eixos e proposta que foram levantadas e debatidas mediante assembleias do Conferência Nacional de Cultura-CNC, gerando o Plano Nacional de Cultura-PNC e nas primeiras edições do Fórum Nacional de Museu-FNM, traz provocações elencadas em suas propostas por ser o anseio da comunidade museológica brasileira, para tanto vemos assim a disseminação do pensar e fazer museal de Varine entre os agentes do campo museológico. Em uma proposta geral, o PNSM, determina ao poder público o fomento aos “[...] museus comunitários, ecomuseus, museus de território, museus locais e outros centros de preservação e difusão do patrimônio cultural, garantindo o direito de memória aos diferentes grupos e movimentos sociais. (PNSM, 2010, p. 14) Aqui temos também uma ampliação no leque de atuação dessas políticas públicas, ao garantir a diversidade de estruturas museais que podem receber esse fomento de acordo com a diversidade de museus que temos no país.

Depois de uma visão geral, o PNSM, se divide em eixos temáticos para facilitar a disposição das propostas que devem ser colocadas para uma possível implantação por parte das esferas federal, estadual e municipal. Assim, no “Eixo III – Cultura e desenvolvimento sustentável”, há uma preocupação com o uso do aparelho museal e patrimonial no que tange o desenvolvimento social e territorial, perante uma perspectiva da teoria de Varine que pode se

visualizada na publicação do livro *O Tempo Social e Raízes do Futuro*. Portanto uma das propostas desse eixo e seus desdobramentos, é:

“Promover políticas públicas que garantam a gestão museal e o acesso a mecanismos de fomento e financiamento direcionados para a diversidade e o patrimônio cultural, os direitos humanos e a cidadania, integrando a economia, a museologia, a educação, a arte, o turismo e a ciência e tecnologia, visando ao desenvolvimento local e regional, bem como à sustentabilidade cultural e ambiental.

As propostas, nesse caso, convergem para:

- A promoção de mecanismos e instrumentos, inclusive legais, que viabilizem alternativas de sustentabilidade econômica aos museus.
- O envolvimento do museu nas estratégias relativas ao desenvolvimento sustentável local, envolvendo:
  - a) a geração de renda para as comunidades trabalhadas;
  - b) a inserção dos museus nas estratégias relativas ao desenvolvimento do turismo sustentável.” (PNSM, 2010, p. 17)

Temos portanto, uma referência ao que Varine aborda nos livros citados anteriormente, discorrendo sobre o papel do museu nessas comunidades. Não tão somente a instituição que zela pela contemplação e preservação dos bens de natureza material e imaterial, mas o museu que torna-se polo de desenvolvimento social e comunitário. Um bom uso dessa prática e a inserção do Turismo de Base Comunitária-TBC e a comercialização da gastronomia local e regional. Disposto a ideia desenvolvimentista de Hugues, estaria atrelado a confecção de planos de gestão participativa/partilhada, que dentro dos temas transversais da PNSM, no âmbito da “gestão museal”, aponta para a “Consolidação da prática de elaboração do plano museológico e dos princípios metodológicos de gestão participativa, envolvendo a comunidade no processo de construção dos planos museológicos em atendimento ao Estatuto dos Museus” (PNSM, 2010, p. 21) Essa proposta atende a todas as estruturas de gestão museológica, ao dispor da escuta comunitária para empreender um plano de gestão eficaz, e que atenda a comunidade interna e externa. Mesmo que Varine não discorra diretamente sobre o modelo de gestão participativa, ele acaba sendo ferramenta de gestão no processo de consolidação dos inventários participativos que ele propõe em *Raízes do Futuro* e que conceitua em *L'écomusée singulier et pluriel*.

Dentro da disposição dos eixos setoriais, em que subdividiu os museus em categorias tipológicas, no “eixo setorial 7 museus comunitários e ecomuseus” (PNSM, 2010, p. 24) vemos a preocupação de ter um ponto específico, em que possa se debater essa categoria de museu, frente as particularidades as outras categorias, principalmente pelo fato de que esse é o único eixo que dispõe explicitamente sobre museus da Nova Museologia.

No “Eixo II – Cultura, Cidade e Cidadania”, o item volta-se a questão comunitária ressaltando a importância do incentivo a práticas sociais em comunidade, principalmente as que são pautadas na cultura como ferramenta da cidadania com base na relação “museu-comunidade”.

Estabelecer o espaço do museu como mecanismo dinâmico de referência cultural para as cidades, como um bem simbólico necessário para a afirmação de identidades, valorizando a memória e os saberes, promovendo a integração das comunidades locais. Fomentar a relação museu-comunidade, através do incentivo à criação de museus dedicados à memória comunitária. Ampliar e fortalecer a função social dos museus reconhecendo e identificando a relação entre coleções, comunidade, cidade, rede de pesquisa e cooperação técnica, fortalecendo a manifestação das identidades. (PNSM, 2010, p. 30)

Nesse ponto, ainda cabe destacar a presença de um dos pontos-chaves das discussões da Mesa Redonda de Santiago do Chile. A “função social do museu”, que ainda deve ser matéria de novas disposições no âmbito da Museologia Contemporânea, e esboçada na PNSM como divisor de águas no processo de disseminação de uma prática social, no que tange o fortalecimento da ideia de comunidade na apreensão das múltiplas facetas e identidades que compõe esses museus.

Finalizando a primeira parte do PNSM, o último tópico que pode ser analisado frente a presença de Varine nesse documento, é o “Eixo IV – Cultura e Economia Criativa”, onde o mesmo enfatiza o fomento da vertente da “função social do museu”, pautada na perspectiva econômica. Mediante ao que já foi citado anteriormente, muito da teoria de Hugues busca trazer inspiração comunitária para que a cultura e o patrimônio seja revertidos num processo de desenvolvimento local, provendo lucro e renda para as comunidades. O ecomuseu/museu comunitário como uma das fontes de renda dos atores sociais que são responsáveis por sua manutenção e funcionamento. Pois assim como o caso de Itaipu, em que o ecomuseu funciona sem o provimento comunitário, há experiências ecomuseológicas que necessitam de um trabalho específico para a captação de recursos para poder dar segmento as atividades da instituição, como também para gerar o mínimo de renda para os atores sociais. Dessa forma, o PNSM, dispõe que deve se:

Fomentar a relação museu-comunidade, considerando a função social dos museus, produzindo novas perspectivas de geração de renda pautadas em produtos e serviços que aproveitem potencialidades, saberes e fazeres. Assegurar a participação de associações junto aos museus e espaços de memória de modo a garantir a sustentabilidade destas instituições. (PNSM, 2010, p. 31)

Aqui continuamos a tratar o documento com subdivisões que começa por eixos e se subdivide em diretrizes e estratégias. Seguindo no “Eixo I: Produção simbólica e diversidade cultural”, na diretriz 05, ela trata da promoção “[...] a democratização da instituição museológica, dos sistemas e das redes museais por meio da participação comunitária e de ações extramuros visando à interação com os diversos grupos sociais: étnicos, tradicionais, populares e outros.” (PNSM, 2010, p. 46) Como desdobramento, temos a estratégia 01 que visa “Ampliar a interação dos museus com sua comunidade.” (PNSM, 2010, p. 46) Temos uma repetição de questões que se esbarram nas propostas teóricas de Varine, bem como da Mesa Redonda de Santiago do Chile. Sempre pautadas na aproximação do museu com a comunidade se dá mediante ações que façam com que a comunidade seja inserida no museu, e o museu seja inserido na comunidade.

O “Eixo II: Cultura, cidade e cidadania”, nos leva novamente ao evento de 1972, mas com uma roupagem diferente da que foi apresentada. Na diretriz 01, é designado que haja o fomento de “[...] ações educativas, a partir do conceito de patrimônio integral, voltadas para a promoção da cidadania e ação social.” (PNSM, 2010, p. 53), no entanto, o documento produzido em Santiago nos leva uma reflexão do “museu integral”, o que no caso sejam revertidos enquanto elemento de apropriação para delimitar um contexto voltado ao patrimônio integral a qual dispõe essa diretriz.

Como já mencionando anteriormente, no “Eixo III: Cultura e desenvolvimento sustentável”, o mesmo traz a categoria “inventário participativo”. Na diretriz 12, a PNSM, orienta que seja promovida a elaboração de “[...] inventários participativos, a fim de identificar reconhecer o patrimônio museológico das comunidades, estimulando a preservação, o turismo e o desenvolvimento econômico regional.” (PNSM, 2010, p. 65) O uso do inventário participativo como mecanismo de elaboração de documentação museológica, é uma vertente técnica e metodológica que necessita de estudos específicos. A realização desses inventários se dar mediante o entendimento da coletividade do que deve ser demarcado/decretado como patrimônio passível de um processo comunitário de gestão participativa. Dessa forma, a instituição torna-se centro integrado para a tomada das decisões, podendo ela ser feita e refeita, mediante o entendimento da coletividade.

Concluída a análise da PNSM, passamos para documentos que trazem poucas referências a Hugues de Varine, mas que mesmo com a pouca disponibilidade de informações, perpetuam a construção do seu legado no campo museológico. Passando para o CPNEM, o documento faz uma abordagem em torno da humanização da Museologia, frente a

amizade e as contribuições do Pedagogo Paulo Freire. Tratado no capítulo dois, aqui no documento, o próprio Varine é citado em relação a esse processo que a Museologia vivenciaria/vivencia pelo induto da Nova Museologia.

“De acordo com o depoimento de Varine-Bohan, então presidente do ICOM, a Mesa-Redonda deixou um legado inovador, o de “considerar o museu na sociedade como um instrumento de transformação” (VARINE-BOHAN, 1987). Ainda segundo Varine-Bohan, “o encontro teve um caráter mais filosófico da inserção do museu no mundo contemporâneo” [...]” (CPNEM, 2018, p. 17)

Mediante a ligação entre a Pedagogia e a Museologia, temos então os contributos de um evento que foi pensado e redimensionado a luz da “Pedagogia do Oprimido”, com ênfase em uma virada de mesa no campo museal internacional. Ao elencar essa contribuição, o Caderno da Política Nacional de Educação Museal-CPNEM, produz um elemento para dar segmento as análise da presença de Paulo Freire na Museologia.

Se tratando da ideia/conceito de comunidade, aparecer nesse documento a primeira indicação de leitura desses documentos elencados. Intitulado por “Comunidade no pensamento museológico”<sup>123</sup> (CPNEM, 2018, p. 65), o documento apresenta um série de publicações que vão tratar sobre o tema, agenciando e selecionando autores que são conclamados pelos seus legados e trajetórias no campo. Um pouco mais a frente, temos outra citação direta a Varine, no que diz respeito a alguns tópicos da Declaração de Santiago do Chile.

Para Hugues de Varine o “sentido verdadeiramente inovador, senão revolucionário” da Mesa Redonda de Santiago do Chile está situado em duas noções: 1ª - a de “museu integral”, “que leva em consideração a totalidade dos problemas da sociedade” e 2ª - a de “museu como ação”, que compreende o museu como ferramenta, como “instrumento dinâmico de mudança social” (CPNEM, 2018, p. 89)

Temos nessa citação uma problemática que surge com a interpretação indevida do termo “museu integral” e a sua dinamização mediante a proposta de pôr luz na “função social do museu”. Tal questão se refletiu em um encobrimento do real sentido do termo criado em Santiago, mediante a criação do modelo denominado por ecomuseu. Recebendo os significados do termo “museu integral”, o ecomuseu ainda passa por um momento de protagonismo em detrimento ao que ele ainda representa para o campo museológico. Em diversos lugares, o ecomuseu ainda é visto como modelo inovador, o que ocasiona na

---

<sup>123</sup> DE VARINE, Hugues. *As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. Trad. Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012. 256p.

ausência de estudos acerca das instituições que levam esse nome e o papel que desempenha na sociedade.

Com isso, o documento continua exemplificando a partir da fala de Hugues de Varine, o “equivoco interpretativo” em relacionar os fins e objetivos do “museu integral”, com a proposta do ecomuseu. “O próprio Hugues de Varine diz: “A meu ver é, aliás, lamentável que o vocábulo “ecomuseu”, nascido em outras circunstâncias e com outros objetivos, tenha substituído o de museu integral, como que em um retorno ao eurocentrismo.” (CPNEM, 2018, p. 89) Ao esboçar esse retorno do eurocentrismo, podemos até citar um caso específico no Brasil, que é o de Itaipu. Um museu nomeado por uma terminologia, que por sua vez, não se enquadraria aos padrões que ela propõe. Distanciando-se totalmente dos Ecomuseus de Santa Cruz e da Amazônia, que mesmo tendo uma natureza “engessada” por conta da administração pública municipal, assume seu dinamismo social com a presença da atuação comunitária.

Retrocedendo um pouco e trazendo para a análise o Documento Final da Política Nacional de Educação Museal-DFPNEM, o mesmo já traria de forma antecipada a prerrogativa no âmbito da educação museal, como serviço imprescindível dentro das práticas neomuseológicas, a intervenção direta da educação, como herança de Santiago do Chile. Tendo por princípio, “Assegurar, a partir do conceito de Patrimônio Integral, que os museus sejam espaços de educação, de promoção da cidadania e colaborem para o desenvolvimento regional e local, de forma integrada com seus diversos setores.” (DFPNEM, 2017, p. 05) Nesse ponto, confundem-se os objetivos da ideia de integralização do museu e do patrimônio. Não teriam as duas concepções, uma mesma ideia central? Já que as duas tratam praticamente dos mesmos fins, só que para perspectivas conceituais diferentes, mas que no final se confundem? O que o CPNEM e o DFPNEM discorrem por “patrimônio integral”, não seria uma nova roupagem do “museu integral”? Creio que essas provocações devem ser analisadas futuramente, os documentos tem pouco mais que dois anos que foram produzidos, e devem ser explorados pelos agentes do campo da educação museal para que tenhamos a apresentação de novos discursos e narrativas sobre a conceituação de “patrimônio integral”.

Por se tratar de um documento que vem para embasar a concepção do CPNEM, o DFPNEM é curto, e apresenta mais uma contribuições do pensamento de Varine. No eixo dois, especificamente no ponto nove, o documento trata da promoção e da colaboração “[...] com outros setores dos museus, diagnósticos, estudos de público e avaliação, visando à verificação do cumprimento de sua função social e educacional.” (DFPNEM, 2017, p. 06) Vemos portanto, o surgimento de uma nova preocupação do campo museal brasileiro. Se em

Santiago do Chile, houve uma preocupação em elaborar um documento que tratasse da urgência sobre a “função social do museu”, aqui surge uma nova preocupação pautada na ideia de uma possível “função educacional” do museu. Mesmo que as instituições, pensem que oferecem um serviço educativo de qualidade, boa parte delas executam somente o guiamento/monitoramento como prática educativa. Há uma ausência, ou até mesmo falta de interesse de algumas instituições em realizar ações educativas, pois muitas delas se esbarram em um outro grande problema de gestão e administração dos museus brasileiros que é a falta de verba e material para a execução de serviços básicos.

Na publicação de Maristela dos Santos Simão, temos duas indicações de leitura, que cabe ressaltar é que a mesma trata sobre memória e preservação do patrimônio afro-brasileiro. Mesmo com toda a disseminação dessas novas práticas na Museologia, ainda são pontuais as ações que são desempenhadas pelos membros das religiões de matriz africana, bem como os quilombos e aldeias indígenas. Ela indica a leitura do livro “As Raízes do Futuro” de Hugues de Varine. (SIMÃO, 2018, p. 46), bem como traz a referência que ela classifica sobre “Museologia e Museu”, que é “VARINE-BOHAN, H. DE. A respeito da Mesa-Redonda de Santiago. In: ARAÚJO, M. M.; BRUNO, M. C. O. (Eds.). A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995. p. 17–19.” (SIMÃO, 2018, p. 67).

A última publicação analisada foi *Pontos de Memória: Metodologia e Práticas em Museologia Social* (2016). A mesma em todo o seu corpo textual apresenta uma única citação a Hugues de Varine, que aparece em uma linha do tempo das ações do Ponto de Memória da Estrutural (Brasília), delimitada por uma “[...] visita de Hugues de Varine [...]” (2016, p. 80) Nesse ponto, devo destacar que há indícios da visita de Varine em outros pontos de memória espalhados pelo Brasil, como o caso da visita dele no Ponto de Memória de Terra Firme (Belém do Pará), que tem parceria com o Ecomuseu da Amazônia. Diante dos expostos, temos um modelo estritamente brasileiro, que supre as ausências e lacunas que os ecomuseus e museus comunitários pioneiros não conseguiram consolidar em sua plenitude. A capilaridade e funcionalidade na distribuição da valorização do patrimônio das “minorias”, acaba por si só absorvendo e dando funcionalidade a ideia inicial de “museu integral”.

Dessa forma, a atuação e o pensamento teórico de Varine impactou a Política Nacional de Museus-PNM, o Plano Nacional Setorial de Museus-PNSM e a Política Nacional de Educação Museal-PNEM e ainda impacta e inspira um conjunto de ações no campo museal brasileiro.

## (IN) CONCLUSÕES

Avaliar a trajetória [...] certamente é um desafio aos que se interessam sobre os estudos de impacto social que um empreendimento desse porte promove na sociedade local.” (PRIOSTI, 2010, p. 51).

Ao que pese a estranheza do termo (in) conclusões, esta dissertação não acaba com o que foi desenvolvido, por conta do amplo campo de pesquisa que ainda precisa ser explorado no que diz respeito as contribuições dos teóricos nacionais e internacionais no que tange a história e a trajetória dos movimentos e correntes neomuseológicas no Brasil, bem como das instituições museológicas criadas com base nessas organizações e pessoas. Uma série de lacunas, brechas e espaços, permanecem abertas, ecobertas ou silenciadas que ainda precisa ser desvendados sobre a atuação de diversos atores sociais e instituições que proporcionaram uma aplicação do olhar para com a Nova Museologia no Brasil. Por esse, e diversos outros motivos, esta pesquisa não pode ser considerada concluída, porque ela traz um caráter ou prerrogativa que não permite conclusões dogmatizadas acerca do recorte que usei ao longo da elaboração da dissertação. Investir em estudos de trajetória, requer uma compreensão para além do comum, pois estamos lidando diretamente com a história de vida de pessoas que ainda permanecem vivas, e principalmente, continuam produzindo teoria, que precisa ser analisada, compreendida e examinada minuciosamente. Lidar com a trajetória é esta suscetível a mudanças repentinas na escrita, afinal de contas, existe um legado ou posso dizer a fabricação da imortalidade que ainda esta em construção perante o status de teórico-prático, como denomino o trabalho de Hugues de Varine.

Para que, mediante a produção da “teoria da prática” na Museologia, sejam vistos e propagados, e haja uma atenção maior para a atuação de Hugues de Varine, bem como das mulheres que foram pioneiras na consolidação e aplicação de uma política de implantação da Nova Museologia no Brasil, há um amplo campo de investigação a ser desbravado pelos que hoje se formam nas graduações em Museologia. A qual destaque, as figuras de Odalice Miranda Priosti, Yara Mattos, Maria Terezinha Martins, Fernanda Camargo-Moro, Maria Célia Teixeira e Maria de Lourdes Parreiras Horta. Mulheres que muito contribuíram e continuam a contribuir com a expansão do legado teórico da Museologia no Brasil, mas que palidamente são analisadas diante da sua produção e práticas museológicas que vem

realizando nos últimos anos. Hoje, no âmbito da pesquisa museológica, temos poucos estudos que se aprofundam na história da produção teórica da Museologia no Brasil, principalmente a produção desenvolvida pelas mulheres.

Utilizei como pressuposto as categorias de “trajetória” (2000), “campo” (1983) e “teoria da prática” (1983), do sociólogo Pierre Bourdieu, para problematizar e analisar os mecanismos e engrenagens que consolida a formulação de legados e pioneirismos das práticas neomuseológicas no Brasil. Delimita-se por meio do estudo da trajetória, o levantamento de fatos e informações que margeiam o privado e o público, ao tratar da vida como elemento significativo na produção da fabricação da imortalidade de um agente que ainda se encontra em vida. Tive por objetivo um trabalho de produção de mecanismos que possibilitem um movimento individual e coletivo que venha a possibilitar o que Philippe Artières (1998) dispõe por “arquivar a própria vida”.

Em um jogo de poder que é pautado pelas agências e agenciamentos, temos como referencial um historiador que aceita se submeter a esse processo para que pudesse assumir a direção do Conselho Internacional de Museus-ICOM, antes ocupada por George Henri Rivière. Os jogos de poder possibilitaram a sua estadia no cargo por alguns anos, de onde o mesmo começa uma abordagem em torno do seu arquivamento específico e de agentes que ainda se encontram em vida, no caso, analisado a partir de um estudo dos relatos pessoais do próprio Varine, em que ele delimita a sua inserção no campo museal, a sua relação com George Henri Rivière e o conteúdo de algumas das entrevistas que foram concedidas por ele.

Levei em consideração os impactos gerados pela Mesa Redonda de Santiago do Chile, e a sua reverberação no campo científico museal, imbricado nas disposições de um anseio pela valorização e legitimação da “função social do museu”. Nasce como exemplo o Ecomuseu de Le Creusot na França, como sendo uma espécie de modelo para essa nova proposta que vinha sendo inspirada pelo documento de 1972. Com vias de disseminação de um pensamento-ação feito mediante a atuação de Hugues de Varine enquanto um militante da Nova Museologia. Isso torna-se visível, quando após a sua saída do ICOM, há o aumento da sua participação em eventos e consultorias em museus comunitários e ecomuseus.

Em meio ao trabalho, algo que chama a atenção é a forma com que as produções bibliográficas podem se transformar em ferramenta de análise não só da construção de conceitos e categorias, mas servem como aporte para a constituição de uma trajetória, tendo em vista a busca pelas terminologias que servem como base para a disseminação de Hugues de Varine enquanto teórico internacional, enfatizando a ideia de desenvolvimento social e ecomuseu. No

caso do conceito de ecomuseu, há porém um olhar mais específico ao que foi produzido por Varine, se tratando desse termo, muitos o associam diretamente a Rivière.

A análise dos livros *O Tempo Social* (1987), *As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local* (2012) e *O ecomuseu singular e plural: um testemunho sobre cinquenta anos de museologia comunitária no mundo* (2017)<sup>124</sup> revelou uma preocupação em elaborar uma teoria que fosse clara ao entendimento dos leitores, em sua grande parte eles desenvolvem o trabalho praticamente com a ausência física do consultor. Isso fica bem claro com a presença das fichas práticas que devem ser elaboradas por quem lê a publicação de 2012, aportado na perspectiva da produção da teoria pela prática.

Algo pouco elucidado na análise do pensamento museológico contemporâneo é a contribuição de Paulo Reglus Neves Freire, no período em que esteve exilado na França, quando conhece Varine. Essa relação de amizade produziu questões que envolvem a mudança de paradigma teórico da Museologia, com a constituição de uma nova corrente teórica voltada as questões debatidas na Mesa Redonda de Santiago do Chile, a qual o governo ditatorial brasileiro proibiu a participação de Paulo Freire. Suscitar esse questionamento é buscar pelo que foi herdado da relação entre Freire e Varine, a partir da sistematização de Odalice Miranda Priosti do que ela compreende como uma “Museologia da Libertação” e a percepção que faço mediante a formatação frente à tríade Museologia-Pedagogia-Teologia. Mediante princípios de uma teoria da libertação, que por sua vez, é reverberada pela produção bibliográfica de Paulo Freire, onde deve se destaca o trabalho da museóloga Maria Célia Teixeira Moura Santos e a criação do Museu-Didático de Itapuã.

Diante da breve análise realizada nos documentos disponíveis no site do IBRAM, nota-se a reverberação do pensamento de Hugues de Varine, em um processo de institucionalização da sua teoria. Onde temos citações diretas, e indicações de leitura que acabam agenciando a formulação da imortalização de seu legado, mediante um aparelho público de gestão e fomento das políticas museais brasileiras. Tamanho agenciamento se dá com a dispersão de dois momentos específicos da vida de Varine enquanto teórico. O primeiro momento ligado a uma posição hierárquica de gestão do ICOM, e a sua relação direta com Paulo Freire no planejamento da Mesa Redonda de Santiago do Chile. E em um segundo momento, temos a dispersão de conceitos e terminologias voltadas principalmente ao

---

<sup>124</sup> L'émusée singulier et pluriel: Un témoignage sur cinquante ans de muséologie communautaire dans le monde

livro *Raízes do Futuro*, numa construção da ideia de “desenvolvimento local”, “inventário participativo” e “comunidade”.

Conclui-se portanto, que há uma urgência na realização de novos estudos que possibilitem novas análises acerca da importância de Hugues de Varine no campo museal brasileiro. Em especial a sua atuação com as comunidades que receberam sua intervenção direta nos processos de instalação de ecomuseus/museus comunitários, pois ainda fica essa lacuna a ser preenchida na história das práticas neomuseológicas no Brasil. De forma que também deve ser analisada a atuação de outros agentes que tem dedicado a vida a construir e disseminar novas teorias da prática e que merecem ser investigados os impactos de suas trajetórias e pensamentos. Portanto, há necessidade de se enfrentar os silenciamentos das comunidades com a formulação de pesquisas que alcancem as comunidades envolvidas nesses processos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Vânia Maria Siqueira. REIS, Maria Amélia Gomes de Souza. Tecendo relações entre as reflexões de Paulo Freire e a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972. *Revista Museologia e Patrimônio*, Rio de Janeiro, vol. 6, n.º 1, 2013.

ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. Nina Gorgus. Le Magicien des vitrines. Le muséologue Georges Henri-Rivière. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo. v. 14. n.2, p. 317-322, jul.-dez. 2006.

AGOSTINI, Nilo. Prática da Liberdade e Ação Libertadora: A arte de educar em Paulo Freire. 37ª Reunião Nacional da ANPED, Florianópolis, 2015

ARAÚJO, M. M.; BRUNO, M. C. O. *A memória do pensamento museológico contemporâneo. Documentos e depoimentos*. São Paulo. Comitê Brasileiro do Icom/FFLCH/USP, p. 17-19, 1995.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, n.º21, p. 9-34. 1998.

BARBUY, Heloisa. A conformação dos ecomuseus: elementos para compreensão e análise. *Anais do Museu Paulista*, v.3, no.1, 1995.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Traduzido por Fernando Tomaz, Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu: Sociologia*, trad. Paula Montero e Alicia Auzmendi, São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

BOURDIEU, Pierre. Alta Costura e alta cultura. In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*, trad. Miguel Serrão Pereira, Lisboa: Fim do Século, 2003.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu: Sociologia*, trad. Paula Montero e Alicia Auzmendi, São Paulo: Ática, 1983.

BOFF, Leonardo e Clodovis. *Como fazer a Teologia da Libertação*. Petrópolis: Ed. Vozes, 8ª ed. 2001

BRULON, Bruno. Os mitos do ecomuseu: entre a representação e a realidade dos museus comunitários. *Revista MUSAS*, n.º 6, 2014.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Coord.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. Volume 1 e 2. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do ICOM, 2010.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. A Musealização da Arqueologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, n. 17, 1999.

CAMARGO-MORO, Fernanda. Prefácio. In: VARINE, Hugues de. *O tempo social*. Trad. Fernanda Camargo-Moro; Lourdes Rego Novaes. Rio de Janeiro, Eça Editora, 1987.

CAMARGO-MORO, Fernanda. A proposta do ecomuseu: experiência de Itaipú. In: *Anais do 1º Encontro Internacional de Ecomuseus*, Rio de Janeiro, 1992.

CANCLINI, N. Garcia. ‘O porvir do passado’ e ‘A encenação do popular’ In: *Culturas Híbridas*, São Paulo: Edusp, 1997.

CANDIDO, Antônio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1985.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Teoria Museológica: Waldisa Rússio e as correntes internacionais. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Coord.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. Volume 1 e 2. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do ICOM, 2010.

CERÁVOLO, Suely Moraes. Delineamentos para uma teoria da Museologia. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. v. 12, 2004.

CHAGAS, Mario de Souza. Contribuição para a teoria e a prática dos ecomuseus. *II Encontro Internacional de Ecomuseus*, Rio de Janeiro, Núcleo de Orientação e pesquisa Histórica (NOPH), v. 1, 2000.

*CADERNO DA POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO MUSEAL*. Brasília, DF: IBRAM, 2018. 132p.

CHAGAS, Mario de Souza. O campo de atuação da Museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, n.º 2, 1994.

CHAGAS, Mario de Souza. *Imaginação Museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. Dissertação de Mestrado – UFF, Rio de Janeiro, 2003.

CHAGAS, Mario de Souza; GOUVEIA, Inês. Museologia social: reflexões e práticas. *Cadernos do CEOM*, ano 27, n.º 41, 2014.

CHAGAS, Mario de Souza; Museus e Patrimônios: por uma poética e uma política. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n.º 35, 2017.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE François (Eds). *Conceitos-chave de Museologia*. Tradução de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria do Estado da Cultura, 2013.

*DOCUMENTO FINAL DA POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO MUSEAL*. Porto Alegre: IBRAM, 2017. 12p.

DUARTE, Alice. Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora. *Museologia e Patrimônio*, Rio de Janeiro, vol. 6, n.º 1, 2013.

FERNANDES, Ana Mercedes Fernandes dos Reis Diez Stoffel. *Um núcleo documental para o estudo do MINOM*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Museologia), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. 2005.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 36ª edição. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: perspectivas*. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 34

GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*. Rio de Janeiro, v. 9, jan/dez, 1996.

HEYMMAN, Luciana Quillet. Os fazimentos do arquivo Darcy Ribeiro: memória, acervo e legado. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n.º 36, julho-dezembro de 2005, p. 43-58.

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos. O Breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KUHN, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo, Editora Perspectiva, 1998.

LEITE, Pedro Pereira. *Sobre Ecomuseus, Ecomuseologia e Museus Comunitários*. Disponível em: <<https://informalmuseology.wordpress.com/informal-museology-studies/14-ecomuseusemuseologia-social/sobre-ecomuseus-ecomuseologia-e-museus-comunitarios/>>. Acesso em 18 de jul. 2017.

LIMA, Glauber Guedes Ferreira de. Museus, Desenvolvimento e Emancipação: O Paradoxo do Discurso Emancipatório e Desenvolvimentista na (Nova) Museologia. *Museologia e Patrimônio*, Rio de Janeiro, vol. 7, n.º 2, 2014.

MARTINS, Maria Terezinha R. Ecomuseu da Amazônia: uma experiência ao serviço do desenvolvimento comunitário no município de Belém-PA. *Cadernos do CEOM - Ano 27*, n. 41 - Museologia Social. 2014.

MASCARENHAS. Milena Costa, CASTANHA. André Paulo. *A Construção da Itaipu e os reflexos na educação de Foz do Iguaçu*. 4º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais, Paraná, 2009.

MATTOS, Yara. *Ecomuseu da Serra de Ouro Preto: relações entre lugar, comunidades e Patrimônio*. 2014, no prelo.

MATTOS, Yara. Ecomuseu Serra de Ouro Preto. LEMOS, Paulo; SIMÕES, Raphael (Orgs.). *Ouro Preto: Museus - Museums - Musées*. Ouro Preto: Livraria e Editora Ouro Preto, 2014.

- MATTOS, Yara. *Ecomuseu da Serra de Ouro Preto: arqueologia dos lugares e não lugares de uma experiência comunitária*. Disponível em: <[http://morrodaqueimada.fiocruz.br/pdf/13\\_Ecomuseu%20da%20Serra%20de%20Ouro%20Preto\\_arqueologia%20dos%20lugares%20e%20nao%20lugares%20de%20uma%20experiencia%20comunitaria.pdf](http://morrodaqueimada.fiocruz.br/pdf/13_Ecomuseu%20da%20Serra%20de%20Ouro%20Preto_arqueologia%20dos%20lugares%20e%20nao%20lugares%20de%20uma%20experiencia%20comunitaria.pdf)> Acessado em 20 de Fev. de 2019.
- MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 9, n° 17, jan./jun. p. 240-264, 2007.
- MONTEIRO, Simone Flores. *Política pública para museus no Brasil: O lugar do Sistema Brasileiro de Museus na Política Nacional de Museus*. Tese (Doutorado em Museologia), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2016.
- MOUTINHO, Mário Canova. Definição evolutiva de Sociomuseologia: proposta de reflexão. *Cadernos do CEOM*, UNOCHAPECÓ, v. 27, n.º 41, 2014.
- MOUTINHO, Mário Caneva. A Declaração de Quebec de 1984. In: ARAÚJO, M. M.; BRUNO, M. C. O. *A memória do pensamento museológico contemporâneo. Documentos e depoimentos*. São Paulo. Comitê Brasileiro do Icom/FFLCH/USP, p. 17-19, 1995.
- MOREIRA, Isabela da Costa. RIBEIRO, Tatiara S. Damas. Ecomuseu de Itaipu e Programa Cultivando Água Boa: gestão patrimonial comunitária na Bacia Paraná 3. *Cadernos do CEOM*, Santa Catarina, n°41, p. 289-305. 2014.
- NASCIMENTO JUNIOR, José do; TRAMPE, Alan; SANTOS, Paula Assunção dos. (Orgs.). *Mesa Redonda de Santiago de Chile 1972*. vol. 1, Brasília: Ibram/ MinC; Programa Ibermuseos, 2012.
- PLANO NACIONAL SETORIAL DE MUSEUS - 2010/2020*. Ministério da Cultura, Instituto Brasileiro de Museus. Brasília, DF: MinC/Ibram, 2010.
- PRIOSTI, Odalice Miranda. *Memória, comunidade e hibridação: museologia da libertação e estratégias de resistência*. Tese (Doutorado em Memória Social), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2010.
- PRIOSTI, Odalice Miranda. A vocação política dos processos museológicos comunitários: origens e processos. *XI Atelier Internacional do MINOM*, Molinos II, Espanha, 2005.
- PRIOSTI, Odalice Miranda. Ecomuseu urbano e iniciativas comunitárias: autonomia, liberdade e cidadania na relação com o patrimônio. In.: *Anais do II Encontro Internacional de Ecomuseus / IX Encontro Anual do Subcomitê Regional do ICOFOM para a América Latina e o Caribe - ICOFOM LAM, 2001*.
- PRIOSTI, Odalice; PRIOSTI, Walter. *Os ecomuseus e o patrimônio da liberdade de ação comunitária*. Disponível em: <<http://www.abremc.com.br/artigos3.asp?id=6>>. Acesso em 18 de jul. 2017.

PRIOSTI, Odalice Miranda. VARINE, Hugues de. O novo Museu das Gentes Brasileiras: criação, reconhecimento e sustentabilidade dos processos museológicos comunitários. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, n.º 28, p. 57-70, 2007.

PRIOSTI, Odalice Miranda; MATTOS, Yara. *Caminhos e percursos da Museologia Comunitária. XII Atelier Internacional do MINON*, Lisboa, 2007.

*POLÍTICA NACIONAL DE MUSEUS* / organização e textos, José do Nascimento Junior, Mário de Souza Chagas. Brasília: MinC, 2007. 184 p.

*Pontos de memória: metodologia e práticas em museologia social* / Instituto Brasileiro de Museus, Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura. – Brasília (DF): Phábrica, 2016.

PRIMO, Judite Santos. Pensar contemporaneamente a museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, n. 16, p. 5-38, 1999.

R. M. Silva e R. Januário. Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro. *Cadernos do CEOM*, ano 27, n.º 41, 2014.

ROJAS, R., Crespán, J. L. e Trallero, M. (Orgs.). *Os Museus no Mundo*. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil, 1979.

ROYER, Arcielli. SILVA, Tânia Pereira da. *A Pedagogia de Paulo Freire: da opressão à libertação*. Paraná, 2007.

RÚSSIO, Waldisa. *Museu: um aspecto das organizações culturais em um país em desenvolvimento*. Dissertação de Mestrado – Fesp/SP. São Paulo, 1977.

RÚSSIO, Waldisa. *Um Museu da Indústria na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado – Fesp/SP. São Paulo, 1980.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. *Encontros Museológicos: Reflexões sobre a museologia, a educação e o museu*. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2008.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Um compromisso social com a museologia. *Cadernos do CEOM*, Santa Catarina, Ano 27, n. 41, p. 71-114. 2014.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Entrevista concedida a Roberto Fernandes dos Santos Junior, Salvador, 27 fev. 2018.

SANTOS, Suzy da Silva. *Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil: Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Museologia), Universidade de São Paulo, 2017.

SANTOS JUNIOR, Roberto Fernandes dos. *Por uma “Museologia da Libertação”:* Patrimônio e Desenvolvimento Local em Hugues de Varine. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Museologia), Universidade Federal de Sergipe, 2017.

SANTOS JUNIOR, Roberto Fernandes dos. Da explosão de sentidos a consciência imediata: Definições da “teoria da prática” de Hugues de Varine-Bohan no Brasil. *Anais do 3º Seminário Brasileiro de Museologia*, Belém do Pará. 2017.

SCHEINER, Tereza Cristina. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 7, n. 1, p. 15-30, jan.-abr. 2012

SILVA, Wilton C. L. A vida, a obra, o que falta, o que sobra: memorial acadêmico, direitos e obrigações da escrita. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 7, n.15, p. 103 - 136. maio/ago. 2015.

SILVA, Cláudia Feijó da. *Do NOPH ao Ecomuseu de Santa Cruz: representações no jornal NOPH (1983-1990) e no jornal O Quarteirão (1993-2000)*. Rio de Janeiro, Brasil. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

SILVA, Sandro Ramon Ferreira da. *Teologia da Libertação: Revolução e reação interiorizadas na Igreja*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2006.

SIMÃO, Maristela dos Santos. *Museu, memória e cultura afro-brasileira*. Brasília, DF: IBRAM, 2018. 88p.

STERLIN, German Adolfo Ocampo. *Representações museográficas na fronteira: Museo de la tierra guarani (Hernandários/Paraguai) e Ecomuseu (Foz do Iguacu/Brasil)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2011.

SUSIN, Luiz Carlos. *Teologia da Libertação: de onde viemos, para onde vamos?* Horizonte, Belo Horizonte, v. 11, n. 32, out./dez. 2013.

THIRY-CHERQUES. Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. *RAP*. Rio de Janeiro. p. 27-55. Jan./Fev. 2006.

TOLENTINO, Atila Bezerra. *Museologia Social: apontamentos históricos e conceituais. Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, n° 8, 2016.

VARINE, Hugues de. Entrevista com Hugues de Varine-Bohan. In: ROJAS, R., CRESPIÁN, J. L. e TRALLERO, M. (Orgs.). *Os Museus no Mundo*. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil, 1979.

VARINE, Hugues de. *O tempo social*. Trad. Fernanda Camargo-Moro; Lourdes Rego Novaes. Rio de Janeiro, Eça Editora, 1987.

VARINE, Hugues de. Notas sobre o projeto de um museu comunitário In: *Anais do 1º Encontro Internacional de Ecomuseus*, Rio de Janeiro, 1992.

VARINE, Hugues de. A respeito da Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972). In: ARAÚJO, M. M.; BRUNO, M. C. O. *A memória do pensamento museológico contemporâneo. Documentos e depoimentos*. São Paulo. Comitê Brasileiro do Icom/FFLCH/USP, p. 17-19, 1995.

VARINE, Hugues de. Discurso de Hugues de Varine. In: NASCIMENTO JUNIOR, José do; TRAMPE, Alan; SANTOS, Paula Assunção dos. (Orgs.). *Mesa Redonda de Santiago de Chile 1972*. vol. 1, Brasília: Ibram/ MinC; Programa Ibermuseos, p.114, 2012.

VARINE, Hugues de. Entrevista concedida a Mario Chagas [23 de novembro, 1995]. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, vol. 5, n.º 5, p. 5-18, 1996.

VARINE, Hugues de. Entrevista concedida a Ana Carvalho [19 de abril, 2013]. Disponível em: <https://nomundodosmuseus.hypotheses.org/5585>. Acesso em 24 de jul. 2018.

VARINE, Hugues de. O Ecomuseu. *Revista Ciências e Letras*, n.27, p.61-90, jan./jun. 2000.

VARINE, Hugues de. *Les racines du futur: le patrimoine au service du développement local*. Crissey: ASDIC : 2002

VARINE, Hugues de. Patrimônio e Educação Popular. *Revista Ciências & Letras*, FAPA 31, Porto Alegre, p. 287-296, 2002.

VARINE, Hugues de. *As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. trad. Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre. Medianiz, 2012.

VARINE, Hugues de. *L'écomusée singulier et pluriel: Um témoignage sur cinquante ans de muséologie communautaire dans le monde*. Paris: L'Harmattan, 2017.

VARINE, Hugues de. Prefácio. In: CAMARGO e Almeida, Fernanda de (coord.). *Guia dos Museus do Brasil: roteiro dos bens culturais brasileiros levantados em pesquisa nacional*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, p.7-8, 1972

VARINE, Hugues de. Título da Tese [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <roberto.agroifect@gmail.com> em 09 fev. 2018.

VARINE, Hugues de. *O Ecomuseu e o Parque, Dois Instrumentos Complementares*. 2014, no prelo.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE 1

### Termo de Cessão de Entrevista

Eu, Hugues de Varine Bohan declaro para os devidos fins que cedo ao pesquisador Roberto Fernandes dos Santos Júnior os direitos de uso, divulgação e direitos autorais que correspondem a mim, do conteúdo da entrevista que lhe concedi por escrito para fins científicos. Declaro também que o conteúdo da entrevista poderá ser consultado sem restrições por pessoas qualificadas e devidamente acreditadas, a partir desta data, podendo o mesmo ser publicado, porém, sem alterar em nada a sua essência.

23 de janeiro de 2017.

H. de Varine Bohan

## APÊNDICE 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

MESTRADO EM MUSEOLOGIA

### CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, **eu Entrevistado (a)**: Maria Célia T. Moura Santos, RG: 00916503-72 emitido pelo(a): SSP-BA domiciliado/residente em: Alameda das Eritrinas, 64 – Caminho das Árvores, CEP- 41820 480 -Salvador – BA **declaro ceder ao Pesquisador**: Roberto Fernandes dos Santos Junior, CPF: 051.050.695-01, RG: 2.509.472-6 ,emitido pela SSP/SE, domiciliado/residente em Rua Caetano Moura, nº 188, Salvador-BA, CEP: 40210341, **sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao pesquisador/entrevistador aqui referido**, na cidade de Salvador, Estado da Bahia, em 27/02/2018, **como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado em Museologia da Universidade Federal da Bahia**. O pesquisador acima citado fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Salvador, 27 de fevereiro de 2018

*Mª Célia T. Moura Santos.*

(assinatura do entrevistado/depoente)

## APÊNDICE 3

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA**

### **AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO E USO DE IMAGEM**

Declaro para os devidos fins que está autorizado o uso e a veiculação da(s) minha(s) imagem(ns) que constarão na dissertação: *Por uma Museologia da Libertação: o pensamento de Hugues de Varine-Bohan e seus impactos no campo museal brasileiro*. A ser apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia- PPGMUSEU/UFBA, e publicado em suporte impresso e/ou eletrônico.

Paris, 09 de fevereiro de 2018

Assinatura:



Nome: Hugues de Varine  
Endereço: 75 quai de Seine – F-75019 Paris - França

## APÊNDICE 4

**Entrevista com Hugues de Varine em 22 jan. 2017**

**Tradução de Clovis Carvalho Britto**

1. No que tange os termos e conceitos da Nova Museologia. Qual a diferença entre Ecomuseologia e Sociomuseologia?

A **Nova Museologia** é um movimento de contestação da Museologia tradicional e de experimentação de novas formas de museus que valorizem o lugar dos museus na sociedade e novos modos de gestão de coleções. Ela é o fruto de transformações mais ou menos espontâneas que ocorreram nos anos 70 do século passado (Conferência ICOM de Grenoble, Mesa Redonda de Santiago, primeiros museus de territórios ou ecomuseus etc.). Muito tem sido falado sobre a Nova Museologia, mas ela não tem sido teorizada, tornando-se essencialmente uma prática e um ideal. Ela pode ser aplicada tanto para a transformação interna de museus tradicionais, quanto para a criação de novos museus.

A **Ecomuseologia** é uma palavra, também não codificada, que abrange uma série de práticas de gestão do patrimônio por uma comunidade em um território. Essas práticas são conhecidas por diversos nomes: ecomuseus propriamente ditos, museus comunitários, museus locais. Elas assumem formas mais ou menos experimentais, inventando modos de ação e educação patrimonial relacionados aos territórios culturais, sociais, ambientais e econômicos. Ela não é respaldada em modelos, até porque não existem dois museus comunitários ou ecomuseus semelhantes: cada projeto, cada realiação é única, porque cada comunidade, cada patrimônio e território são únicos.

A **Sociomuseologia** é uma disciplina acadêmica, de origem luso-brasileira, que tenta definir cientificamente os fenômenos e os conceitos da Nova Museologia e da Ecomuseologia. Ela analisa as experiências visando observar as características comuns.

2. O que viria a ser a “Museologia da Libertação” em aspectos teóricos e práticos?

Em 1971, quando eu estava preparando a Mesa Redonda de Santiago, eu integrava como militante e cidadão, uma ONG chamada "Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos" - INODEP, cujo presidente foi Paulo Freire, então no exílio no Conselho Ecumênico

de Igrejas, em Genebra, eu perguntei a Paulo se ele aceitava ser o principal orador em Santiago, em 1972, e ele aceitou imediatamente trabalhar para adaptar as suas ideias sobre a educação libertária, a conscientização etc. para os museus.

Mas o governo brasileiro se recusou a deixá-lo ir para Santiago em uma missão da UNESCO. A partir desse momento, enquanto eu considerava Paulo Freire como meu mestre, eu comecei a refletir sobre um museu inspirado em suas ideias.

Mais tarde, na década de 90, quando comecei a ir regularmente ao Brasil, comecei a discutir as propostas de Paulo Freire com os colegas brasileiros. Eu também vi Paulo em São Paulo, em 1992. Depois, Odalice Priosti, quando ela fez seu doutorado na UNIRIO, dedicou um capítulo inteiro de sua tese sobre a "Museologia da Libertação".

Atualmente, o trabalho de Nadia Helena Almeida no Ecomuseu de Maranguape (CE) vai na mesma direção, com o conceito de Cidade Educadora e rede de internet. (Ver <https://www.facebook.com/aredejuntos/?ref=ts&fref=ts> e também <http://cidadeseeducadoras.org.br/metodologias/como-criar-um-museu-comunitario/>)

Eu creio que podemos dizer que, no Brasil particularmente, a concepção de museu comunitário e seu papel no desenvolvimento corresponde bem às ideias de Paulo Freire. Da mesma forma, a crítica da "educação bancária" pode facilmente ser aplicada a uma Museologia que promove o património "sem terra" desconectado da sociedade e da cultura vibrante.

Mas se muito se fala sobre o diálogo de Paulo Freire e os museus brasileiros, à exceção de Odalice, creio que não houveram pesquisas ou publicações que enfocaram claramente uma "Museologia da Libertação".

### 3. Existem especificidades entre os ecomuseus latino americanos e brasileiros?

Não podemos dizer que há ecomuseus brasileiros ou latino-americanos. Existem na América Latina, e no Brasil, um grande número de museus comunitários, alguns dos quais levam o nome de ecomuseu, porque seus fundadores assim os designaram. Em termos brasileiros, os ecomuseus, museus de favelas, os museus indígenas, muitos Pontos de Memória, alguns terreiros e certas comunidades afro-brasileiras são museus comunitários.

Muitas vezes o termo ecomuseu é escolhido para se distinguir do museu tradicional e destacar claramente sua relação com o território, a comunidade, a globalização do património vivo (natural e cultural, material e imaterial) etc.

No México, existe uma grande quantidade de "Museus comunitários", mas poucos ecomuseus. A União dos Museus Comunitários da América os reconhece, eu creio, como ecomuseus, mas seus membros os denominam frequentemente de "Museus Comunitários". Ver <http://www.museoscomunitarios.org>.

O único país onde os ecomuseus possuem um "rótulo" oficial é a Itália, onde as doze regiões adotaram "leis de ecomuseus" e estabeleceram critérios para a aprovação de tais ecomuseus, métodos de avaliação, redes regionais etc.

Na China, os poucos ecomuseus se tornaram modelos para as "novas cidades". O mesmo ocorreu na Coreia..

É por isso que o Fórum organizado em Milão em julho passado para os ecomuseus italianos abarcou "os ecomuseus e museus comunitários".

#### 4. Quando foi iniciado o seu trabalho de consultor em desenvolvimento?

Eu comecei a trabalhar em 1975, em uma agência de desenvolvimento público em um pequeno distrito ao norte de Paris. Em seguida, em 1985, eu trabalhei para o desenvolvimento das zonas de habitação social na França e em 1990 eu criei a minha empresa de consultoria em desenvolvimento local e comunitário (ASDIC) com a qual eu trabalhei na França e no estrangeiro (especialmente em Portugal e no Brasil).

Cuidei em especial dos auxílios para a criação de empresas e empregos, inclusão social e projetos de desenvolvimento económico, cultural e social. Eu tinha uma equipe de 5 a 7 pessoas e a sede era na minha cidade, na Borgonha.

Em seguida, em 2000, eu continuei "free lance" e trabalhei principalmente em missões sobre o patrimônio e os ecomuseus, no Brasil e na Itália. Eu finalizei essa atividade profissional em 2013 e desde esse momento estou me dedicando ao ensino e ao acompanhamento de projetos, voluntários e gratuitos, especialmente na Itália.

#### 5. Como se deu o seu envolvimento com o Brasil?

Tudo começou em 1987, quando Fernanda Camargo Moro, que eu tinha conhecido quando eu dirigia o ICOM, traduziu e publicou em português meu livro "O Tempo Social" (Editora Eça - em francês *L'initiative Communautaire*). Depois eu participei em 1992 na primeira reunião internacional de ecomuseus no Rio de Janeiro, também organizado por Fernanda. Depois eu

vim diversas vezes em Itaipu, Rio Grande do Sul, e Petrópolis (com Maria de Lourdes Parreiras Horta, que dirigia a equipe do Museu Imperial). Em 2001 e 2004, participei ativamente no segundo e terceiro Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários (II e III EIEMC) no Ecomuseu de Santa Cruz.

Eu creio que duas razões expliquem meu envolvimento com o Brasil: eu poderia falar sobre o relacionamento dos museus com o desenvolvimento local, graças ao meu passado no ICOM e a minha profissão de agente de desenvolvimento; e também eu poderia falar um pouco de português, que eu aprendi em quase três anos em Portugal (1982-1984) como diretor do Instituto Franco-Português em Lisboa. Eu poderia, assim, acompanhar projetos de campo, com um olhar muito diferente, não como museólogo mas associado a uma experiência de museus com um outro desenvolvimento dos territórios.

Porque eu nunca quis dar conselhos ou fingir orientar os projetos: Eu queria manter o meu lugar estrangeiro ou de observador participante, os atores locais que decidiriam o que queriam e poderiam fazer a partir deles mesmos. Meus relatórios são realmente notas de visitas que contêm minhas reações subjetivas e questões que eu observava a partir dessa experiência. Eu creio que a minha presença ocasional lá e meu apoio permanente à distância ajudou a abrir perspectivas diferentes para os líderes de projetos e programas locais. Eu também estava trazendo experiência internacional e contatos muitas vezes úteis, não como modelos, mas como referências.

## 6. Quais projetos já prestou consultoria no Brasil?

Estas missões foram geralmente curtas, entre três dias e uma semana no campo. Elas foram seguidos por contatos frequentes via internet.

- Ecomuseu de Itaipu, Foz do Iguaçu (PR) – de 1987 a 2010 – missão de acompanhamento da evolução do ecomuseu desde a sua criação, implantação do Programa « Cultivando Água Boa », relação com o lado paraguaio (Museu da Terra Guarani)
- Ecomuseu da Santa-Cruz (Rio de Janeiro) – de 1992 a 2012 – participação dos Econtros Nacionais (Jornadas de Ecomuseologia, 2009) e Internacionais (II e III EIEMC 2000 e 2004), mobilização dos agentes econômicos.
- Ecomuseu da Serra de Ouro Preto (MG) – 2008-2012 – Organização do Ecomuseu, metodologia de inventário do patrimônio, integração do ecomuseu na rede de museus e

sítios do patrimônio de Ouro Preto e da Bacia do Ouro, criação de um parque arqueológico.

- Ecomuseu da Amazônia, Belém (Pa) – 2009-2012 – Organização do Ecomuseu, dinâmicas de micro-desenvolvimento e de micro-economia nos diversos territórios do ecomuseu, preparação do IV EIEMC, método de inventário, aplicação de cursos de capacitação, promoção do artesanado de bases tradicionais.
- Rio Grande do Sul – 1992-2012 – visitas quase todos os anos para consulta em diversos sites: Rio dos Sinos, Picada Café, Quarta Colônia, Porto Alegre (Orçamento Participativo e Lomba do Pinheiro), São Miguel das Missões, Pelotas.

Intervenções diversas:

- Fundação Oswaldo Cruz – 1994 ? – relação da Fundação com as favelas vizinhas.
- Organização e acompanhamento de uma viagem de estudos de ecomuseólogos brasileiros em alguns ecomuseus da Europa (2011)
- Apoio à criação da Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (ABREMC)

Todas estas ações foram objeto de notas e relatórios em francês, o principal foi traduzido para o português. Mas estes documentos são propriedade das organismos que me contrataram.

## APÊNDICE 5

### Entrevista com a Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Célia T. Moura Santos<sup>125</sup> em 27 fev. 2018

- 1- No que tange o campo museal brasileiro, qual a sua relação com Hugues de Varine em ações teóricas e práticas no país? Quais ações vocês trabalharam juntos?

O meu primeiro contato com a obra de Varine foi através de uma entrevista concedida por ele, quando presidente do ICOM, em uma publicação intitulada *Os Museus no Mundo*<sup>126</sup>, publicada pela Salvat Editora, em 1979. Aquela leitura provocou em mim um grande contentamento ao perceber que, como presidente do ICOM, ele considerava o museu como um meio, um instrumento, a serviço da sociedade. Na referida entrevista, também tomo conhecimento da existência do Museu de Anacostia, situado em Nova York, com cujas ações passo a me identificar, reforçando minhas expectativas de que era possível realizar práticas museológicas comprometidas com o desenvolvimento social.

Em 1987, as Museólogas Fernanda de Camargo Moro e Lourdes Rego Novaes realizam a tradução do livro de autoria de Hugues de Varine, *O Tempo Social*<sup>127</sup>, para o português e promovem o seu lançamento na Primeira Trienal Internacional de Museus do Rio de Janeiro. Essa publicação passa a constar da bibliografia básica da disciplina Ação Cultural e Educativa dos Museus, da qual fui a docente responsável durante 23 anos, no Curso de Museologia da UFBA. As reflexões sobre a vida cultural, a ação comunitária e o desenvolvimento social, bem como as experiências práticas do autor, preencheram uma lacuna, devido à carência de obras em português, com abordagens e análise reflexiva sobre esses temas, dificultando o acesso, principalmente para os estudantes. Passados 31 anos do lançamento do *Tempo Social*, em português, ainda o considero uma obra de referência para todos que atuam com as

---

<sup>125</sup> Maria Célia Teixeira Moura Santos é professora aposentada da Universidade Federal da Bahia – Curso de Museologia, Museóloga, aluna da primeira turma do Curso de Museologia da UFBA, Mestre e Doutora em Educação. Professora Visitante do Programa de Pós-Graduação em Museologia Social da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa - Portugal e Consultora nas áreas da Museologia, da Educação e da Gestão e Organização de Museus. Tem vários livros e artigos publicados.

<sup>126</sup> BIBLIOTECA SALVAT DE GRANDES TEMAS. *Passado e Presente dos Museus* (Entrevista com Hugues de Varine-Bohan). Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil, 1979.

<sup>127</sup> VARINE, Hugues de. *O tempo social*. Tradução e Coordenação de Fernanda Camargo e Lourdes R. Novaes. Rio de Janeiro: Livraria Eça, 1987.

Ciências Sociais. Ressalto, também, que, em minha vivência, como professora, sempre me identifiquei com os trabalhos de Varine, utilizando-os em sala de aula, como referências em textos de minha autoria e com grupos envolvidos em projetos com os quais tenho atuado.

Não tive oportunidade de participar em projetos com a atuação de Varine. Entretanto, os nossos contatos em eventos realizados no Brasil proporcionaram a oportunidade de aproximação e de diálogo em torno dos nossos campos de atuação, sendo, para mim, um grande aprendizado, proporcionado, sobretudo, por sua generosidade, simplicidade e abertura para ouvir o outro. Em um desses encontros, em um ônibus que nos conduzia para uma visita a um museu, sentada ao seu lado, tive o privilégio de ouvi-lo comentar sobre a relevância da Obra de Paulo Freire para o seu caminhar profissional. O meu contentamento foi grande pois este autor foi e continua sendo, para mim, um dos principais referenciais para minha atuação como educadora e museóloga.

Em 1999, quando da realização do VIII Ateliê do Movimento da Nova Museologia, “Patrimônio e Juventude, desafios para o século XXI”, realizado em Salvador, no período de 3 a 7 de novembro, atendendo ao nosso convite, fomos fazer uma visita ao Museu Didático-Comunitário<sup>128</sup> de Itapuã, oportunidade em que realizamos uma bela *roda de conversas* com participantes do projeto.

Mais recentemente, em 2012, estava na Diretoria de Museus do IPAC-Secult e promovemos, em Salvador, o lançamento de seu livro *As Raízes do Futuro: patrimônio a serviço do desenvolvimento local*<sup>129</sup>. Nessa oportunidade, fizemos uma visita ao Museu Wanderley Pinho, situado no Município de Candeias, quando tivemos oportunidade de nos reunir com lideranças da Comunidade da Ilha de Maré, com o objetivo de realizar uma *escuta* sobre suas expectativas e sugestões para a reestruturação do Museu.

- 2- Boa parte da produção bibliográfica de Varine está traduzida para o português você considera que isso possa ter influenciado o pensamento museológico brasileiro?

Penso que a obra de Varine tem sido relevante para a ação e para a reflexão de todos os museólogos brasileiros comprometidos com o humanismo, conscientes de que é possível

---

<sup>128</sup> O Museu Didático-Comunitário de Itapuã foi implantado no Colégio Estadual Lomanto Júnior com a participação do Curso de Museologia da UFBA, da comunidade local, dos professores e alunos, a partir de minha tese de Doutorado, intitulada “Processo Museológico e Educação: construindo um Museu Didático-Comunitário, em Itapuã, publicada pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa.

<sup>129</sup> VARINE, Hugues de. *As Raízes do Futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. Trad. Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

enriquecer o campo museal por meio de uma troca efetiva com milhares de sujeitos sociais que estão fora dos museus e da academia, compreendendo o patrimônio cultural como um instrumento para o desenvolvimento local, buscando a construção de um conhecimento com aplicação contextualizada, tanto pelos meios como pelos fins.

Com certeza, a publicação de sua obra em Português, contribui, efetivamente para a divulgação do conhecimento por ele produzido e para sua aplicação.

Percebi, em meus contatos com Varine, ao longo dos anos, que ele não se considera um acadêmico e não gosta de ser chamado de professor. Entretanto, para mim, ele foi sempre um mestre, que estimula a abertura de novos caminhos para que possamos ver, expressar e transformar a (s) realidade(s). Considero-o, também, como um acadêmico, não porque esteja vinculado a uma instituição de ensino e pesquisa, mas porque a produção de conhecimento por ele produzido e a qualidade de suas reflexões, resultado de suas vivências em projetos desenvolvidos em diversos países, ao longo dos anos, contribuíram, efetivamente, para o nosso campo de atuação e para a melhoria da qualidade de vida.

- 3- A teoria de Hugues de Varine impactou em algum dos seus trabalhos teóricos e práticos? Poderia apontar alguns desses trabalhos?

Como já registrei, os trabalhos de Varine contribuíram efetivamente para os aspectos teóricos e metodológicos dos diversos projetos com os quais estive envolvida, juntamente com os estudantes do Curso de Museologia da UFBA, com Educadores e membros de diferentes comunidades. A sua obra foi referência importante para que pudéssemos repensar o papel dos museus na sociedade, os conceitos de patrimônio, de território e de desenvolvimento local, contribuindo para que pudéssemos musealizar o contexto urbano, a dinâmica da vida e o patrimônio integral, a partir da iniciativa e do envolvimento dos sujeitos envolvidos no processo de ação-reflexão.

A maioria dos projetos, com os quais estive envolvida, foi registrada em publicações cujas referências encaminho para você, em documento anexado.

- 4- Qual a relação entre Paulo Freire e a Museologia?

Ainda me faltam dados suficientes para analisar a relação entre a obra de Paulo Freire e a Museologia, como campo de conhecimento. Entretanto, posso afirmar que a obra desse educador brasileiro foi um dos pilares importantes para a minha atuação como educadora e como museóloga; compreendo que, por meio de suas reflexões, pude construir uma bela e prazerosa relação entre a Pedagogia e a Museologia. Em 1998, fiz algumas abordagens sobre este tema em uma entrevista concedida ao Prof. Mário Chagas<sup>130</sup>. A título de contribuição para sua pesquisa, reproduzo as reflexões feitas naquele momento:

Nos anos 70, começamos a reconhecer que o homem é, ao mesmo tempo, o produto e o criador de sua sociedade e de sua cultura. Começamos a desenvolver ações, talvez de forma não intencional, que traçam um esboço do que consideramos o marco mais significativo da evolução do processo museológico na contemporaneidade: a passagem do sujeito passivo e contemplativo para o sujeito que age e que transforma a realidade. Nessa perspectiva, o preservar é substituído pelo apropriar-se e reapropriar-se do patrimônio cultural, buscando-se a construção de uma nova prática social. Vejamos o que diz Paulo Freire, a respeito do processo de aprendizagem: “no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isso mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o apreendido a situações existenciais concretas. Pelo contrário, aquele que é enchido por outros de conteúdos cuja inteligência não percebe, de conteúdos que contradizem a própria forma de estar em seu mundo, sem que seja desafiado, não aprende”.

Percebe-se, por exemplo, ao analisarmos o documento da Mesa Redonda de Santiago do Chile, realizada em 1972, evento da maior importância para a Museologia da América Latina, que as reflexões de Paulo Freire estão ali presentes, apesar de ele não ter podido aceitar o convite para participar daquele encontro. Entretanto, a sua ausência não impediu que os temas mais marcantes da sua obra, ou sejam: a conscientização e a mudança, que levam o educador e todo profissional a se engajar social e politicamente, comprometido com um projeto de sociedade diferente, estivessem presentes em Santiago e ainda estejam presentes em nosso campo de atuação, na atualidade.

O convite ao Prof. Paulo Freire, um dos maiores pedagogos dos nossos tempos<sup>131</sup>, expulso do nosso país naquela época, demonstra a coragem dos organizadores do evento,

---

<sup>130</sup> Entrevista concedida em 1998, publicada em: SANTOS, Maria Célia T. Moura. *Reflexões Museológicas: caminhos de vida*. Lisboa: ISMAG/UHLT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias). Centro de Estudos de Sociomuseologia. 2002.

<sup>131</sup> Ainda nos anos 70, Paulo Freire era Consultor para Educação do Conselho Ecumênico das Igrejas, em Genebra, e Hugues de Varine estava organizando uma ONG internacional denominada Instituto Ecumênico para

como também, em propor um encontro daquele teor em um país da América Latina, quando os países imperialistas procuravam reagir à onda de contestação e lutas revolucionárias dos anos 60, investindo na implantação de ditaduras militares em nosso continente. Com a ausência do Prof. Paulo Freire, perderam os participantes, perdeu a Museologia, que, com certeza, teria sido enriquecida com as suas reflexões.

Salvador, 27 de fevereiro de 2018.



Profa. Dra. Maria Célia T. Moura Santos

---

o Desenvolvimento dos Povos, que, segundo declaração do próprio Varine, Paulo Freire havia sido convidado para presidi-la. Também é feito a Paulo Freire convite para presidir a Mesa Redonda de Santiago do Chile. (A Respeito da Mesa Redonda de Santiago. Comitê Brasileiro do ICOM. *A Memória do Pensamento Museológico Contemporâneo*. (documentos e depoimentos). 1995, P.17 e 18, mimeografado.